

Eles são «muitos, muitos mil»

Frequentam o Ensino Básico e o Ensino Secundário

A maioria tem idades compreendidas entre os 14 e os 18 anos. O que é que sabem da sua força?



■ Luísa Araújo Pág. 20

Como um adepto das ideias liberais se desilude com o liberalismo na economia...

■ Lino de Carvalho Pág. 21



Reportagem no Campo dos Refugiados Saharais

Viver no inferno a sonhar com a liberdade

■ Anabela Fino Págs. 22 e 23

Escócia e País de Gales no caminho da independência?

■ Manoel de Lencastre Pág. 24

Avante!

Órgão Central do Partido Comunista Português

Semanário • ISSN 0870-1865 • 9 de Outubro de 1997 • Preço: 180\$00 (IVA incluído) • N.º 1245 • Director: Carlos Brito

Com os votos do PS, do PCP e do PEV a Assembleia da República aprova hoje

MAPA DAS REGIÕES

Luís Sá ao «Avante!» – «O contexto em que esta aprovação se verifica cria uma situação contraditória.

Por um lado, entrou em vigor a lei de revisão constitucional, de que resulta um processo longo e difícil de instituição das regiões, na sequência das reivindicações da direita. Por outro lado, a aprovação segue-se a um período de debate público em que as assembleias municipais foram consultadas, disseram o que pretendiam sempre que o entenderam, sendo a sua opinião respeitada. Nesse sentido, é uma etapa importante que se cumpre, mas que deixa muitos problemas ainda em aberto.»

Pág. 5

30 anos após a sua morte

A grandeza do CHE e o despojar dos mitos



Evocando a memória de Ernesto Guevara, o «Avante!» junta-se às homenagens que assinalam os 30 anos passados sobre o assassinato do Che, com um artigo de Miguel Urbano Rodrigues e uma nota biográfica do revolucionário anti-imperialista.

Centrais

AUTARQUICAS

Distrito de Setúbal

Aqui construímos o futuro

CDU



Carlos Carvalhas no Encontro da Juventude, em Palmela

RESUMO

1 Quarta-feira

O PCP exige um aumento das reformas e pensões ■ Portugal e Espanha chegam a acordo sobre a delimitação dos comandos da NATO sob a sua responsabilidade ■ Inicia-se a segunda ronda de conversações sobre Timor-Leste entre representantes de Portugal e da Indonésia ■ Israel liberta o xeque Yassine, líder do Hamas ■ Na Argélia, o Exército Islâmico de Salvação decreta uma trégua em todo o país ■ As forças da NATO na Bósnia tomam quatro emissoras de rádio nacionalistas ■ A República Democrática do Congo responde com obuses aos disparos vindos do Congo que têm atingido Kinshasa.

1 Quinta-feira

É anunciado que os toxicodépendentes estabilizados poderão ter acesso à metadona nas farmácias mediante uma receita médica ■ Ramos-Horta apela à Resistência Timorense no interior para que se abstenha de combater a Indonésia pelas armas ■ Os ministros dos Negócios Estrangeiros da UE assinam o Tratado de Amesterdão ■ O Orçamento de Estado italiano para 1998 é chumbado com os votos contra da Refundação Comunista, devido aos cortes na previdência social e nas reformas e pensões ■ A Rússia critica as acções da NATO contra as rádios bósnias.

3 Sexta-feira

Carlos Carvalhas participa na apresentação dos cabeças de lista aos Órgãos autárquicos de Loures ■ O Tribunal de Braga condena Carlos Silva a 16 anos de prisão pelo homicídio de Alain Buret ■ A Justiça americana anuncia que vai investigar Al Gore, vice-presidente dos EUA, por angariar fundos para a sua campanha eleitoral a partir da Casa Branca ■ Boris Ieltsin ameaça dissolver o Parlamento russo ■ O chefe da diplomacia do Canadá acusa os serviços secretos israelitas de estarem implicados na tentativa de assassinato de Khaled Mechaal, líder do Hamas, em Amã.

4 Sábado

Realiza-se o Encontro Regional da CDU da Madeira ■ Um forte temporal abate-se sobre várias zonas do país, provocando inundações ■ O jornal «Financial Times» revela que o Governo

britânico aprovou em segredo 11 contratos de defesa com a Indonésia ■ Na Argélia, dezenas de pessoas são massacradas em várias zonas do país ■ A Autoridade Palestiniana apela aos EUA para pressionarem Israel para pararem as actividades de colonização.

5 Domingo

Realiza-se o Encontro Distrital da Juventude CDU de Setúbal, com a presença de Carlos Carvalhas ■ Comemoram-se os 87 anos do 5 de Outubro ■ Dois candidatos a guardas-florestais morrem na Madeira devido ao frio ■ Realizam-se eleições presidenciais na Sérvia ■ A União Europeia Ocidental anuncia que vai aumentar os seus efectivos policiais na Albânia nos próximos meses ■ O Governo da RD do Congo suspende as actividades da ONU no país e encerra a fronteira com o Ruanda.

6 Segunda-feira

O Conselho de Estado aprova, com um voto contra, o parecer favorável à nomeação dos ministros da República para os Açores e para a Madeira ■ Gerald McGowan é nomeado embaixador dos EUA em Portugal ■ É anunciado que a eleição presidencial na Sérvia foi invalidada devido à fraca participação do eleitorado ■ Em Espanha, o julgamento dos dirigentes do Herri Batasuna é adiado uma semana ■ O exército indiano anuncia que vai retirar-se das principais cidades de Caxemira ■ Stanley Prusiner é congratulado com o Nobel da Medicina.

7 Terça-feira

A ministra da Saúde admite alargamento dos horários dos Centros de Saúde ■ Começa, em Faro, com a presença do Presidente da República, o VIII Fórum Mundial da Criança ■ Termina em Pádua o Encontro Internacional para a Paz, com apelo à abolição total da pena de morte ■ Jacques Santer admite um acréscimo de fundos para Portugal ■ Inicia-se, em Belfast, as negociações multipartidárias sobre o futuro da Irlanda do Norte ■ Yassin, fundador do Hamas, apresenta em Gaza as suas condições para um cessar fogo com Israel ■ A ministra do Ambiente francesa, Dominique Voynet, lança apelo aos grandes Estados (EUA, Japão e Austrália) no sentido de reconsiderarem a não assinatura da convenção da ONU sobre a Luta contra a Desertificação.

EDITORIAL

Referendos

O Dr. Jorge Sampaio escolheu os referendos para tema dominante do seu discurso comemorativo da implantação da República, na data histórica do 5 de Outubro.

O Presidente da República fez questão de salientar que quando «se entende que a população deve ser directamente consultada, esse não pode ser encarado como um momento de divisão, antes de clarificação democrática de escolhas».

Compreende-se a preocupação.

O tema do referendo foi durante bastante tempo matéria polémica na nova democracia portuguesa nascida do 25 de Abril. Recearam-se sobretudo as suas perversões plebiscitárias, tanto pelos precedentes do seu uso na ditadura fascista com a imposição da «constituição» de 1933, como pela tentativa da direita de o introduzir na nova ordem democrática, primeiro com objectivos semelhantes aos da ditadura e depois como instrumento de contestação da Constituição da República aprovada pela Assembleia Constituinte, em 1976.

Só na revisão de 1989 é que o referendo teve consagração constitucional e, ainda assim, com extremas cautelas e equilíbrio de soluções quanto à iniciativa, às regras de aprovação e às matérias referendáveis.

Liberalizado o regime do referendo na última revisão da Constituição, que há pouco entrou em vigor, o País vê-se de súbito e para já colocado na iminência não de um mas de dois referendos, que são realmente três, pois um deles corresponde à fórmula publicitária de 2 em 1.

Referimo-nos, claro, ao referendo da regionalização que compreende um referendo nacional e um referendo regional, nacionalmente realizado.

Não por qualquer perversidade da figura do referendo, mas por culpa de quem governa, os dois (três) referendos que se preparam estão inquinados à partida e é isso que pode torná-los sérios factores de divisão.

Na verdade, o referendo sobre a integração europeia surge não para dar a palavra ao povo soberano, mas para disfarçar que ela não tivesse sido dada quando neste processo mais se exigia - na ratificação do Tratado de Maastricht - e para disfarçar que ela continue a não ser dada sobre matérias realmente relevantes - como a moeda única ou o «pacto de estabilidade».

O Tratado de Maastricht que foi submetido a referendo em vários países implicou para o nosso tão profundas alterações que teve que realizar-se uma revisão da Constituição, a de 1992, para que pudesse ser ratificado. Apesar disso, PS e PSD deram as mãos para impedir que o nosso povo fosse chamado a tomar a decisão final, recusando a proposta do PCP, feita em sede de revisão da Constituição, para tornar possível este referendo.

Foi esta mesma atitude que prevaleceu no vergonhoso acordo PS-PSD que serviu de base à revisão da Constituição, concluída em 3 de Setembro. Já se sabia que o chamado «referendo sobre a Europa» que os dois parceiros configuraram na revisão constitucional seria uma pura mascarada para tentar fazer crer que é dada a palavra ao povo.

A pergunta aprovada no Conselho de Ministros da passada quinta-feira, depois de reuniões prévias do estado-maior do PS, ultrapassa o pior que se podia imaginar e é «uma monumental mistificação», como justamente lhe chama Luís Sá, no comentário que inserimos na presente edição do «Avante!».

Na proposta de lei que o Governo aprovou para enviar à Assembleia a pergunta proposta para este referendo é a seguinte: «Portugal deve continuar a participar na construção da União Europeia que resulta do Tratado de Amsterdão?».

Isto é, o Governo foge ao questionamento de qualquer matéria concreta e inteligível, como por exemplo o desaparecimento da moeda nacional. Na primeira parte da pergunta parece que se põe tudo em causa até à admissão da saída de Portugal na União Europeia, coisa que nenhuma força política de alguma importância no país defende actualmente. O exagerado âmbito da primeira parte da interrogação tem em vista forçar uma resposta afirmativa (o que é que se passaria se fosse negativa?), tanto mais que a segunda parte incide sobre coisa nenhuma, que é o que vale o Tratado de Amsterdão, como toda a gente sabe.

Com o sentido manipulador que a sua pergunta evidencia, o Governo parece querer fazer pouco dos portugueses. Além disso, tira credibilidade ao próprio instituto do referendo e dá para o estrangeiro uma péssima imagem do nosso país, do povo e, claro, dos governantes que procedem deste modo.

Não é mais edificante o processo do referendo sobre a regionalização.

Começou por ser objecto de uma intensa campanha de Marcelo Rebelo de Sousa e do seu partido realizada com notória má-fé, pois, na altura apresentavam-se como defensores da regionalização, enquanto hoje a condenam e a designam de «o retalhar do país».

Este referendo acabou, no entanto, por ser aceite pelo PS e o Governo, depois de terem usado contra ele o argumento de princípio, logicamente intransponível, de que os comandos constitucionais não se referendam.

De cedência em cedência por parte do PS, chegámos à Proposta de Lei Orgânica do Referendo Nacional aprovada em Conselho de Ministros, da passada quinta-feira.

Aí, o Governo pretende que seja estabelecido pela Assembleia da República, a quem compete legislar na matéria, que este referendo será sempre vinculativo se vencer o «não», seja qual for a votação, mas se vencer o «sim» só será vinculativo se tiverem votado mais de 50 por cento dos eleitores recenseados.

Esta exigência significa que a regionalização pode ser impedida não só pelos que, alheados da questão ou tomados pela dúvida, se remetem à abstenção, mas pela própria desactualização dos cadernos de recenseamento onde continuam a figurar largas centenas de milhar de eleitores que entretanto morreram e muitos outros que mudaram de residência sem que fossem feitas as necessárias correcções.

Mas o Governo vai ainda mais longe ao querer fixar como doutrina «que a regionalização só se processe se os portugueses o desejarem inequivocamente.»

Com isto, os governantes do PS não hesitam em intervir desde já no sentido de desaconselhar que a Assembleia avance com a regionalização no caso de uma votação indicativamente favorável, como seria uma boa votação a favor do «sim», sem que 50 por cento dos eleitores tivesse votado.

Isto é, o Governo PS ao dar a palavra ao povo nestas circunstâncias dá todas as vantagens aos opositores da regionalização e condiciona à partida o mais que pode a eficácia do resultado do referendo, desfigurando desta forma, mais uma vez, a credibilidade deste instrumento da democracia participativa.

Entretanto, a causa da regionalização dá hoje um passo de inegável importância com a aprovação da Lei de Criação das Regiões Administrativa, a tal que será submetida a referendo. Esperamos que o País saiba reunir-se em torno desta causa. Será essa a única forma de levar de vencida os novos obstáculos, incluindo vindos do Governo, que não deixarão de lhe ser colocados no caminho.

Avante!

Proletários de todos os países UNI-VOS!

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português
Rua Socio Pereira Gomes
— 1699 Lisboa CODEX. Tel. 793 62 72

DIRECÇÃO E REDACÇÃO:
Rua Socio Pereira Gomes — 1699 Lisboa CODEX.
Tel. 796 97 25/796 97 22. Telex 18390
Fax: 795 22 64

ADMINISTRAÇÃO:
Editorial «Avante!», SA — Av. Almirante Reis — 90,
7^a-A, 1100 Lisboa.
Capital social: 15 000 000\$00. CRC matriculada: 47058.
NIF — 500 090 440

DISTRIBUIÇÃO:
DISTRIBUIÇÃO ADE'S
Editorial «Avante!», SA — Av. Almirante Reis, 90, 7^a-A,
— 1100 Lisboa
Tel. (01) 815 34 87/815 35 11
Fax: 815 34 95

Aleatões de remessa:
Até às 17 horas de cada sexta-feira:
Tel. (01) 815 34 87/815 35 11

DISTRIBUIÇÃO COMERCIAL
DELTAPRESS

Delegação Lisboa:
Tapada Nova
Capa Rota — Linho — 2710 Sintra
Tel. (01) 924 04 47

Delegação Norte:
Zona Industrial da Maia
Sector IX
Rua B.L. 227 — 4470 Maia
Tel. (02) 941 76 70

ASSINATURAS: Av. Almirante Reis, 90, 7^a-A 1100 Lisboa
— Tel. (01) 815 34 87/815 35 11 — Fax: 815 34 95

PUBLICIDADE: Av. Almirante Reis, 90, 7^a-A 1100 Lisboa
— Tel. (01) 815 34 87/815 35 11 — Fax: 815 34 95

Composição e Impressão
Heska Portuguesa, SA
R. Elias Garcia, 27
Venda Nova — 2700 Amadora
Depósito legal nº 205/85

TABELA DE ASSINATURAS*

PORTUGAL (Continente e Regiões Autónomas)	EXTRA-EUROPA
50 números: 8 100\$00; 25 números: 4 200\$00	50 números: 46 100\$00
EUROPA	GUINÉ-BISSAU, S. TOMÉ E PRÍNCIPE e MACAU
50 números: 28 600\$00	50 números: 33 850\$00

* IVA e portes incluídos

Nome _____

Morada _____

Código Postal _____

Enviar para Editorial «Avante!» acompanhado de cheque ou vale de correio.

E-mail: avante.pcp@mail.telepac.pt

Web: <http://www.pcp.pt>

Incrível firmeza do PS

O mau é quando o PS inicia um braço-de-ferro com a direita e faz proclamações de firmeza: é certo e sabido que vai ceder.

Aconteceu mais uma vez na quinta-feira passada a propósito da disputa entre PS e PSD em relação ao referendo sobre a regionalização.

Os dois partidos desentenderam-se na interpretação do texto que «cozinharam» para a revisão da Constituição. Tal é a trapaalhada!

O PSD teimava que este referendo, como qualquer outro, só tem carácter vinculativo se votarem mais de 50 por cento dos eleitores recenseados. O PS sustentava que este referendo tem um regime especial como decorre do texto da Constituição que o instituiu, bastando qualquer maioria. Parecia certo este ponto de vista. Até Jorge Lácio, o mor «cozinheiro» constitucional pelo PS, veio a público com um longo artigo doutrinário, recheado de citações em latim e tudo, para fundamentar a interpretação.

Pois estava-se nisto, quando de repente o Governo PS, opta, em Conselho de Ministros, por dar toda a razão ao PSD.

Nada se conhece sobre os motivos desta reviravolta. O que se conhecem são as declarações de vitória dos pêsseões, bem como a forma como estes gozam, pelos corredores da Assembleia, a «firmeza» do PS. Insinuam eles que «quando o PS diz que qualquer questão é fechada, normalmente, é fechada apenas por seis meses».

Desta vez nem chegou a seis semanas.

O resultado é que é muito claro: o PS, como vem fazendo em tudo que respeita à regionalização, dá todas as vantagens aos opositores desta. Assim, a votação será sempre vinculativa se vencer o «não». Se vencer o «sim» só será vinculativa se mais de metade dos eleitores recenseados tiver votado.

O Governo PS vai mesmo mais longe ao pretender invalidar o significado indicativo de uma maioria favorável ao «sim», se a condição de mais de 50% dos eleitores não se tiver verificado, inventando uma nova exigência, a de «os portugueses o desejarem inequivocamente»...

Com mais esta piraeta dos mandantes do PS e sabendo-se como os cadernos eleitorais

estão desactualizados, a regionalização pode ser impedida de avançar não por falta de vontade inequívoca dos portugueses, mas pelo grande número de mortos que não foram eliminados do recenseamento.

A este resultado conduziram as sucessivas cedências do PS, a começar pela aceitação dos referendos depois de ter proclamado e justamente teorizado que os comandos constitucionais não se referendam. É o mesmo que tem feito noutras matérias, quando a direita faz barulho: como na redução do número de deputados, no voto dos emigrantes nas presidenciais, nos círculos uninominais, etc. Quando se trata de defender os interesses do capital então é que mostra verdadeira firmeza, como na burla das 40 horas.

A regionalização tem hoje um momento importante com a aprovação pela Assembleia do mapa das regiões administrativas que é um passo fundamental para o seu avanço.

Mas com este PS no Governo que mais estará reservado à regionalização?

■ Carlos Brito

Propinas – os factos

Apesar do acentuado secretismo com que o Ministério da Educação tem rodeado a preparação do Orçamento da Educação para 1998, em relação ao ensino superior os factos já aí estão:

- O montante do orçamento de funcionamento proposto para 1998 para as universidades e politécnicos públicos ascende a 131,8 milhões de contos, o que representa um incremento de apenas 4,2% em relação a 1997, claramente inferior aos efeitos conjugados da inflação e do aumento do número de vagas de acesso (que atingiu perto de 11%).

- Se se isolar o orçamento de funcionamento proposto só para as universidades públicas esta situação ainda é mais expressiva, pois o Ministério da Educação propõe uma verba de 103,6 milhões de contos, ou seja, com um incremento apenas de 3,1 milhões de contos apesar da inflação e do crescimento do sistema.

- Em relação a esta proposta de orçamento de funcionamento para as universidades públicas o facto sem dúvida mais grave é que o seu montante, determinado a partir da fórmula de financiamento existente há vários anos (que estabelece o esforço financeiro do Estado com base num conjunto de critérios objectivos) conduziu ao valor global de 114 milhões de contos, aos quais foram depois incompreensivelmente retirados 10,3 milhões de contos (8,4 milhões de contos correspondentes ao que o Ministério da Educação prevê que seja cobrado de propinas e 1,9 milhões de um corte adicional aleatório).

Desta forma e contrariamente ao que havia sido repetidamente afirmado e prometido pelo Governo aquando da discussão da lei do financiamento, a verba a cobrar das propinas não surge como aditiva em relação ao financiamento do ensino superior público (com a

função de investimento suplementar na sua qualidade) mas pura e simplesmente como substitutiva do esforço do Estado, como aliás se receava.

- Quanto à acção social escolar no ensino superior público, a proposta de orçamento para o próximo ano regista um aumento de apenas 3,1 milhões de contos - demasiado escasso se se tiver em conta o universo de 210 mil alunos de bacharelato e de licenciatura e sobretudo o nível miserabilista a que a acção social escolar tem continuado a ser prestada. É por isso que no novo regulamento de atribuição de bolsas, conforme foi divulgado pela comunicação social, para um aluno receber uma bolsa de 51.400\$00 por mês a sua família deve ter um rendimento igual ou inferior a 14 contos (!) per capita. E para um rendimento familiar per capita de 50 contos, a bolsa de estudo do aluno não excede os três contos noventa e cinco e cinquenta por mês (!), que nem sequer chega para pagar as propinas que o Governo quis impor...

É particularmente inadmissível que o Governo desrespeite, uma vez mais, a fórmula de financiamento existente e pretenda utilizar a verba a cobrar das propinas como substitutiva do financiamento público. Outros argumentos que não houvesse - como há - para demonstrar o carácter injusto, iníquo e inadequado da «lei das propinas» aprovada por iniciativa do Governo, não bastaria este procedimento para esclarecer os verdadeiros propósitos de desresponsabilização do Estado em relação ao ensino público e para evidenciar a necessidade da revogação desse diploma?

■ Edgar Correia

EUA/JAPÃO

Um alerta necessário

A recente revisão das «Directrizes para a cooperação da defesa nipo-norte-americana» envolve questões muito sérias para a paz e a segurança para que importa alertar. Se é verdade, como afirmam economistas e politólogos de todos os quadrantes, que a região Ásia-Pacífico é a «mais dinâmica» e que o eixo das relações económicas tende a deslocar-se da área Euro-Atlântica para a área Ásia-Pacífico, e se é aqui que vivem as nações mais populosas do globo - não pode deixar de prestar-se a maior atenção à evolução das relações político-diplomáticas e às movimentações militares nesta área. A referida «revisão», visando não a abolição mas o fortalecimento e o alargamento da aliança militar imperialista consagrada no «Tratado de Segurança EUA/Japão», é inquietante.

É preciso não esquecer que na região Ásia-Pacífico confluem países tão importantes como o Japão, a China, os EUA, a Rússia, sem esquecer a Indonésia e a própria Índia. É preciso não esquecer que foi nesta região - com a ocupação da Manchúria pelo Japão com a cumplicidade dos EUA e outras potências ocidentais - que precisamente começou a 2ª guerra mundial. É preciso não esquecer que foi aqui, em Hiroshima e Nagasaki, que pela primeira e única vez na História foi utilizada a bomba nuclear, precisamente e tão-somente para afirmar (porque além de criminoso não tinha qualquer justificação militar) as pretensões hegemónicas do imperialismo norte-americano na região. É preciso não esquecer que foi aqui que, para «conter o comunismo» e sufocar a luta libertadora dos povos, tiveram lugar as duas mais mortíferas guerras do chamado período de guerra fria (Coreia e Vietnam/Indochina) impostas precisamente pelos EUA e com o concurso das suas bases militares no Japão. E é ainda necessário não esquecer que, com as suas particularidades e experiências próprias e a solidariedade e interrogações que suscitam, é na região da Ásia-Pacífico que se situa a maioria dos países que apontam como orientação e objectivo a construção de sociedades socialistas.

A questão da revisão do Tratado de Segurança nipo-norte-americano foi precisamente um dos temas centrais do 21º Congresso do Partido Comunista do Japão que se realizou de 22 a 25 de Setembro em Atami, próximo de Tóquio. Na sua luta pelo progresso social e o socialismo, os comunistas japoneses consideram como objectivo imediato fundamental libertar o seu país da tutela dos EUA, desmantelar as bases norte-americanas (Okinawa, região de Tóquio e outros pontos do país), anular o «Tratado de Segurança», construir um Japão não nuclear, não alinhado e neutral que seja um factor de paz na Ásia e no mundo. A «revisão» do Tratado vai precisamente no sentido oposto a estes objectivos. Reforça as obrigações do Japão perante os EUA no terreno militar e desse modo o envolvimento directo do Japão em actos de guerra que os EUA decidam unilateralmente desencadear em resposta a «situações de emergência», sejam elas na Península da Coreia, no estreito da Formosa, ou em qualquer outro ponto da Ásia-Pacífico, o que, evidenciando os propósitos hegemónicos dos EUA, encerra grandes perigos para a paz na Ásia e no mundo.

A apreciação e os alertas dos camaradas japoneses devem ser levados muito a sério. Não há qualquer dúvida de que a coberto de boas palavras sobre «paz», «segurança» e «estabilidade», o militarismo, antes justificado com a «ameaça soviética», continua a avançar. Na Ásia como na Europa, aqui com o reforço e alargamento da NATO para Leste e a progressiva militarização da União Europeia, sempre com os EUA na dianteira a ditarem as suas condições aos próprios aliados, sempre na perspectiva de uma «nova ordem» totalitária contra os trabalhadores e contra os povos. É assim que a luta em defesa da paz, pelo desarmamento, pela dissolução da NATO e outros blocos militares, para criação de efectivos mecanismos de segurança colectiva, contra a política intervencionista e agressiva dos EUA e do imperialismo em geral, tende a voltar ao primeiro plano da acção dos comunistas e de todas as forças democráticas, progressistas e amantes da paz.

■ Albano Nunes



Foto: Sérgio Morais

Judiciária investiga laboratórios farmacêuticos

Segundo o *Diário de Notícias*, a Polícia Judiciária efectuou, há exactamente uma semana, buscas em cinco laboratórios de indústria farmacêutica no nosso país, nomeadamente os da Bayer, Roche, Atral-Cipan e Boeinger Ingelheim, recolhendo quilos de material para análise. As buscas foram desencadeadas na sequência das notícias surgidas pela primeira vez no *DN* sobre pagamentos a médicos, por parte dos laboratórios farmacêuticos, para que estes privilegiassem no receituário os respectivos produtos, o que configura os crimes de suborno e corrupção. Ainda segundo o *DN*, a Polícia Judiciária

não está satisfeita com os trâmites que este processo tem seguido, citando uma fonte policial que «não teve dúvidas em criticar o tempo que a Procuradoria-Geral da República levou a remeter o material relativo às primeiras notícias para investigação. A denúncia, nas páginas do *DN*, surge a 4 de Setembro e a mesma fonte garante que o material só chegou à PJ no dia 24». O *DN* acrescenta que «logo a 25 a PJ pediu ao Ministério Público "mandados de captura" que levaram quatro dias úteis a ser despachados, "uma enormidade de tempo", queixa-se a fonte policial».

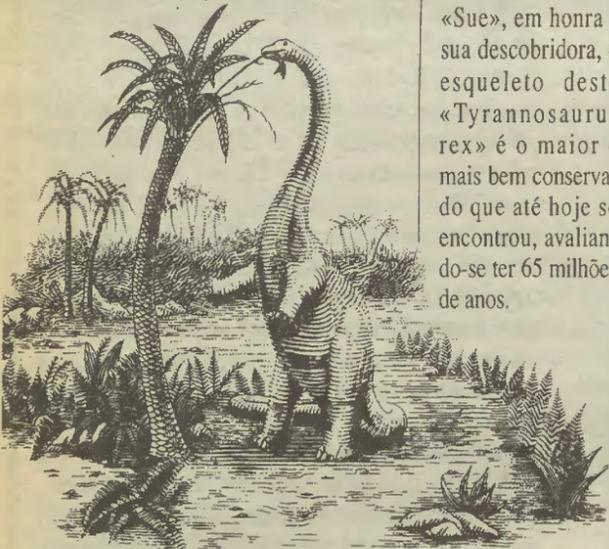


Dinossauro à venda

O mais bem conservado exemplar de esqueleto de um dinossauro «*Tyrannosaurus rex*» encontrado até hoje foi vendido num leilão em Nova Iorque por 8,362 milhões de dólares, sendo o seu novo proprietário o Field Museum of

Natural History de Chicago, tendo parte do dinheiro vindo da McDonald's e da Disney. O esqueleto será exposto no ano 2000 e as réplicas, a construir, irão viajar pelo mundo, num óbvio aproveitamento comercial da «moda dos dinos-

sauros» activada pelo filme *Parque Jurássico*, de Steven Spielberg. O exemplar tinha sido descoberto no Estado norte-americano de Dakota do Sul pela palentóloga Sue Hendrickson, também norte-americana. Denominado «Sue», em honra à sua descobridora, o esqueleto deste «*Tyrannosaurus rex*» é o maior e mais bem conservado que até hoje se encontrou, avaliando-se ter 65 milhões de anos.



Sismos em Itália

Continuaram esta semana os abalos sísmicos na região de Úmbria, na Itália, que a semana passada provocaram vários mortos e grandes destruições, nomeadamente em edifícios históricos e igrejas nas cidades de Assis e Perugia. Os novos abalos, cujos estragos se acrescentaram aos anteriores, fizeram com que 65% das casas da região estejam afectadas e em risco de desmoronamento, enquanto o governo italiano confessa estarem esgotadas as capacidades para dar de dormir, vestir e comer a novas vítimas de desalojamentos. Neste momento, 32 mil pessoas estão a viver em *roulottes* e tendas de campanha e não há mais recursos disponíveis.

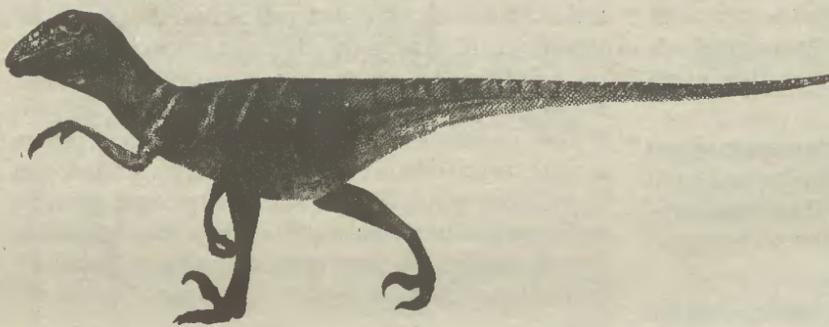


O analfabetismo como «trunfo»

Para garantir fundos da Comunidade Europeia, o Governo de António Guterres preparou esta semana uma estratégia: apresentar o baixo nível de habilitações da população portuguesa como principal argumento para reivindicar fundos comunitários. O plano, elaborado pela ministra do Emprego, Maria

João Rodrigues, e o ministro dos Negócios Estrangeiros, Jaime Gama, na sequência de encontros com o Primeiro-Ministro, apresenta valores impressionantes, em matéria de analfabetismos: Portugal é o país da União Europeia com maior percentagem de trabalhadores com baixo nível educacional

(75,4%), contra 18,2% na Alemanha, 59,7% em Espanha e 50% até na Grécia. A situação continua miserável na quota das habilitações mais elevadas, com Portugal a apresentar apenas 12% dos trabalhadores nesse nível, contra 23,3% em Espanha, 17,7% na Grécia ou 27,2% na Dinamarca.



«Descolonizar» a Madeira

Com a presença oficial do presidente do Governo Regional da Madeira, João Jardim, foi empossado esta semana o autodenominado Fórum Autonomia da Madeira (FAMA), com órgãos sociais maio-

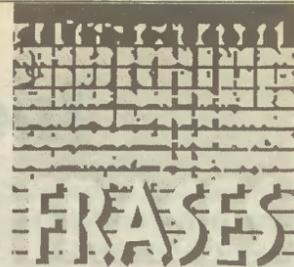
ritariamente constituídos por deputados regionais do PSD e «eleitos por unanimidade em lista única». Os discursos estiveram a cargo de Alberto João Jardim e dos deputados regionais do PSD Jaime Ramos e Ga-

brriel Drumond, onde surgiram afirmações como a de que a Madeira e o Porto Santo «são territórios a descolonizar e têm o direito de proclamar a auto-determinação», tendo Alberto João Jardim chegado ao ponto de

ameaçar que «se os nossos direitos forem atropelados», os madeirenses devem assumir-se como «um povo livre», com Carlos Drumond a acrescentar que «não queremos ser colónia de Portugal».

Apelo de Ramos-Horta à deposição das armas

Surge esta semana a notícia de que Ramos-Horta, galardoado com o Prémio Nobel da Paz pela sua acção a favor da causa do povo de Timor-Leste, fez circular na Internet e na sede das Nações Unidas um texto onde apela aos guerrilheiros timorenses para que se abstenham de acções armadas, sugerindo a criação de uma «zona de protecção» em Timor-Leste onde os guerrilheiros possam encontrar as suas famílias sob «protecção humanitária internacional», exigindo ao mesmo tempo a libertação de todos os presos políticos timorenses e o fim da tortura e, ainda, a instalação no território timorense ocupado violentamente pela Indonésia de uma representação do Alto Comissariado da ONU para os Direitos Humanos. Ramos-Horta reivindica, neste documento, que aos timorenses «deve ser dado o direito de governar o seu próprio país», considerando que a definição do estatuto legal do território poderia ficar para uma «etapa posterior».



“O problema do metro está resolvido”

Fernando Gomes, presidente da CM do Porto, Público, 4.10.97

“Vendemos monitores à polegada”

Anúncio publicitário, idem

“[Alberto João] Jardim (...) na Ponta do Pargo presidiu à inauguração dos primeiros 400 metros de uma estrada de quatro quilómetros, deixando as restantes fases para próximas eleições. “Isso é enganar o povo”, disse-lhe, frente a frente, um popular. Mas “em poucos segundos [a segurança de Jardim] levou à reposição da legalidade democrática”, narra uma nota oficiosa da presidência que anuncia um processo judicial contra o “mal-educado prevaricador””

Secção «Público & Notório», idem

“Nos dias seguintes, o estabelecimento comercial do “provocador” foi sucessivas vezes visitado pelos serviços de fiscalização. Eficácia máxima. Afinal, revela agora Jardim, o “tal senhor” acaba de enviar-lhe uma carta de desculpas, pois “não estava habituado a beber” e “apareceram por lá uns indivíduos a dar-lhe bebida”...”

idem, ibidem

“Portugal rico em fósseis, pobre na investigação”

Título de primeira página, idem

“Mercado de trabalho - Oferta não pára de aumentar”

Antetítulo e título no caderno «Emprego», Expresso, 4.10.97

“Cada vez há mais ofertas de trabalho, o que não significa que seja cada vez mais fácil conseguir um emprego”

Pós-título, idem

“Seria politicamente muito mais correcto eu ficar em casa com as crianças e estar aqui a Isabel”

D. Duarte, duque de Bragança, «Olá/Semanário», 4.10.97

“Guterres ignora Sampaio”

Título de primeira página, Expresso, 4.10.97

“Sampaio e Guterres afinados”

Título na última página, Diário de Notícias, 5.10.97

“A colecta mínima é a confissão máxima do fracasso do sistema fiscal”

Paulo Sucena, presidente da FENPROF, Diário de Notícias, 6.10.97

ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Mapa das Regiões aprovado na A.R.

A Assembleia da República aprova hoje, com os votos do PCP, PS e PEV, a Lei da Criação das Regiões Administrativas que inclui o mapa das regiões e a respectiva delimitação.

Este importante passo da causa da regionalização coincide com a aprovação, pelo governo PS, de uma proposta de lei

A luta por mais democracia e mais direitos



— motivo suficiente para o nosso combate

Entrevista com Luís Sá

sobre o referendo da regionalização que estabelece orientações abertamente favoráveis aos seus opositores.

Nesta situação, o "Avante!" pediu

ao camarada Luís Sá que comentasse para os seus leitores este ponto complexo do processo.

"Avante!" - Qual o significado da aprovação - pelo PS, PCP e PEV - do mapa das regiões, para o avanço do processo da regionalização?

Luís Sá - O contexto em que esta aprovação se verifica cria uma situação contraditória. Por um lado, entrou em vigor a lei de revisão constitucional, de que resulta um processo longo e difícil de instituição das regiões, na sequência das reivindicações da direita. Por outro lado, a aprovação segue-se a um período de debate público em que as assembleias municipais foram consultadas, disseram o que pretendiam sempre que o entenderam, sendo a sua opinião respeitada. Nesse sentido, é uma etapa importante que se cumpre, mas que deixa muitos problemas ainda em aberto.

O referendo só é vinculativo, na afirmativa, se votarem mais de 50 por cento dos eleitores inscritos. Até que ponto esta manobra não irá pôr em causa um resultado positivo?

O PCP chamou a atenção em tempo oportuno para que a solução que o PS e o PSD queriam adoptar era absurda. Com efeito, noutros casos se os eleitores não participarem suficientemente no referendo os órgãos de soberania decidem como entenderem. Neste caso, numa certa interpretação, a menor participação dos eleitores implicaria que uma lei já aprovada pela Assembleia da República e que se destina a cumprir um imperativo constitucional não poderia ser aplicada. Acresce que a falta do mínimo de 50% de participação eleitoral poderia resultar apenas da chamada abstenção técnica (as inscrições não eliminadas de pessoas que morreram ou mudaram de residência). São estas que podem determinar o destino da regionalização. Além disso, este esquema admite o esmagamento da vontade da população de algumas regiões pela vontade de outras mais populosas, o qual pode determinar o resultado. Agora, como se sabe, há uma controvérsia de interpretação. Mas mais importante do que me envolver aqui nessa discussão é sublinhar o significado de tão pouco tempo após a aprovação da lei de revisão constitucional já o PS e PSD polemizarem sobre esta matéria, acabando o Governo por contrariar a tomada de posição pública de um negociador

da revisão. É fácil ver a monumental trapalhada que arranjam e em que quiseram meter a regionalização...

A formulação das perguntas não será também uma forma que leve à adulteração dos resultados?

A formulação das perguntas é parte da monumental trapalhada que foi acordada entre o PS e o PSD (neste caso também com o PP). Não é um exemplo de clareza na colocação das opções. Mas acontece também que o PSD e o PP pretendem transformar as perguntas, que são sobre a instituição em concreto, numa pergunta sobre se as pessoas querem ou não regiões, tornando a confusão maior.

Por outro lado, é evidente que se passou de um esquema muito maleável, que permitiria construir as regiões de baixo para cima, pelos próprios municípios, para um esquema muito mais rígido. A delimitação das regiões teve em conta nesta fase a vontade expressa pelas assembleias municipais e não «negociadas» entre o PCP e o PS como disse grosseira e falsamente o Presidente do PSD, ardente regionalista até há poucas semanas. Mas o PSD levou algumas assembleias municipais a não se pronunciarem. Haverá situações, por isso, em que vontades locais não foram imediatamente atendidas, porque não se pode atender o que não foi expresso. No futuro, o que agora não for perfeito terá que ser aperfeiçoado. Quem conhece a história da Administração Pública sabe que nunca houve delimitações eternas.

Apesar das dificuldades que ainda se deparam no processo de esclarecimento e do próprio referendo, que perspectivas positivas existem para a regionalização?

Vão mover-se grandes interesses, naturalmente, e com poderosos meios. Não poderemos contar com a igualdade de oportunidades. E à luz de tudo o que conhecemos, é legítimo perguntar qual será o real empenho do PS e do Governo a seguir às eleições autárquicas. A verdade também é que existe uma brutal onda de desinformação. Joga-se com processos como o da Madeira, não analisando responsabilidades nem sublinhando que as regiões do continente têm uma natureza completamente diferente. Falam de «jobs», sem dizer que estes hoje já existem nas regiões, o que não há é titulares de cargos que sejam eleitos e responsáveis perante os eleitores. Fala-se em aumento das despesas sem referir as muitas que são eliminadas (desde logo, pela extinção de muitos «jobs») e que as baixas taxas de execução dos fundos comunitários

os também se devem ao centralismo e à burocracia agora reinante. E há os que gostam de falar da Europa quando convém, mas escondem que nos países da CE só Portugal e a Grécia actualmente não estão «regionalizados». Curiosamente, são os mais atrasados.

Em resumo, não podemos contar com facilidades, mas também não estamos habituados a elas. A luta por mais democracia e mais direitos e por uma vida melhor para as populações será motivo suficiente para o nosso combate. Cada um assumirá as suas responsabilidades.

E a propósito de referendos: há mais um na calha - o referendo sobre a integração europeia. Queres comentar a pergunta aprovada para este referendo pelo Conselho de Ministros?

A pergunta «Portugal deve continuar a participar na construção da União Europeia que resulta do Tratado de Amsterdão?» é um bom exemplo de política politiqueria que desprestigia a democracia directa. O PS e o PSD não permitiram que se referendasse o Tratado de Maastricht, nem a moeda única, nem o pacto de estabilidade (o tal que permite a CE pregar multas, como se fossem puxões de orelhas a meninos pequenos aos Estados que excedem um limite de despesas públicas - que ninguém sabe porque é aquele e não outro). A revisão constitucional acordada não permite igualmente referendar tratados, mas apenas questões seleccionadas, eventualmente as «politicamente convenientes» ao poder político e não as que mais interessa ao povo. Com esta questão mostra-se a contradição em que o PS caiu. Não é perguntado nada do que se discute e do que faz cair governos no poder por essa Europa fora. Não é perguntado se as pessoas querem que o Tratado de Amsterdão seja ratificado. Então o que é? O que resultaria de um eventual voto não nesse referendo? Não há qualquer seriedade política nesta pergunta. O Governo e o PS têm que parar de brincar com os portugueses! A questão que está colocada perante os portugueses não é se Portugal deve participar nas Comunidades Europeias, mas sim essa participação dever ter outro rumo e outras prioridades. E deveria ser dado ao povo o direito de se pronunciar sobre a participação na moeda única. Recordo, por exemplo, que a Suécia é um Estado-membro da União Europeia e não participa na moeda única. Esta pergunta é uma expressão acabada do «pensamento único»: para o PS e o PSD a única forma de estar na UE é a que eles defendem. A alternativa seria sair das Comunidades. Ora, esta alternativa é uma monumental mistificação e é expropriar o direito do povo se pronunciar sobre o que lhe interessa perguntando aquilo que não se põe e que não interessa responder.

LOURES

Aniversário do «Construir»

O boletim da célula do PCP da Câmara Municipal/Serviços Municipalizados de Loures comemorou o seu 3º aniversário. A festa, que decorreu no Largo 4 de Outubro daquela cidade, juntou largas dezenas de pessoas. Intervieram na altura: Demétrio Alves, Presidente da Câmara, que salientou o importante papel esclarecedor dos problemas e propostas da autarquia que desempenha este boletim, que já distribuiu 3 mil exemplares; e Carlos Brito, director do nosso jornal, que levou um abraço do «Avante!» ao órgão irmão da imprensa partidária.

ALEMANHA

Prossegue angariação de fundos

No quadro da campanha nacional de fundos que o PCP está a levar a cabo para custear as despesas com a campanha para as eleições autárquicas, apoiantes da CDU, emigrantes portugueses na Alemanha, promoveram recentemente, no parque natural da região de Muhlacker - sul da Alemanha -, um piquenique com a presença de cerca de 100 pessoas.

A iniciativa foi um momento de agradável e animado convívio - onde não faltou a boa sardinha assada, as fêveras e o vinho nacional - que os convivas que nele participaram comprometeram-se a repetir a iniciativa no próximo ano.

VIANA DO CASTELO

PCP queixa-se à CNE

A Direcção da Organização Regional de Viana do Castelo do PCP apresentou, na sexta-feira passada, uma queixa formal à Comissão Nacional de Eleições contra a EN-Electricidade do Norte, SA que, «ao arripio de uma prática de tantos anos quantos os de liberdade de informação», procedeu ao arranque de pendões de propaganda eleitoral da CDU que uma equipa de militantes do PCP havia colocado em alguns postes de iluminação. Quando procediam à colocação dos pendões junto ao campo de futebol do Sport Club Vianense, os militantes do PCP foram abordados por um funcionário da EN-Electricidade do Norte que, apresentando-se na qualidade de fiscal, disse-lhes que os mesmo iriam ser arrancados por uma brigada da empresa. Imediatamente o PCP, não tendo conseguido falar com o Chefe do Centro, engº Mário Guimarães, que se encontrava ausente, falou com o engº Maia Santos que reiterou a informação do seu funcionário. Exposta a situação ao engº Maia Santos, mostrou-se este insensível a qualquer argumento, sendo que, ao fim da tarde, a DORVIC foi confrontada com vários telefonemas avisando-a do arranque dos pendões por uma brigada da EN. Face a este comportamento, a DORVIC decidiu apresentar queixa à Comissão Nacional de Eleições para que esta «tome os procedimentos e as medidas tidas por convenientes».

FIGUEIRA DA FOZ

Associação Naval recebe PCP...

A Associação Naval 1º de Maio recebeu no passado dia 29 de Setembro uma delegação da Comissão Concelhia da Figueira da Foz do PCP.

O encontro, que se realizou a pedido daquela estrutura do PCP, teve por objectivo, para além da recolha de informação junto dos responsáveis navalistas sobre os projectos da colectividade, a entrega de um cheque que a Associação dos Eleitos Comunistas e Outros Democratas (AECOD) quis doar à 1º de Maio.

Lembra-se, a propósito, que a AECOD é constituída por membros da CDU e canaliza verbas provenientes do desempenho de funções dos seus membros, enquanto eleitos da CDU, que se destinam a apoiar projectos de interesse autárquico.

BRAGANÇA

... também recebido pela DRATM

Para melhor conhecer a política agrícola da Direcção Regional de Agricultura de Trás-os-Montes, também a Direcção da Organização Regional de Bragança do PCP solicitou uma audiência ao responsável por aquele organismo, que se concretizou no passado dia 22 de Setembro.

ÉVORA

Dar o dito por não dito

Quando da reestruturação da Rede Escolar do concelho de Évora foi prevista a construção de uma Escola Básica em Évora, tendo então a Câmara Municipal proposto também a criação de uma Escola Básica Integrada (até ao 9º ano) em Azaruja, propostas que foram, aliás, autorizadas e previstas pelo Programa Especial de Execução de Escolas do Ministério da Educação.

No entanto, se em relação à primeira a Câmara já está a diligenciar no sentido de concretizar a escolha do terreno que permita o lançamento do concurso de construção pelo Ministério, quanto à nova escola em Azaruja, entende agora a Direcção Regional de Educação que ela não é uma das suas prioridades.

A Comissão Concelhia de Évora do PCP vem, pois, denunciar publicamente este facto, revelador de que o PS, contrariamente ao que apregoou, não está interessado no desenvolvimento das freguesias rurais do concelho. Na opinião do PCP, a nova escola em Azaruja permitirá a fixação de jovens na sua terra e potenciará o desenvolvimento da Azaruja, designadamente com a criação de empregos e a fixação de professores.

Professores comunistas debatem educação

«Perspectivar a situação actual da educação e coordenar a sua intervenção a nível nacional» foram os dois objectivos principais do Encontro Nacional de Quadros Professores do PCP que teve lugar, em Lisboa, no Centro Vitória, a 4 de Outubro.

Da análise feita sobre a situação da educação e do ensino, dois anos passados sobre as eleições legislativas de 1995, os professores comunistas concluem que a mesma «continua a ser marcada por problemas graves, evidenciados quer pelas elevadas taxas de insucesso escolar quer pela hoje já generalizada falta de confiança social no chamado "sucesso educativo"».

Sobre a propaganda que, a propósito da abertura do novo ano lectivo, Ministro e Secretários de Estado da Educação têm levado a cabo, no sentido de afirmar que «tudo está normal no ensino», considerou o Encontro que «este normal é... muito anormal», já que «não quer dizer que seja bom». Pelo contrário.

Na apreciação do PCP, «o acesso à educação e as condições para o sucesso escolar não são iguais para todas as crianças e

jovens portugueses. As condições de trabalho são, em muitas escolas, deficientes em instalações e equipamentos educativos adequados. Há falta de professores no 1º ciclo do Ensino Básico - a profissão não é atractiva. A reforma curricular de má qualidade feita pelos governos do PSD continua a sua marcha sem correcções significativas - em nome da ... tranquilidade. A situação educativa não é objecto de uma avaliação séria porque não existe a vontade política de tomar medidas de fundo visando a sua melhoria.

Os recursos humanos e físicos afectados à Educação e Formação continuam escassos face às exigências do País.»

Enfim, dizem os professores comunistas que a paixão do PS pela Educação «foi passageira ou é tão-só platónica.»

No Encontro foram discutidas



ainda as iniciativas em curso e outras a tomar no âmbito da Educação e do Ensino, designadamente no plano legislativo, durante o presente ano, e foi dada particular atenção à necessidade de intervir no domínio da discussão do Orçamento do Estado no que se refere ao financiamento da Educação para 1998.

Por fim, o Encontro Nacional do PCP apreciou as linhas gerais de intervenção política, social e sindical dos professores comunistas, designadamente no que se refere:

- à melhoria das condições de aprendizagem nas escolas;

- à crítica dos novos projectos de administração e direcção das escolas apresentados pelo Governo em tudo o que contém de desajustado e limitador da autonomia, da gestão e da vida democráticas das escolas;

- à necessária reforma da "reforma educativa" PSD/PS;

- à melhoria dos estatutos sociais e profissionais dos professores dos graus de ensino não superiores e do ensino superior (universitário e politécnico);

- ao reforço de meios e dispositivos para a valorização profissional dos educadores, professores e outros agentes educativos.



PCP recebe Jovens Empresários

Uma delegação do PCP, integrando o seu Secretário-geral, Carlos Carvalhas, e Agostinho Lopes, da Comissão Política, recebeu na quinta-feira passada uma delegação da Associação Nacional de Jovens Empresários, dirigida pelo seu presidente, Engº Manuel Fernandes Thomaz.

CAMARADAS FALECIDOS

António Júlio Cortez Costa

Faleceu recentemente, com 56 anos de idade, o camarada António Júlio Cortez Costa. O camarada estava organizado na freguesia de Santo Condestável, onde residia.

Fortunato Simões dos Santos

Faleceu recentemente o camarada Fortunato Simões dos Santos. O camarada estava organizado na freguesia de Alhos Vedros, concelho da Moita.

Joaquim Fouto Martins

Faleceu, no passado dia 26 de Setembro, vítima de um brutal acidente, o camarada Joaquim Fouto Martins, de 56 anos, natural da freguesia de Figueira e Barros, onde residia.

Homem íntegro e de elevada estatura moral, Joaquim Fouto era muito estimado pela população de Figueira e Barros (Avis), de cuja Junta de Freguesia era Presidente desde 1982. Era de novo o candidato da CDU às próximas eleições autárquicas.

No seu funeral - que constituiu uma manifestação de profundo pesar -, incorporaram-se membros da Comissão Concelhia de Avis e da Direcção da Organização Regional de Portalegre do PCP, autarcas do concelho e inúmeros populares.

Joaquim Neto Vasco

Com 69 anos de idade, faleceu o camarada Joaquim Neto Vasco. O camarada teve uma actividade destacada antes do 25 de Abril e, posteriormente, foi membro da célula da Cimpor/Cabo Mondego e da Comissão de Freguesia de Vila Verde, Figueira da Foz. O seu funeral foi um momento de grande consternação para as muitas dezenas de camaradas e amigos que nele se incorporaram.

Manuel Júlio Cordeiro

Faleceu, no dia 6 de Outubro, o camarada Manuel Júlio Cordeiro, de 61 anos de idade. Membro do Partido desde 1977, militou na célula do Arsenal do Alfeite e era actualmente membro da Comissão de Freguesia da Quinta do Conde. Foi um dos grandes impulsionadores da construção nesta freguesia do Centro de Trabalho do PCP.

Manuel Maria

Faleceu, no passado dia 15 de Setembro, com 76 anos de idade, o camarada Manuel Maria, natural de Mirandela. O camarada militava actualmente na organização de freguesia do Pragal, Almada.

Aos familiares e amigos dos comunistas falecidos, o colectivo do «Avante!» manifesta sentidas condolências.

PCP assinala Dia Internacional da Água

Em nota emitida pelo seu Gabinete de Imprensa, no Dia Internacional da Água, o PCP, preocupado com o enquadramento político «que deveria dar e não dá suporte à coerente política da água de que o País carece», defende que o Governo deveria desde já responder pela sua responsabilidade «nas gravíssimas omissões que caracterizam a actual situação».

O Plano Nacional da Água e os Planos de Bacia; a descentralização e desburocratização da estrutura de gestão

da água; a resolução dos «graves atrasos» nas infra-estruturas de base; a cobertura laboratorial para protecção da saúde humana e ambiental (agravada agora com a «fúria privatizadora» do Governo e a consequente introdução no sector de «uma lógica de maximização do lucro»); a vontade de colmatar os prejuízos derivados do atraso da construção do Alqueva e a garantia da sua máxima valorização (ao mesmo tempo que se promove a redução sucessiva da área a beneficiar, não se rejeitam liminarmente as ingerências da Comissão Europeia no sentido de prejudicar a valia do empreendimento e se aprova, *sem ninguém debater*, o Programa Específico de Desenvolvimento Integrado da Zona do Alqueva) são algumas das questões às quais o PCP entende que o Governo deveria dar uma resposta cabal.

Alertando ainda para os «gravíssimos reflexos» que podem advir da actual política da água, o PCP manifesta o seu empenhamento na resolução dos principais problemas que afectam o sector e exige do Governo a consagração de uma nova política que sirva efectivamente o presente e o futuro de Portugal.

Carlos Carvalhas em pré-campanha

Loures Alianças PSD/PP escondem apoio ao PS

Durante o jantar realizado em Loures, o Secretário-geral do PCP proferiu algumas palavras, realçando a importância das próximas eleições autárquicas. Grande parte da sua intervenção foi, contudo, consagrada à denúncia da utilização do aparelho do Estado pelo PS, particularmente ao caso de Mértola, onde PS e direita se aliam para tentar retirar a maioria à CDU e dar a vitória ao PS.

«(...) Quase todos dias a comunicação social vai trazendo novas notícias sobre o folhetim dos entendimentos entre PSD e PP para as eleições autárquicas, sendo muito frequentes as que dão conta de listas cruzadas entre os dois partidos (em que um concorre para a Assembleia Municipal e outro para a Câmara Municipal).

Como se pode calcular, não é nossa ideia ocuparmo-nos das desavenças ou aproximações entre o PSD e o PP, embora não fosse ilegítimo chamar a atenção para que estes partidos falam muito de transparência, e depois, sempre que não querem assumir coligações formais, enveredam por este sistema muito pouco transparente de desistência de uma candidatura em favor de outro partido mas com a consequência pouco edificante de militantes de um partido aparecerem depois na lista de outro partido como independentes.

O que hoje queremos denunciar e chamar a atenção é para que, designadamente no Alentejo, há vários casos de listas cruzadas entre o PSD e o PP que o que verdadeiramente escondem é o apoio do PSD às listas do PS para algumas Câmaras Municipais ou mesmo a formação de listas compostas por membros do PSD e do PS mas formalmente apresentadas só pelo PS.

Embora haja outros concelhos alentejanos (Avis, Alandroal) nessa situação, o caso de Mértola é verdadeiramente exemplar desta vergonhosa manobra que está em curso.

De facto, já foi anunciado que em Mértola o PSD apenas concorre para a Assembleia Municipal, concorrendo o PP para a Câmara Municipal. E também já vieram publicadas notícias que davam como certa a integração de membros do PSD na lista do PS.

Este facto só por si já tinha de causar estranheza. Toda a gente sabe que, ao contrário do PSD, o PP quase que não tem votos no Alentejo. Acresce que, tanto em 89 como em 93, o PP não concorreu em Mértola. Resumindo: o partido que tem votos - o PSD - não

concorre e quem concorre é o partido - o PP - que nem sequer costuma concorrer.

Camaradas: não pode haver a mínima dúvida, aqui há gato.

E a prova de que aqui há gato está em que, em Mértola, o que corre é que António Champalimaud, que tem vastos interesses no concelho, e que gostaria de ter um executivo que lhe fizesse os fretes contra os interesses do concelho, estaria empenhadíssimo na conquista da Câmara pelo PS e, por isso, teria avisado o PSD de que se este partido apresentasse lista para a Câmara não lhe daria nem um tostão para a sua campanha eleitoral no plano nacional.

É claro que já estamos a prever da parte de Marcelo Rebelo de Sousa e da direcção nacional do PSD por exemplo a desculpa esfarrapada de que esta é uma decisão local. Por favor, não venham com essa: a candidata do PSD à Assembleia Municipal de Mértola é Teresa Patrício Gouveia que é porta-voz da Comissão Política do PSD e por isso deve conhecer bem por que é que não há candidatura do PSD à Câmara Municipal.

E também podemos prever desde já os indignados desmentidos do PSD quanto aos rumores de que não concorre à CM de Mértola por causa das ordens de António Champalimaud.

Mas o PSD que não perca tempo nem gaste palavras: se quer desmentir que seja a vontade de Champalimaud que está por detrás da sua decisão de não concorrer à Câmara de Mértola, só tem uma maneira eficaz de o fazer: é apresentar uma candidatura - e a sério - à Câmara de Mértola.

Nós partilhámos da firme convicção dos nossos camaradas e amigos de Mértola de que nenhuma aliança, às escondidas ou às claras, entre o PS e o PSD conseguirá impedir a CDU de renovar a sua vitória e assim assegurar a continuação de uma gestão municipal que tem justo prestígio local e nacional, e que, entre muitos outros atributos, é um valioso símbolo da atenção que a CDU presta à preservação do nosso património histórico.

Mas não podemos deixar de denunciar que o PSD, que constantemente se quer armar em grande oposição ao PS, se preste afinal a fazer fretes indignos ao PS como o que manifestamente se prepara em Mértola e em outros concelhos alentejanos.

(...)

Um jantar-convívio de apresentação dos cabeças de lista aos órgãos autárquicos do concelho de Loures, promovido pela CDU, na sexta-feira à noite, no pavilhão do Sacavenense, abriu com chave de ouro o intenso programa que marcou a agenda do Secretário-geral do PCP, no fim-de-semana passado.

No sábado, foi a vez de Carlos Carvalhas se deslocar à Madeira, para participar no Encontro Regional que a CDU/Madeira realizou no Hotel Buganvília, no Funchal, para discussão das próximas eleições autárquicas (ver, em separado, extractos da sua intervenção).

No domingo, o Secretário-geral dos comunistas iniciou o seu programa com um almoço de apresentação de candidatos da CDU para o concelho, no restaurante «A Grelha», em Marinhais, Salvaterra de Magos, donde seguiu

para o Encontro Distrital promovido pela Juventude CDU de Setúbal, na Casa do Lavre, em Palmela. E, ao fim da tarde, acompanhado de eleitos e candidatos da CDU no concelho, Carlos Carvalhas visitou a Feira de Alcácer do Sal.



Em Setúbal, no Encontro Distrital promovido pela Juventude CDU, o Secretário-geral do PCP teve oportunidade de ouvir os jovens exporem alguns dos problemas que mais os afectam, designadamente os que se ligam com a educação e a elevada taxa de desemprego que os atinge

Funchal

Só o grande capital está de parabéns!

No sábado, foi a vez da CDU/Madeira realizar um Encontro Regional para debater as questões relacionadas com a campanha para as eleições autárquicas. O Encontro decorreu, durante toda a tarde, no Hotel Buganvília, no Funchal, e contou com a participação do Secretário-geral do PCP, que encerrou os trabalhos com uma intervenção onde referiu a importância das próximas eleições autárquicas.

A propósito ainda das eleições, considerou Carlos Carvalhas que os madeirenses, designadamente os habitantes do Funchal, só têm a ganhar com o reforço das posições da CDU, cujo projecto humanista e participado tem o bem-estar das populações no centro da sua intervenção autárquica.

Referindo-se, depois, às comemorações pelo PS do 2º aniversário do seu governo, o Secretário-geral do PCP afirmou: «Em dia de aniversário, as congratulações e os panegíricos serão mais que muitos. Mas é útil lembrar que ainda em Maio deste ano o primeiro-ministro afirmava que o PS e o Governo, até àquela data, só tinham feito asneiras; que, em Setembro, um ministro adjunto avisava a navegação dizendo que era preciso arrear caminho e que nos primeiros dias de Outubro o grande tema já era o da remodelação do Governo, antes ou depois das autárquicas.»

E, ironizando, prosseguiu: «Mas logo à noite tudo será cor-de-rosa, sorrisos e salamaleques, temperados aqui e ali pelas afirmações de que é possível fazer mais, e de que ainda não se está satisfeito, numa estudada pose de autocomplacente jactância...»

Para Carvalhas, haverá, sem dúvida, quem, «com sinceridade», cante os parabéns ao Governo PS e lhe deseje longa vida. E citou alguns:

«Em primeiro lugar, os banqueiros, que nunca ganharam tanto dinheiro como nestes dois últimos anos, nomeadamente à custa dos pequenos e médios comerciantes, industriais e agricultores.

Os detentores dos grandes meios de produção e distribuição pois, pela primeira vez desde 1989, o Governo PS conseguiu a proeza de o peso dos salários no Produto Interno Bruto (PIB) ser inferior ao lucro das empresas.

Os beneficiários dos leilões das privatizações e das negociações como as da Lisnave, Torralta, Autódromo...

Os latifundiários do Alentejo que receberam 60 milhões das chamadas indemnizações...

E os milhares de boys que logo à noite gritarão com todo o fervor, PS, PS, PS...»

Ou seja, na opinião de Carlos Carvalhas, «todos os que estão sentados, e bem sentados, à mesa do Orçamento, logo à noite não falarão de dificuldades nem de demissões de ministros e secretários de Estado, nem de presidentes de grupos parlamentares, nem de ministros que são casos de polícia, como dizia um parlamentar socialista, nem de crises, a não ser a do Benfica...»

Mas - conforme alertou -, há também quem não esteja de parabéns: «é o País, com o aparelho produtivo cada vez mais debilitado, dependente e subcontratado, com os crescentes défices comerciais (só neste primeiro semestre vendemos menos 4,3 milhões à Espanha, que por sua vez nos vendeu mais 36 milhões de contos)». E são, ainda, «os que acreditaram que ia haver mudança. Os que pensavam que o PS no Governo honrava as suas promessas: os reformados que continuam com pensões de miséria; os trabalhadores da têxtil, vestuário e calçado que continuam sem ter a semana das 40 horas; os desempregados que desesperam por encontrar um emprego; as mulheres que viram que o PS mantém o alongamento da idade de reforma; os estudantes que acreditaram que a paixão do primeiro-ministro era a educação e não as propinas; os mineiros de Aljustrel que continuam com as minas encerradas; os agricultores que aqui na Madeira não encontram saída para a banana e que no Continente têm que enterrar a fruta; os jovens sem perspectivas de futuro; os utentes da saúde que têm de esperar tempos infinitos para uma consulta ou operação cirúrgica; os que recorrem à justiça e que irão esperar anos para que o seu processo seja julgado».

«Estes», concluiu Carlos Carvalhas, «certamente, não têm motivos para festejar tal aniversário...»

Candidatos de Bragança pela regionalização

Os candidatos da CDU às presidências de câmaras e assembleias municipais do distrito de Bragança pronunciaram-se favoráveis à criação da região de Trás-Os-Montes e Alto Douro, afirmando que se identificam, no fundamental com os objectivos do Movimento «Para Cá do Marão com a Regionalização».

Numa moção, aprovada no passado sábado no decorrer de um almoço para apresentação pública de candidaturas da Coligação, os candidatos acusaram o PS de, cedendo a pressões do PSD, ter comprometido o processo de regionalização e consideraram como «manobras» a polémica levantada relativamente à localização da futura capital da região.

Na iniciativa - em que para além dos candidatos estiveram José Brinquete, do Comité Central do PCP, e António Lopes, da Comissão Política do PCP - foi ainda repudiado o envolvimento do Governo na formação das listas e no lançamento das candidaturas no distrito, quer com a participação de inúmeros membros do Governo quer através do Governador Civil e do seu staf.

Metro em Sacavém até final do século

Por proposta da CDU, a Assembleia de Freguesia de Sacavém aprovou uma por unanimidade uma moção que reclama o prosseguimento da expansão do metropolitano a Sacavém até ao ano 2000.

A moção considera que as acessibilidades são um dos maiores problemas do concelho de Loures e que, particularmente na zona oriental, o território não permite um alargamento de vidas rodoviárias e muito menos a construção de novas estradas. Levar o metro até Sacavém é assim uma oportunidade que não deve ser perdida consideram a Assembleia de Freguesia exigindo que os trabalhos sejam iniciados imediatamente após a EXPO'98.

Propaganda destruída em Leiria

A estrutura concelhia de Leiria da CDU acusa o Partido Socialista de ser responsável pela destruição de pendões da Coligação «feita a coberto da noite». Considerando um acto «inqualificável e inédito em Leiria há muitos anos», a CDU apela ao PS para «instruir de forma clara e precisa aqueles a quem paga para lhe colocarem a propaganda» de modo a que tais factos não se repitam. Recorda ainda que os materiais da CDU são colocados «com o esforço generoso e militante dos seus activistas, entre os quais se encontram muitos jovens que acreditam nos valores da democracia, da tolerância e do humanismo, mas não aceitam novos actos de vandalismo, venham de quem vierem».

Um projecto para jovens

A criação de conselhos municipais de juventude foi uma das reivindicações saídas do Encontro regional da juventude CDU/Algarve realizado no passado sábado em Faro.

Os jovens reunidos comprometeram-se ainda a lutar pela abertura de casas de juventude, pela construção de equipamentos desportivos, criação de espaços verdes e desenvolvimento da habitação social.

O encontro chamou ainda a atenção para a necessidade de uma relação mais eficaz com a Universidade do Algarve de modo a aproveitar o potencial das centenas de jovens licenciados.

CDU une esforços em defesa do ambiente

As candidaturas da CDU aos municípios de Alcanena e Santarém, encabeçadas respectivamente por Valdemar Henriques e Vicente Batalha, subscreveram um acordo de cooperação que prevê, entre outras medidas, a elaboração de um programa de reordenamento industrial, com prioridade para as actividades poluentes, visando a desactivação progressiva de empresas situadas nas zonas e sua deslocação para parques industriais adequados.

Face à gravidade da situação ambiental, a CDU vai exigir a colocação na zona de Alcanena de equipa técnica com meios e poderes legais para impor o respeito pelo cumprimento das normas ambientais, assim como quer que o governo cumpra e faça cumprir as normas de funcionamento do Sistema da ETAR. Este sistema, afirma-se, não pode ser sobrecarregado com mais efluentes, devendo ser adoptadas soluções técnicas adequadas para tratamento dos resíduos nas zonas onde são produzidos. O documento da CDU pugna ainda pela elaboração de planos de recolha e tratamento acondicionado de resíduos industriais, com a descontaminação de solos e reclama que o Alviela seja dotado do seu caudal ecológico natural.

CDU

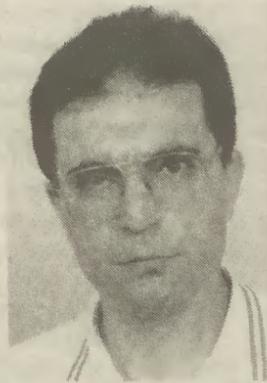
Candidatos CDU

As listas da CDU continuam a ser apresentadas publicamente, sendo o seu anúncio sinal da forte implantação que comunistas e seus aliados têm em todo o território nacional.

ALBERGARIA-A-VELHA

O candidato da CDU à Câmara de Albergaria-a-Velha é **Manuel Carlos Marques**, industrial de moldes. Com 43 anos de idade o candidato reside no concelho e é membro da Organização Concelhia local do PCP.

A Coligação divulgou ainda o nome do primeiro candidato à Assembleia Municipal, **Adelino Silva Nunes Pereira**, operário metalúrgico de 35 anos de idade. É membro da direcção do Sindicato dos Metalúrgicos de Aveiro e Viseu e da Comissão Executiva da União dos Sindicatos de Aveiro e da DORAV do PCP.



Manuel Carlos Marques

CAMPO MAIOR

A CDU divulgou recentemente os nomes dos cabeças de lista à Câmara e Assembleia Municipal de Campo Maior, respectivamente, **António João Borrega Gonçalves** e **João José Alfacinha Pinheiro**.

O candidato à Câmara, António Gonçalves, tem 51 anos, é empregado de escritório e foi dirigente no Sporting Clube Campomaiorense, na Banda 1º de Dezembro e na Casa do Povo de Campo Maior.

É membro da actual Direcção dos Bombeiros Voluntários de Campo Maior e presidente da Associação Nacional das Comissões de Base de Saúde.

Autarca há 21 anos, foi membro da Assembleia de Freguesia de São João Baptista, da Assembleia Municipal e vereador em três mandatos, funções que actualmente desempenha na Câmara. É membro do PCP, pertence à Comissão Concelhia de Campo Maior e à DORPOR.

João Pinheiro tem 53 anos, operário metalúrgico, é presidente da Assembleia Geral da Cooperativa Unidade de Trabalhadores entre 1976/79, candidato à Assembleia Municipal desde 1976, lugar que actualmente ocupa. Foi membro da Comissão Concelhia de Campo Maior entre 1974 e 1979 e do Comité Central do PCP entre 1983 e 1996. É membro da DORPOR e do Organismo Inter-Regional do Alentejo do PCP.

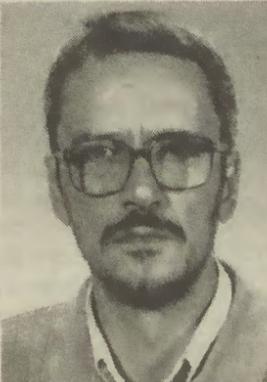


António Borrega Gonçalves

CARRAZEDA DE ANSIÃES

Neste concelho do distrito de Bragança, o cabeça de lista da CDU é **Ilídio Adérito Barreiras Fonseca**. Tem 48 anos de idade, natural da freguesia de Pombal, é doutor em Ciências de Engenharia, professor do Instituto Superior de Engenharia do Porto e foi sócio fundador e dirigente do Sindicato dos Professores do Norte. É sócio da UNICEP.

A candidata à presidência da Assembleia Municipal é **Maria da Anunciação Soares Dias Alves**, de 57 anos de idade e residente no concelho. É licenciada em História pela Universidade de Coimbra, tendo sido durante vários anos delegada sindical. Em 1993, foi candidata à Câmara Municipal de Carrazeda de Ansiães.



Ilídio Fonseca

LAGOA

A não eleição em 1993 de um vereador da CDU para a Câmara de Lagoa teve reflexos negativos para a população do concelho, afirma **Carlos Boto**, cabeça de lista da Coligação, sublinhando que o trabalho iniciado em 1986 foi interrompido e continua por fazer.

Carlos Boto recordou que foi a CDU que, em minoria, desenvolveu um plano desportivo para o concelho; foi quem propôs a construção de fogos no sistema de autoconstrução, com cedência de terrenos por parte da autarquia;

foi quem reclamou uma política de desenvolvimento para o concelho; foi quem chamou a atenção para a necessidade de defender o comércio tradicional; foi quem insistiu para que se fizessem investimentos na área do saneamento básico, abastecimento de água e recolha de lixos, entre muitas outras importantes medidas.

Apelando ao voto nas listas da CDU, Carlos Boto realçou que estas são constituídas por mais de 70 por cento de cidadãos independentes, e contam com um elevado número de mulheres e jovens.

O candidato à Câmara é empregado bancário, tem 40 anos e exerce actualmente funções de vogal permanente da Comissão Executiva da Região de Turismo do Algarve.

Foi vereador na CM de Lagoa, responsável pelo pelouro do Desporto, membro do conselho da Escola padre António Martins Oliveira, fundador da Lagoa Académico Clube, de que é vice-presidente, e é membro do Executivo da Comissão Concelhia de Lagoa e do Plenário da Direcção Regional do Algarve do PCP.

A lista à Assembleia Municipal é encabeçada por **José Inácio Sequeira**, de 37 anos de idade, é licenciado em Educação Física e professor do Ensino Secundário. Foi técnico de desporto e assessor do presidente da CM de Silves; sócio fundador e ex-presidente da Associação dos Amigos da Barragem do Arade e é membro da Comissão Coordenadora da CDU de Lagoa, em representação do PCP.



Carlos Boto

MIRANDA DO DOURO

Maria da Glória Gonçalves de Jesus é a cabeça de lista da CDU à Câmara de Miranda do Douro. Com 43 anos de idade, a candidata, natural da Freguesia de Picote, é funcionária dos Serviços Municipalizados e foi candidata à Câmara nas eleições de 1993.

O primeiro da lista à Assembleia Municipal é **Manuel Joaquim da Silva Magalhães**, de 71 anos de idade. Aposentado, reside em Barrocal do Douro, foi durante vários anos dirigente e delegado sindical e candidato à Assembleia Municipal em 1993.



Maria Gonçalves Jesus

MONCHIQUE

A CDU apresenta-se como alternativa à gestão PS que governa Monchique há 15 anos, afirmou o cabeça de lista da CDU, **José do Nascimento Leal Varela**, que resumiu o projecto da candidatura a três ideias-base: devolver a Câmara à população, tornando a gestão autárquica mais transparente e democrática; colocar a solidariedade social como elemento essencial à sua conduta; criar um projecto de desenvolvimento integrado que respeite os recursos naturais e históricos.

José Varela tem 55 anos de idade, está reformado e é militante do PCP desde 1963. Participou activamente nas lutas contra o fascismo enquanto estudante universitário; foi presidente da direcção da Juventude Desportiva Monchiquense e integrou a direcção do Clube Recreativo Monchiquense. Durante o serviço militar na Guiné, com o posto de capitão, participou nas primeiras reuniões que vieram a resultar no Movimento das Forças Armadas, e logo após ao 25 de Abril foi o presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Monchique.

Fez parte do Secretariado Nacional da Associação dos Deficientes das Forças Armadas, foi delegado sindical e integrou uma subcomissão de trabalhadores da Banca. Para além de vários cargos em associações e colectividades, concorreu nas listas da APU à Câmara Municipal de Loures e é actualmente presidente da Mesa da Assembleia Geral da Associação Ambiental «A nossa Terra» sediada em Monchique, da qual é fundador.



José Leal Varela

PICO

João Garcia Rodrigues é o cabeça de lista da CDU à Câmara Municipal de Madalena do Pico. O candidato tem 51 anos, é taxista por conta própria e concorre na qualidade de independente.

Beja Presidente esclarece contas da Câmara

Respondendo a um conjunto de afirmações feitas pelo Partido Socialista sobre a gestão da Câmara de Beja, o seu presidente, Carreira Marques, divulgou um comunicado em que apela à «discussão de ideias e projectos» e lamenta «acções sub-reptícias que apenas contribuem para confundir e afastar as populações do debate e da participação activa e para desacreditarem as instituições e a própria democracia».

O Presidente da Câmara de Beja desmente a acusação do PS de que a autarquia teria gasto cerca de 100 mil contos no Gabinete de Informação e Relações Públicas. De facto, afirma Carreira Marques apenas estavam inicialmente orçamentados 25 mil contos e depois essa verba foi reduzida para 22 mil contos. Contudo, até ao passado dia 22 de Setembro o referido gabinete tinha gasto pouco mais de 14.260.620\$00), grande parte dos quais com o pagamento de

anúncios obrigatórios por lei, como avisos, editais, concursos públicos, etc.

A Câmara de Beja esclarece igualmente que a sua situação financeira está longe de ter problemas, ao contrário do que «maliciosamente» insinuou a concelhia do PS falando no «número abissal de um milhão de contos de dívidas acumuladas» que no final do ano poderia chegar ao dobro.

De facto, nada disto corresponde à verdade, afirma Carreira Marques, explicando que o valor dos empréstimos em dívida desde 1974 até final de Agosto último é de 499.291 contos, o que significa um encargo anual aproximado de 80 mil contos, valor muito abaixo do limite máximo legal de 250 mil contos por ano.

A Câmara especifica que essas verbas se destinaram a diversos investimentos, nomeadamente à construção de arruamentos, ETAR, habitação, compra do Pax Julia, etc.

Neste momento, a Câmara tem um dívida de 78.466 contos distribuídos por dez empreiteiros, sendo que a dívida das facturas registadas e não pagas era de 149.748 contos. Por outro lado, esclarece ainda, a Câmara não tem dívidas à Caixa Geral de Aposentações e ao Montepio dos Servidos do Estado, bem como à ADSE.

Sobre a dívida à Administração Fiscal, que era de 62.377 contos, esta foi repartida por 60 prestações, 34 das quais estão já pagas, e as restantes serão liquidadas até 1/1/99.

A autarquia de Beja salienta ainda que «os valores indicados, embora aparentemente altos para o cidadão normal, são perfeitamente normais para uma Câmara de média dimensão com a de Beja que, dentro das suas áreas de competência, tem tido ao longo de 20 anos de poder local uma política de investimento e desenvolvimento do concelho».

Vila Real de Santo António CDU critica candidato PS

Com o anúncio do apoio do PS a António Murta, a Coordenadora da CDU de Vila Real de Santo António emitiu um nota em que recorda o período em que esteve à frente da autarquia, que esteve à frente da autarquia, dando «provas bastantes de ser um mau presidente».

Segundo a coligação, António Murta distinguiu-se pelo «desprezo pelos direitos da oposição», violou a «legalidade democrática», envolveu-se em «negócios pouco claros», manifestou «falta de escrúpulos e irresponsabilidade», e «incompetência na gestão do município, onde deixou os serviços de rastos e uma dívida de centenas de milhares de contos, tal como o fez na direcção do Lusitano Futebol Clube».

A Coligação lembra que «o Tribunal de Vila Real de Santo António condenou-o a dez

meses de cadeia e a 90 contos de multa, com pena suspensa por três anos, por calúnias e difamação no Boletim Municipal contra o presidente da Junta de Freguesia de Monte Gordo». Entretanto, decorre nos tribunais o julgamento de outros actos ilegais cometidos por António Murta enquanto presidente de Câmara.

Outros episódios ficaram conhecidos durante o seu mandato. Na inauguração do Centro de Saúde de Vila Real de Santo António, recebeu o Primeiro-Ministro em fato de treino, por ser de um partido que não era o dele. Este comportamento esteve igualmente presente nas «campanhas do tijolo e do cimento que foram actos sectários de entrega de materiais de forma partidária, em vez de auxílios

a quem efectivamente mais necessitava».

A má gestão e incompetência acabaram por degradar o aparelho municipal a tal ponto que, no primeiro ano do actual mandato, o executivo da CDU teve de pedir emprestado um camião de lixo a Castro Marim.

A CDU apela aos eleitores do concelho para que recusem esta «oferta envenenada» do PS, sublinhando que «a democracia não precisa de uma pessoa assim».

Valorizando a honestidade, competência, zelo e brio já demonstrados pelo actual presidente, António José, a CDU chama a atenção para as novas propostas de desenvolvimento e para a obra realizada que tem vindo a assegurar a melhoria da qualidade de vida em todos os pontos do concelho.



Privatizações Audição pública

“Sector Público, serviços públicos e consequências económicas e sociais das privatizações” foi o tema da audição pública promovida pelo Grupo Parlamentar PCP, segunda-feira passada, na Sala do Senado da Assembleia da República, e para que foram convidadas organizações representativas dos trabalhadores e outras estruturas sociais.

Na crítica à política de privatizações do governo, Octávio Teixeira denunciou a “ofensiva privatizadora” que visa arredar o sector público de “toda e qualquer actividade económica”.

Ponto por ponto, o líder da bancada comunista pôs em causa as alterações qualitativas ao processo de privatização introduzidas pelo actual governo, em particular a desconstitucionalização da existência de um sector público, a lei de delimitação de sectores e a privatização dos serviços básicos, da construção de estradas e da educação.

Octávio Teixeira referiu ainda algumas das consequências socioeconómicas deste processo - redução de postos de trabalho e aumento do preço dos serviços - e alertou para os problemas orçamentais que dele irão resultar.

Bananicultores em luta

Cerca de uma centena de bananicultores desfilarão pelo centro da cidade do Funchal, no passado dia 2 de Outubro, numa acção de protesto pela situação que se vive no sector das bananas e pela degradação das suas condições de vida e de trabalho.

Apesar da presença da polícia, que impedia a aproximação dos manifestantes da entrada da residência oficial do presidente do Governo Regional da Madeira, houve intervenções

de vários dirigentes regionais do PCP e da CDU.

Na resolução aprovada pelos agricultores apresentam-se várias reivindicações: o pagamento atempado da banana, para fazer face às despesas que envolvem a sua produção, sendo necessário que “quando é entregue uma remessa, a primeira seja paga”; o pagamento das indemnizações dos temporais de 1993, exigindo-se que o próximo Orçamento Regional “tenha uma verba para o pagamento destas indemnizações”; a defesa da produção da banana considerada de segunda que, em determinadas épocas do ano, corresponde a mais de metade da produção regional.

Os agricultores presentes responsabilizaram ainda o Governo Regional pelo desastre que atingirá o sector da banana “caso não sejam rapidamente implementadas as medidas que garantam a sua defesa”.



Produtores de banana protestam na cidade do Funchal

Covilhã Semana do reformado

A CDU/Covilhã promoveu um conjunto de iniciativas sob a designação comum de «Semana do Reformado», que incluiu várias reuniões, contactos e visitas a instituições de reformados, pensionistas e idosos.

Nestes contactos participaram diversos candidatos da CDU, entre os quais Vítor Reis Silva e Luís Garra, cabeças de lista à Câmara e Assembleia

Municipal da Covilhã, que detectaram deficiências várias na prestação de cuidados de saúde e serviços de enfermagem, assim como habitações degradadas e graves dificuldades económicas que resultam do baixo valor das pensões e reformas.

Os candidatos constatarem ainda a falta de apoios da Câmara às organizações de reformados e de solidariedade,

considerando que o município deve definir uma política social de apoio a esta camada da população. A CDU defende a criação de um pelouro específico na Câmara, a constituição de um conselho municipal de reformados, o lançamento de um passe social no concelho e a isenção de taxas no licenciamento de obras de habitações para os idosos, entre outras medidas.

A importância da cooperação

“A questão fundamental continua a ser não a do estatuto do cooperante mas a da cooperação ela própria”, afirmou José Calçada, deputado do Grupo Parlamentar do PCP, na sua intervenção no debate em torno do “Estatuto do Agente da Cooperação”.

Alertando para que “nestas coisas, o tempo tem muito a ver com o modo”, o deputado comunista sublinha que “nestes novos tempos de mundialização e globalização, as modas vão pouco no sentido do enraizamento das solidariedades mútuas entre os povos e os países, e não é raro que a cooperação sirva de biombo para correntes

de sentido único sempre em desfavor do elo mais fraco”.

Daí que “a cooperação seja, para um país como Portugal, uma questão fundamental, de natureza estratégica, e, como elemento de afirmação de Portugal no mundo, factor igualmente de reforço da nossa própria identidade”. Em particular com os países africanos que utilizam o português como sua língua oficial, a cooperação portuguesa “não pode aparecer inquinada pela suspeita de não ser mais do que uma mera *testa de ferro* de interesses que pouco têm a ver com o nosso povo e com os povos desses países”, concluiu José Alçada.

NACIONAL

"Searas do Porvir"

O MUD Juvenil em exposição

"Searas do Porvir", exposição documental e artística que se insere no conjunto de iniciativas que têm vindo a assinalar o cinquentenário da fundação do Movimento de Unidade Democrática Juvenil - MUD Juvenil, foi ontem inaugurada no Palácio das Galveias, em Lisboa, estando patente ao público até final deste mês.

Na sessão de abertura, que contou com a presença de Jorge Sampaio, intervieram três dos membros da 1ª Comissão Central do MUD Juvenil - Mário Soares, Octávio Pato e João Sá da Costa.

A exposição - que se destina sobretudo à juventude de hoje - pretende relembrar, como é sublinhado pela Comissão Promotora, que o MUD Juvenil foi, durante mais de dez anos, "o ponto de encontro de milhares de jovens que dele fizeram lugar privilegiado do seu empenhamento cívico, da sua intervenção política e cultural, acrescentando à vida de todos um valor pedagógico e social".

"Searas do Porvir" apresentará essencialmente duas vertentes:

* Uma **exposição documental** - reúne muitas centenas de documentos, fotografias e livros originais do MUD Juvenil e de outras forças democráticas, abrangendo o período durante o qual o MUD Juvenil teve a sua intervenção (1946-1957). Apresenta a digitalização, em computador, da maioria dos documentos expostos, podendo os visitantes adquirir reproduções de materiais.

* **Exposição de obras de arte** - cerca de 50 obras de arte, de artistas do MUD Juvenil, do MUD e de outros sectores da oposição democrática, entretanto apresentadas em exposições promovidas pela Sociedade Nacional de Belas-Artes, entre 1946 e 1957, incluindo alguns quadros apreendidos pela PIDE na 2ª Exposição Geral de Artes Plásticas.

Simultaneamente estão agendados quatro **colóquios**, com a participação de ex-aderentes do MUD Juvenil, que terão como temas:

- "O movimento estudantil, ontem e hoje", a realizar dia 10 de Outubro no Instituto Superior Técnico (IST);

- "A juventude e a intervenção cívica, ontem e hoje", dia 13 de Outubro no Palácio Galveias;

- "A juventude e a sociedade, ontem e hoje", dia 15 de Outubro no Palácio das Galveias;

- "A juventude e o associativismo, ontem e hoje", dia 21 de Outubro, no mesmo local.

O cinquentenário da fundação do MUD Juvenil já havia sido assinalado, ao longo de 1996, com uma série de realizações, de que se destacam um almoço de convívio em Março, reunindo cerca de quatrocentos antigos aderentes; um sarau cultural, com canções heróicas de Lopes-Graça, no Teatro S. Luiz; vários debates e iniciativas de carácter artístico e cultural, em Coimbra, Porto e Portimão, e a publicação do livro "MUD Juvenil".

JCP/Porto defende medidas concretas para a juventude

"Num distrito onde cerca de 500 mil pessoas têm menos de 30 anos, torna-se cada vez mais necessário que as autarquias actuem com medidas concretas, procurando dar resposta a matérias que são específicas desta camada da população." Este um dos pontos salientado pela Direcção Distrital do Porto da Juventude Comunista

Portuguesa (JCP), em comunicado que resume as várias questões abordadas em reunião de balanço do início do ano lectivo e de definição das linhas de acção a seguir para as próximas eleições autárquicas.

A JCP do Porto refere, nomeadamente, a quase inexistência de Pelouros da Juventude e de Conselhos Consultivos da Juventude, o que "impede que os jovens tenham oportunidade de contribuir com as suas ideias, opiniões e experiências pessoais para uma efectiva política de juventude", e sublinha a importância das Casas de Juventude e do apoio à actividade cultural e desportiva e às associações que desenvolvem trabalho junto dos jovens.

No comunicado à imprensa, a JCP realça a importância que a juventude tem para a CDU, como o prova o facto de que "neste momento mais de 200 jovens estão incluídos nas listas de candidatos autárquicos, em todo o distrito, sendo significativo o número de previsíveis eleitos".

Referindo o "crescente descontentamento dos estudantes", o comunicado indica, concretamente, o acesso ao ensino superior e o regresso das propinas.

"as balas mataram um combatente da liberdade mas não os seus ideais".

Em S. João da Madeira, os jovens comunistas saíram para a rua com uma banca de materiais sobre Che e a sua luta, distribuindo um texto informativo em que se sublinha que "esta data é uma referência importante para todos os que

lutam e anseiam por uma sociedade onde não haja exploração de um povo por outro, de uma classe por outra, de um homem por outro homem, porque esta foi a luta a que o Che dedicou a sua vida".



Homenagem a Che

A juventude comunista tem vindo a aderir, através de diversas iniciativas, à homenagem a Che Guevara que ontem decorreu por todo o mundo e, em particular, em Cuba.

A JCP-Algarve assinalou a passagem dos 30 anos do assassinio de Che, dedicando-lhe o nº 2 do seu boletim informativo "Algarviada", onde também se condena o bloqueio ilegal dos Estados Unidos a Cuba. Simultaneamente foi feita uma t-shirt e estão a ser realizados murais sobre Che Guevara, com a sua conhecida fotografia e a frase

TRABALHADORES

Concentração hoje na Bolsa Unidos contra a venda da Portugal Telecom

Os representantes dos trabalhadores da Portugal Telecom vão acompanhar, no exterior da Bolsa de Valores de Lisboa, a terceira fase da privatização da empresa, que reduz a 25 por cento a participação pública no capital social da PT.

A decisão de, junto ao local onde decorre a OPV, denunciar os prejuízos que esta opção política vai trazer para os trabalhadores, o País e a popula-

ção foi tomada num plenário recente, em que participaram representantes da Comissão de Trabalhadores e de organizações sindicais de diferentes orientações (SINTTAV, STPT, SNTCT, STT, Sicomp, SQTD, Fentcop e SNAQ).

«Se a privatização de 49 por cento do capital de uma empresa altamente lucrativa como é a Portugal Telecom foi e é hoje considerada uma

aberração política, a privatização de 75 por cento, com a consequente perda do controlo por parte do Estado dum sector vital para o País, para a defesa nacional e para o sigilo das telecomunicações, então, podemos considerar que se assiste a um escândalo nacional» - afirma-se numa nota anteontem distribuída à comunicação social por aquelas estruturas de trabalhadores.

Enfermeiros passam à acção

Os enfermeiros iniciaram **terça-feira um período de luta que poderá culminar numa greve nacional em Novembro**, porque o Ministério da Saúde continua sem dar solução aos problemas mais sentidos pela classe. O plano de acções foi anunciado em Lisboa no dia 1 de Outubro, pelo Sindicato dos Enfermeiros Portugueses e pelo Sindicato dos Enfermeiros da Região Autónoma da Madeira.

A partir desta semana, os sindicatos vão intensificar a sua acção nos locais de trabalho, bem como junto da opinião pública, e os enfermeiros vão enviar à ministra da Saúde faxes, cartas, moções e abaixo-assinados. Entre os dias 20 e 24 vai ser desencadeada uma campanha de esclarecimento; nesta «semana de luta» terão lugar deslocações aos governos civis, uma concentração nacional em Lisboa e uma vigília junto ao Ministério da Saúde, e uma paralisação nacional de duas horas em hospitais considerados prioritários. Ainda em Novembro poderá ser convocada uma greve nacional.

O SEP e o SERAM afirmam que os enfermeiros não

aceitam continuar a ser discriminados e desvalorizados pelo Governo, o qual recusa negociar a proposta sindical sobre a carreira de enfermagem e o caderno reivindicativo entregue pelos sindicatos a 25 de Junho, mas já revalorizou outras carreiras, como a dos médicos e dos professores.

Nas propostas sobre o Serviço Nacional de Saúde, o Ministério «omite ou afasta os enfermeiros dos órgãos de gestão e de direcção, a todos os níveis» e atribui apenas aos médicos incentivos para a área dos Cuidados de Saúde Primários. É ainda motivo de protesto sindical o facto de o Governo ter proposto à AR que o seu órgão de controlo do exercício da profissão se designe «associação profissional» e não «ordem».

Professores contratados

As comissões de professores contratados, em luta pela vinculação, decidiram acompanhar deslocações do primeiro-ministro com «bancas de

esclarecimento da opinião pública» sobre o problema da precariedade de emprego que afecta cerca de um terço (segundo números oficiais) dos docentes do ensino pré-escolar, básico e secundário.

Reunidas dia 2 em Lisboa, as comissões aprovaram uma moção - entregue depois no Ministério da Educação - em que expressam o seu apoio ao regime transitório de vinculação proposto pela Fenprof em Julho (idêntico ao definido pelo Governo para a Administração Pública). O plenário nacional rejeitou peremptoriamente o documento de trabalho sobre contratação de pessoal docente, enviado pelo ME no final de Setembro.

Do plano de acções aprovado constam, além das bancas a acompanhar António Guterres, a realização de um tribunal de opinião pública ainda em Outubro, a promoção de um abaixo-assinado de apoio à luta dos professores contratados, a convocação de um plenário nacional, seguido de desfile, em Novembro, e o recurso a instâncias internacionais ou mesmo a tribunais nos casos em que a legalidade for violada.

No 27º aniversário

CGTP insiste na luta

Para o coordenador da União de Sindicatos do Porto, «é indispensável insistir na luta contra a opressão dos trabalhadores, por uma sociedade de melhor e pela defesa dos direitos adquiridos ao longo de todos estes anos». Citado pela Lusa, Vítor Ranita disse que a resposta aos «complexos desafios» que se colocam aos trabalhadores actualmente deve passar pela «solidariedade na luta pelos seus direitos».

O dirigente sindical falava dia 1 de Outubro, na abertura da exposição «O Património Histórico do Movimento Sin-

dical», promovida pela USP no âmbito das comemorações do 27º aniversário da CGTP-Intersindical Nacional, e que «reflete mais de 100 anos da história da luta do movimento sindical em Portugal e, muito especialmente, no distrito do Porto».

A mostra esteve patente até sábado no «Cristal Park», e incluiu vários documentos originais de organizações sindicais do início do século, entre as quais a Câmara Sindical dos Trabalhadores do Porto, uma espécie de antecessora da USP. Actas sindicais e documentos do regime monárquico e dos

primeiros tempos da República puderam também ser vistos nesta exposição, em que também constou uma carta enviada por um preso político ao seu sindicato apelando à solidariedade da classe.

O aniversário da CGTP, como oportunamente noticiámos, foi assinalado por todo o País com iniciativas centradas na defesa da Segurança Social e na exigência da efectiva redução dos horários de trabalho. À nossa Redacção chegaram notícias de plenários e debates promovidos pelas uniões distritais de Braga e Aveiro e da RA dos Açores.

TRABALHADORES

Trabalhadores recusam pagar dívida alheia Já se fala em greve nos CTT

Após a entrega de uma petição na AR, o Governo anunciou meia-solução para o défice do Fundo de Pensões. Hoje os sindicalistas analisam a resposta ao congelamento das diuturnidades decretado pela administração.

Uma nota à comunicação social esperava os dirigentes do Sindicato Nacional dos Correios e Telecomunicações, no dia 29 de Setembro, quando chegaram da Assembleia da República, onde haviam deixado uma petição, com mais de 7 mil assinaturas, requerendo a Almeida Santos que o problema do Fundo de Pensões dos CTT e das responsabilidades não assumidas do Estado fosse levado a plenário.

Por aquela nota, «gentilmente cedida» por uma estação de rádio, ficaram os representantes dos trabalha-

dores dos Correios a saber que o Governo decidira garantir o pagamento de 30 milhões de contos, ainda em 1997, e de mais 60 milhões num prazo de 5 anos; quanto à restante dívida (mais cerca de 95 milhões de contos), deverá ser coberta pelos CTT.

Esta solução - que é considerada pelo Sindicato Nacional dos Correios e Telecomunicações «resultado da nossa luta de anos» - não satisfaz, no entanto, as reivindicações dos trabalhadores e do SNTCT. Nos contactos desenvolvidos e na petição entregue na AR, o sindicato



Mais de duas centenas de dirigentes, delegados e activistas sindicais concentraram-se dia 4 de Setembro junto à sede dos CTT

exige uma de duas medidas: ou o pagamento integral da dívida do Estado ao Fundo de Pensões, ou o regresso dos subscritores deste à Caixa Geral de Aposentações.

O sindicato classifica como «triste» o facto de só pela comunicação social ter sabido da nota do Ministério das Finanças e do despacho governamental. E mostra-se insatisfeito com as medidas anunciadas pelo Governo, por dois motivos apontados pelo secretariado nacional do SNTCT:

- «Continuará a empresa CTT a ter que anualmente prover extraordinariamente o Fundo de Pensões com verbas da sua gestão corrente, reduzindo os benefícios e recusando aumentos salariais (este ano o aumento das diuturnidades foi congelado);

- «Continuarão assim os trabalhadores dos CTT a pagar por via indirecta uma dívida que não é sua, quando a sua participação para a

aposentação foi sempre pontualmente descontada».

Revisão do AE

Outro ponto sensível da actual situação laboral nos CTT é a revisão do Acordo de Empresa. As negociações entre os representantes dos trabalhadores e do conselho de administração deveriam ser retomadas anteontem; na primeira fase, o CA recusou discutir e mandou aplicar, por acto de gestão, aumentos salariais de 3 por cento e o congelamento das diuturnidades. Ficou sem resposta a reclamação de que o complemento de doença e outros direitos sejam alargados a todos trabalhadores (e deixem de estar limitados aos que faziam parte dos quadros antes da passagem dos CTT a sociedade anónima, em 1992).

Também tem suscitado protestos justos o facto de não estarem regularizadas, ao fim de mais de 8 meses, as con-

venções das Obras Sociais com médicos e clínicos, o que leva a que trabalhadores que efectuem regularmente os seus descontos não tenham médicos que os assistam.

Numa concentração efectuada em Lisboa, há cerca de um mês, duas centenas de dirigentes, delegados e activistas sindicais deixaram na sede dos CTT uma resolução apontando todos estes problemas e prevenindo a administração de que poderá «estar a provocar um conflito de grandes proporções, que será inevitável, se não der respostas às justas reivindicações dos trabalhadores».

Numa reunião marcada para hoje, o conselho nacional do SNTCT analisa o despacho do Governo sobre o Fundo de Pensões e a posição da administração sobre o Acordo de Empresa. José Oliveira, dirigente do sindicato, admitiu ao «Avante!» que aqui possam ser discutidas formas de luta para breve prazo.

Mineiros repudiam chantagem

Os trabalhadores das minas de Aljustrel manifestaram dia 1, em plenário, o seu repúdio pela «forma chantagiosa como a administração das Pirités está a tratar os mineiros».

António Quintas, da Federação dos Sindicatos da Metalurgia, Metalomecânica e Minas, disse à Lusa que os mais de cem trabalhadores analisaram as propostas da empresa, que na véspera reunira com 80 mineiros para os incentivar ao processo de antecipação de reforma, dando-lhes dois dias para decidirem o que fazer. Este curto período foi

classificado como «uma pressão sobre os trabalhadores para que aceitem aderir a um processo que não conhecem», pois «não têm indicações sobre garantias a dar pela Segurança Social que lhes permitam tal decisão». Por outro lado, aquele dirigente salientou que a estrutura sindical dos mineiros deve ser envolvida no processo.

Os mineiros decidiram manifestar o seu protesto junto das instalações da administração e lançar um abaixo-assinado em Aljustrel para enviar ao primeiro-ministro, recordando a situação da empresa e a luta dos trabalhadores nos últimos cinco anos. Preparam também uma manifestação em Lisboa, ainda durante este mês, caso o primeiro-ministro não aceite receber entretanto uma delegação.

Futuro para a Ivima

Até ao final de Outubro deve haver «uma definição clara e inequívoca» sobre o futuro da Ivima, exigiu na semana passada o Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Vidreira. Em comunicado, o STIV reagiu a notícias sobre a existência de interessados na empresa, que atravessa uma grave crise.

A administração da Ivima comprometeu-se, entretanto, a pagar os salários de Setembro até ontem, enquanto os subsídios de férias em atraso deverão ser liquidados na totalidade até ao fim do mês. Caso estes dois compromissos não sejam satisfeitos, o STIV realizará plenários de imediato para auscultar os trabalhadores - refere a Lusa.

Sérgio Moiteiro, coordenador do sindicato, disse à agência que Augusto Mateus (que se deslocou à região e recebeu uma delegação sindical) confirmou a existência de «perspectivas para que a empresa possa mudar de mãos». Dados da Comissão de Trabalhadores indicam que a Ivima tem um passivo de oito milhões de contos, cerca de 400 mil dos quais são devidos aos operários.

A história da dívida

10 de Novembro de 1969 - Por decreto-lei, é criada a Empresa Pública Correios e Telecomunicações de Portugal; os trabalhadores, até aí incluídos na Função Pública, têm garantidos legalmente os direitos que decorriam da condição de subscritores da Caixa Geral de Aposentações. Um regulamento próprio deveria definir a forma como iam ser pagas pelos CTT as pensões aos aposentados depois de 1 de Janeiro de 1970: directamente ou por fundo próprio a criar para o efeito.

1988 - Nos 18 anos decorridos, a empresa não criou o fundo, nem cuidou de aprovisionar-se para garantir a obrigação de abonar as pensões dos trabalhadores, limitando-se a gerir as contribuições do pessoal (descontadas regularmente), que eram suficientes para cobrir os pagamentos aos aposentados. Depois de um estudo alertar para os riscos a médio prazo, é criado o fundo de pensões dos CTT.

14 de Maio de 1992 - O decreto-lei 87/92 transforma os CCT em sociedade anónima. Os trabalhadores admitidos após 19 de Maio de 1992 ficam arredados do fundo de pensões dos CTT, o que para o SNTCT representa uma «flagrante desigualdade» e coloca em causa a sobrevivência do fundo, por falta de novos contribuintes. O défice do fundo era estimado, na altura, em 253 milhões de contos.

15 de Dezembro de 1992 - É decretada a cisão dos CTT e é criada a Telecom Portugal. Do património líquido, 163 milhões de contos passaram para a Telecom (84%), enquanto 32 milhões de contos ficaram nos CTT (16%); do défice do fundo de pensões, ficaram 152 milhões a cargo dos CTT (60%) e apenas 101 milhões passaram para a Telecom (40%).

Para esta é transferido um valioso património «em grande parte construído e financiado a expensas dos valores não aprovisionados no fundo de pensões dos CTT», afirma o SNTCT. «Desta forma, por motivo única e exclusivamente justificado por vontade política para o efeito, os CTT SA transformaram-se numa empresa tendencialmente deficitária e os trabalhadores viram assim e mais uma vez agravada a ameaça que pesava sobre o futuro das suas aposentações» - acusa-se na petição entregue na AR no final do mês passado.

1994 - no resultado de mais uma «reestruturação» nas telecomunicações, a Telecom Portugal é fundida com os TLP e a TDP, constituindo a Portugal Telecom. O SNTCT recorda que, na posterior privatização da PT, «nada reverteu para o fundo de pensões dos CTT, ao mesmo tempo que o fundo de aposentações da Portugal Telecom (para que os privados a adquirissem sem encargos) era reforçado e aprovisionado em cerca de 80 milhões de contos».

Sindicatos exigem clarificação na política dos medicamentos

A Federação Nacional dos Médicos defendeu no sábado, em Coimbra, a urgência da clarificação da alegada corrupção entre profissionais de saúde e a indústria farmacêutica. O conselho nacional da federação declarou que a «greve às vinhetas» anunciada pela Ordem dos Médicos «não só não foi discutida com a FNAM como não merece o seu acordo».

Sobre as relações entre médicos e indústria farmacêutica, a FNAM considera urgente que a situação seja clarificada, ao referir que «o todo não pode ser confundido com a parte». «Se comprovada, a corrupção de alguns médicos, bem como dos restantes elementos da cadeia de corrupção iniciada na indústria farmacêutica, há somente que fazer-lhes aplicar (tal como a todos os corruptos da sociedade) as leis vigentes», afirma o conselho nacional, num documento citado pela Agência Lusa.

A FNAM sustenta que a responsabilidade da formação médica pós-graduada «deve ser atribuída às instituições de saúde», e rejeita «qualquer canalização de verbas destinadas à formação para as associações representativas da classe, nomeadamente a Ordem dos Médicos».

Sublinha ainda a necessidade de a comunicação social, que tem preenchido «aberturas de noti-

ciários e primeiras páginas de jornais com o tema «Relação Médicos/Indústria Farmacêutica», passe a dar «igual ênfase aos reais problemas da saúde e dos seus profissionais».

Sinorquifa

O Sindicato dos Trabalhadores da Química, Farmacêutica, Petróleo e Gás do Norte, que representa os profissionais da informação médica, manifestou a sua solidariedade aos trabalhadores afectados pelo «clima de suspeição» provocado pela chamada «lista dos laboratórios».

«A confirmarem-se as notícias que envolvem laboratórios e médicos, fica provada a razão e a justiça das posições deste sindicato quanto à necessidade de serem estabelecidas regras claras e sérias para a acção dos laboratórios junto da classe médica», refere o Sinorquifa num comunicado que divulgou dia 1 de Outubro.

O sindicato considera que «todas as acções que não se enquadrem na informação e promoção honesta de especialidades farmacêuticas são da total responsabilidade das entidades patronais».

PCP na Boémia e Morávia, Jugoslávia e Bulgária

Carlos Aboim Inglez, membro do Comité Central e da Secção Internacional, representou o PCP na festa do «Haló Noviny», jornal do Partido Comunista da Boémia e Morávia, que se realizou em Praga no passado dia 6 de Outubro. Posteriormente, deslocou-se à Jugoslávia e à Bulgária.

Vitória dos Sem-Terra

O Tribunal de Vitória decidiu, no fim de Setembro, que o próximo julgamento do dirigente do Movimento dos Sem-Terra se realizará naquela cidade, capital do Estado de Espírito Santo. Quatro juízes votaram a favor e três contra. «Portanto, vitória para nós», comentam os Sem-Terra num comunicado, acrescentando que «José Rainha é inocente, crime é não fazer reforma agrária». O julgamento deverá ter início na primeira quinzena do mês de Dezembro. O MST continua a receber mensagens de solidariedade de todos os pontos do planeta: «Pessoas de todas as classes sociais, de toda a região do Brasil e do Mundo se manifestaram indignados com a condenação de José Rainha».

Nova lei de imprensa brasileira gera contestação

As associações brasileiras de jornais, rádios e televisões divulgaram na segunda-feira um «manifesto à nação» onde se assumem contra o projecto de lei de imprensa em preparação no Congresso. «Trata-se de uma das mais violentas e primitivas penalidades contra a liberdade de expressão em todo o mundo», defendem. A nova legislação anula qualquer limitação às indemnizações financeiras por calúnia, injúria e difamação, o que vem «permitir condenações absurdas, desproporcionais ao dano causado» e poderá levar ao encerramento de empresas jornalísticas. Por outro lado, ao prever multas para os jornalistas que podem atingir 17 mil contos, a lei levará «ao regresso da autocensura» nas redacções. Segundo os signatários do documento, esta lei constitui uma «ameaça à liberdade de imprensa» e «a maior ameaça que a livre circulação de ideias e informação sofre desde o regime militar».

Médio Oriente Vislumbrar a paz

O processo de paz do Médio Oriente vai finalmente ser retomado. A decisão surgiu no início da semana, poucos dias decorridos sobre a troca de prisioneiros entre Israel e a Jordânia.

O primeiro passo foi dado na semana passada pelas autoridades judaicas com a libertação do fundador do movimento integralista Hamas, o xeque Ahmed Yassine, após oito anos e meio de prisão. Tetraplégico e cego, Yassine foi imediatamente transportado para uma unidade hospitalar da Jordânia, por iniciativa pessoal do rei Hussein. Na segunda-feira, regressou à zona autónoma palestina de Gaza.

Nesse dia a Jordânia libertou dois agentes israelitas, autores de um atentado contra um responsável do Hamas em Amã, como contrapartida à «libertação de prisioneiros jordanos e palestinos».

No total, 22 presos políticos - nenhum deles implicado em atentados - abandonaram desde o início da semana as prisões de Israel com a autorização de voltarem às suas zonas de origem. As autoridades anunciaram que mais 50 palestinianos actualmente detidos serão libertados brevemente.

Contudo, estes passos não trazem consigo a ilusão da paz. Apesar de pedir a contribuição de todos «para manter a paz» e na utilização de «meios pacíficos» para recuperar os direitos palestinianos, o dirigente do Hamas deixou muito claro que «o cessar-fogo não pode ser obtido enquanto não terminar a ocupação».

Por outro lado, Israel não anulou as decisões anunciadas de construir novos colonatos na Cisjordânia. Além dos protestos por parte da Autoridade Palestiniana, vários países levantaram as suas vozes contra os enclaves judeus.

«Corre-se o risco de destruir o mínimo de clima de confiança que deve existir para as duas partes continuarem a negociar uma solução definitiva», declarou o ministro dos Negócios Estrangeiros luxemburguês nas Nações Unidas, no fim de Setembro.

Madeleine Albright, secretária de Estado dos EUA, voltou a apelar ao Governo de Benjamin Netanyahu que «respeite uma paragem efectiva» na colonização. «Este tipo de medidas não é nada útil», afirmou.

Entretanto, mais de meio milhão de israelitas estiveram em greve no passado dia 28 res-



A paz é uma aspiração comum aos povos israelita e palestiniano

pondendo ao apelo da Confederação Geral de Trabalhadores, afectando especialmente as ligações aéreas. Os trabalhadores protestaram contra o programa

de privatizações do Governo, o aumento do desemprego e o não cumprimento do acordo sobre pensões assinado pelo executivo trabalhista em 1996.

Criação de emprego na Europa Das intenções à realidade

No passado dia 1 de Outubro, no primeiro dia e à primeira hora da mini-sessão plenária do Parlamento Europeu, em Bruxelas, o presidente da Comissão Jacques Santer brindou os deputados com um discurso de sete páginas para apresentar as propostas da Comissão para o Conselho Europeu de Novembro sobre o emprego.

Esta intervenção, que foi no mínimo cautelosa, começou por referir um aspecto, em que todos estão de acordo, que é o reconhecimento de que a afirmação proferida nos vários Conselhos Europeus sobre a prioridade do emprego está estafada e que «agora é necessário agir». No entanto, foi alertando logo de seguida contra falsas esperanças.

O objectivo que se pretende atingir a longo prazo é o de aumentar a taxa de emprego actual para mais de 70% (nível igual ao dos parceiros comerciais da UE, nomeadamente Estados Unidos e Japão). Aproveitando a «dita» melhoria da conjuntura, a taxa de emprego actual pode aumentar de 60 para 65% num prazo de cinco anos, obtendo uma diminuição da taxa de desemprego de cerca de 11 para 7% e a criação de cerca de 12 milhões de novos empregos.

Vejam agora os quatro eixos em torno dos quais se orientam as propostas de acção a apresentar aos Estados-Membros:

O espírito de empresa - É necessário estimular a criação de empresas e em especial de pequenas e médias empresas (PME) que são as verdadeiras criadoras de novos empregos. Assim, a Comissão propõe: a redução dos encargos administrativos e das despesas gerais; facilitar a passagem de empregado assalariado a independente (ainda mais?); facilitar o acesso das PME aos capitais, criando um mercado secundário pan-europeu de capitais (modelo americano); redução da pressão fiscal sobre o trabalho (à custa da redução das ajudas estatais às empresas); reequilibrar a fiscalidade sobre o capital, garantindo a sua neutralidade orçamental (quanto a esta

materia será o Conselho de Economia e Finanças de 13 de Outubro a decidir); criar condições de acesso às novas tecnologias, nomeadamente a «sociedade da informação».

Melhor inserção profissional, melhor «empregabilidade» - A Comissão afirma que na UE existem 18 milhões de desempregados, apesar de os empregadores se queixarem de não conseguirem preencher centenas de milhar de postos de trabalho. No entanto, é necessário ter em conta que cerca de 50% dos desempregados não tem qualquer formação e que apenas 10% recebe uma formação. 10% dos jovens saem da escola prematuramente e 45% dos que iniciam um curso secundário não chegam ao seu fim (é caso para perguntar por que não são integrados as centenas de milhar de jovens que em toda a UE são portadores de um diploma universitário e continuam no desemprego...). Nesta área, a Comissão propõe: oferecer uma nova oportunidade, sob a forma de emprego, formação ou outra, a todo o desempregado adulto antes que ele atinja doze meses sem trabalho e aos jovens antes de seis meses de desemprego; no prazo de cinco anos, reduzir a metade o número de jovens que abandonam prematuramente o sistema escolar; privilegiar políticas de emprego activas, fixando objectivos; propor uma formação a pelo menos 25% dos desempregados, no prazo de cinco anos.

Melhor capacidade de adaptação - Face às novas tecnologias e às novas condições de mercado, as empresas têm de desenvolver a sua capacidade de adaptação se querem manter a sua viabilidade. Aqui Santer chama à ribalta

os parceiros sociais que deverão negociar acordos sobre a organização do trabalho e as formas de trabalho flexíveis. Os Estados-Membros devem contribuir criando um quadro capaz de permitir a existência de tipos de contratos mais adaptáveis (leia-se igualmente flexíveis) e melhorando o estatuto do trabalho atípico; podem apoiar as empresas favorecendo fiscalmente o investimento nos recursos humanos; devem abandonar as ajudas estatais a sectores sem futuro.

Igualdade de oportunidades - A Comissão reconhece que, a longo prazo, a manutenção do nível de vida e do modelo social europeu dependerá cada vez mais da contribuição das mulheres. Assim, é proposto que os Estados-Membros se esforcem por reduzir a diferença entre a taxa de desemprego feminina e masculina; tomem medidas que permitam a conciliação da vida profissional e familiar (interrupção de carreira, licença parental, trabalho a tempo parcial, melhoria no acesso aos serviços de acolhimento de crianças); facilitar a reintegração de mulheres na vida activa.

O dito e o não dito ...

Isto foi o que Jacques Santer disse ao Parlamento Europeu. Mas houve alguns aspectos que se «esqueceu» de incluir no seu discurso mas que estão mencionadas no boletim de 2.10.97 da Agence Europe e que constam no documento aprovado pela Comissão (e que os jornais portugueses também não divulgaram). Por exemplo, que os Estados-Membros devem, a médio prazo, suspender políticas e objectivos ambiciosos em matéria de emprego e que os parceiros sociais devem continuar a contribuir para a moderação salarial.

Jacques Santer também não explicou com que meios se porão em prática estas medidas uma vez que as despesas públicas de cada país estão espartilhadas

pelos critérios de convergência nominal e nem a Comissão nem o Conselho incluíram no orçamento da UE para 1998 verbas nesse sentido.

Como se pode constatar, a pressão dos povos da UE levaram o Conselho a integrar um capítulo sobre o emprego no projecto de tratado de Amsterdão (o que não estava previsto) e obrigaram-no a marcar uma cimeira extraordinária para tratar do assunto.

No entanto, Jacques Santer acabou a sua intervenção dizendo mais uma vez que se deveriam evitar todas as falsas expectativas que resultariam em verdadeiras decepções. A Comissão não vai pedir milagres nesta cimeira mas que dela saiam orientações concretas. O presidente Santer disse também que não seriam aplicadas sanções aos países que não respeitarem essas orientações mas que a Comissão poderia fazer «recomendações» individuais uma vez que não trabalham «contra» mas «com» os Estados-Membros (então e as sanções que serão aplicadas aos Estados-Membros que não cumprirem os critérios após a adesão à moeda única?...).

Várias manifestações estão já previstas para o Luxemburgo para a altura da cimeira. Apesar de toda a campanha mediática em torno do novo tratado e da cimeira, os trabalhadores europeus já perceberam que não podem baixar os braços. Mesmo tendo vencido esta batalha, estamos ainda longe de ganhar esta guerra.

O Grupo Esquerda Unitária Europeia/Esquerda Verde Nórdica (de que fazem parte os eurodeputados do PCP) não está alheado desta discussão. No dia 21 de Outubro, e por sua iniciativa, realizar-se-á em Estrasburgo uma reunião com sindicalistas e técnicos de vários países a fim de discutir com eles as propostas que, em nome do Grupo, serão submetidas aos Chefes de Estado e de Governo.

Comunistas italianos exigem mais emprego

O Partido de Refundação Comunista anunciou que não votará o Orçamento de Estado para 1998 apresentado pelo Governo italiano se não for alterada a reforma financeira de Prodi assente em severas medidas de austeridade.

Perante a proposta de negociações sobre algumas partes do seu conteúdo, Fausto Bertinotti, o líder comunista, declarou que «não podemos de maneira nenhuma ultrapassar este orçamento. Ele está errado e deve ser posto de lado. Deveriam antes começar negociações sobre as questões que nós colocamos».

«Só indicações não chegam. Elas devem ser tidas em consi-

deração quando houver uma aceitação real para que se alterem as políticas económicas deste Governo», acrescentou.

Tendo em vista a entrada na moeda única na primeira fase, o Executivo liderado por Romano Prodi pretende fazer cortes de cinco mil milhões de liras na previdência social e no sistema de reformas e pensões. Por outro lado, a criação de mais postos de trabalho é posta de

lado. A Refundação Comunista exige que os orçamentos para a previdência social, a assistência sanitária e as pensões não sejam diminuídos, e que os direitos dos trabalhadores e as regras para reformas por limite de idade não sejam alterados.

Os comunistas propõem também a redução do horário de trabalho para 35 horas semanais. Outra das medidas reivindicadas passa pela proibição da entrada de sociedades estrangeiras na privatização da Telecom e a manutenção da companhia da electricidade como empresa pública. O Instituto para a Reestruturação Industrial deve passar a desenvolver novos



Fausto Bertinotti, dirigente da Refundação Comunista

empregos no sul do país, a zona tradicionalmente mais pobre de Itália.

O Governo precisa dos votos da Refundação Comunista para

fazer passar o orçamento na Câmara dos Deputados, apesar de ter maioria absoluta do Senado. O debate termina hoje na Câmara dos Deputados.

Restos mortais de torturados encontrados no Peru

Restos ósseos de 50 pessoas com sinais de tortura foram encontrados numa vala comum na zona de Ancash, a norte de Lima. A descoberta foi revelada pela comunicação social da região na semana passada, segundo a qual os crânios encontrados mostram a contundência dos golpes e os ossos das extremidades fracturados.

Novo financiamento partidário na Argentina

O governo argentino anunciou recentemente o envio ao Parlamento de um projecto de alteração à lei do financiamento dos partidos políticos, que estabelece castigos para os casos de contribuições directas por empresas privadas. De acordo com a nova legislação ainda por aprovar, caberá ao governo distribuir pelos partidos o dinheiro oferecido pelos empresários segundo o número de votos obtidos nas eleições. Apesar dos argumentos das autoridades que defendem que esta medida serve para «fomentar a democracia», há quem afirme que esta lei vem perpetuar a relação entre poder e capital, isto é, entre fortes e mediáticas campanhas eleitorais e fortes contribuições monetárias a condizer.

Saudação ao PC de Cuba

O Partido Comunista de Cuba realiza, de 8 a 10 de Outubro, o seu V Congresso. A propósito do evento, o CC do PCP enviou uma saudação «aos delegados ao Congresso, e por seu intermédio a todos os comunistas e ao povo heróico de Cuba», em que formula votos de êxito para os trabalhos e para a acção «em defesa da soberania nacional e das conquistas fundamentais e rumo socialista da revolução cubana».

Na sua mensagem, o PCP reafirma a sua condenação do «criminoso bloqueio dos EUA a Cuba», sublinhando que a «confirmação da opção socialista de Cuba, num quadro de grande adversidade, é expressão da confiança na capacidade criadora das massas e no papel determinante da luta dos povos para a definição do seu próprio futuro». Pelo seu exemplo, refere o documento, «a revolução e o povo cubanos contam, cada vez mais, com a solidariedade activa de homens, mulheres e jovens de todos os continentes que vêm na resistência de Cuba face ao imperialismo norte-americano um exemplo de dignidade e um valioso contributo à luta pela liberdade, a democracia, o progresso social e o socialismo em todo o mundo».

Os comunistas portugueses associam-se ainda «à emoção do povo cubano por ocasião das homenagens a essa grande figura de comunista e revolucionário que foi Ernesto Che Guevara».

Tensão no Golfo

O porta-aviões Nimitz, dos Estados Unidos, está a rumar ao Golfo Pérsico. A decisão da administração Clinton de reforçar a sua presença militar na região prende-se com os recentes «raids» iranianos no território do Iraque, o que levou já o Governo de Saddam Hussein a ripostar por considerar estar em causa a segurança nacional.

Os «raids» de caças iranianos em território do Iraque ocorreram no início da semana passada, na zona de exclusão aérea imposta pelos EUA e seus aliados no Sul do Iraque, na sequência da Guerra do Golfo, há seis anos.

A tensão na região agravou-se nos últimos dias, em especial depois da Turquia - que por sua vez atacou alvos curdos no norte iraquiano, numa operação dita «limitada» que envolveu 20 mil soldados, centenas de tanques e dezenas de aviões - ter acusado as tropas iranianas e sírias de estarem a con-

centrar forças na fronteira entre o Iraque e a Turquia. «Há uma concentração de forças blindadas sírias ao longo da sua fronteira oriental com a Turquia, e na região onde se encontram as fronteiras turca, síria e iraquiana. O Irão reforçou igualmente as suas forças blindadas ao longo da fronteira com o Iraque», anunciou a agência turca Anatolia, citando uma fonte próxima dos serviços de informação do país.

A Síria desmentiu a acusação, mas a iniciativa dos EUA faz temer que algo de grave se está a preparar na região. Ignorando o facto do Iraque ver o seu território sistematicamente violado por terceiros, a Casa Branca veio a público afirmar, através de Mikael McCurry, que «os EUA têm a intenção de fazer respeitar a zona de exclusão aérea», empregando para tal «o poder suficiente». É neste contexto que o Nimitz é enviado para o Golfo.

Referendo na Suíça Uma vitória popular

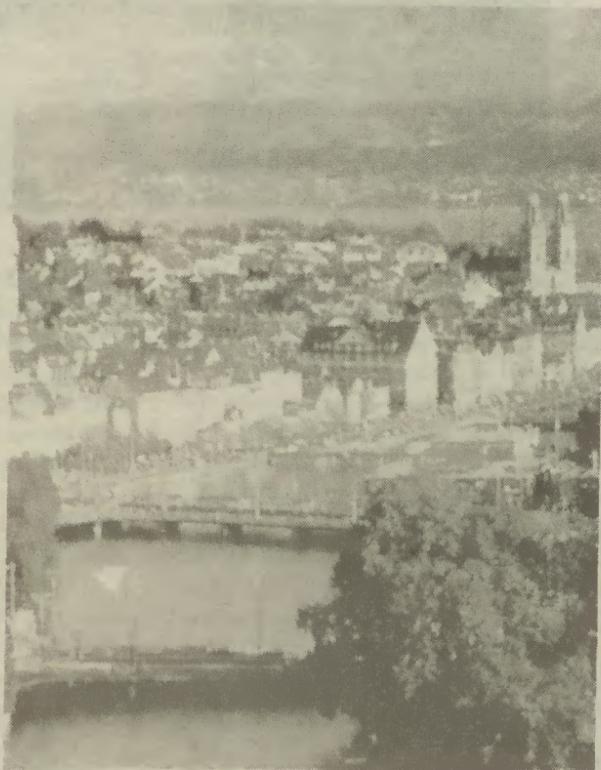
■ Manuel Beja

O referendo sobre o financiamento do Seguro de Desemprego realizado na Suíça, na semana passada, acabou com a vitória do «não» à redução dos subsídios de desemprego. 50,8 por cento dos eleitores pronunciaram-se contra esta medida (já implantada pelo Governo no início deste ano) e 49,2 por cento a favor, tendo-se registado uma participação de 40,1 por cento.

No dia seguinte ao escrutínio era possível respirar uma atmosfera mais social e de maior confiança. Na realidade, tudo o que acabou por acontecer era de início colocado em dúvida: como seria possível que uns quantos desempregados na Suíça francesa, constituindo um pequeno comité de pequenos recursos apoiado por sindicatos e partidos situados à esquerda, pudessem com os seus modestos meios cativar o eleitorado para um voto de solidariedade com os desempregados, contrariando as decisões do Governo e do Parlamento cada vez mais atacados pelo «vírus» do neoliberalismo?

A votação provou igualmente que uma parte considerável da população suíça está cada vez mais sensível à sorte dos desempregados não consentindo que estes continuem a ser penalizados como tem acontecido até agora.

Os factos falam por si. Em 1993, uma boa parte dos desempregados foram vítimas de um corte de 10 por cento nas indemnizações diárias. Em 1996, sofreram uma



A Suíça não é só o bilhete postal que costuma ser apresentado para consumo externo

nova baixa de 3,2 por cento sobre os seus rendimentos, na sequência da introdução exagerada de prémios do seguro de acidentes. Recentemente, ocorreu mais um corte de 1,8 por cento sobre os subsídios diários para o pagamento das quotizações do seguro complementar para a eventualidade de falecimento, orfandade e invalidez.

Não há dúvida que o resultado do referendo pode e deve ser interpretado como uma manifestação de solidariedade para com os desempregados, exprimindo ao mesmo tempo um grande de inquietude por parte da população frente à política de desmantelamento social, à difícil evolução do mercado de trabalho e à perda de competitividade da economia suíça.

Um outro aspecto relevante consiste na desproporção dos votos nas distintas regiões linguísticas. Todos os cantões latinos e os três cantões de língua alemã que votaram contra as medidas de agravamento registam as mais elevadas taxas de desemprego.

Ninguém duvida que esta votação foi também uma chamada de atenção para um Estado que economiza em prejuízo dos mais necessitados, favorecendo descaradamente os mais ricos.

Assim tem acontecido durante estes anos de longa crise, com os lucros da bolsa a elevarem-se a muitas centenas de milhar de milhões de francos.

Pobreza urbana atinge 60 por cento

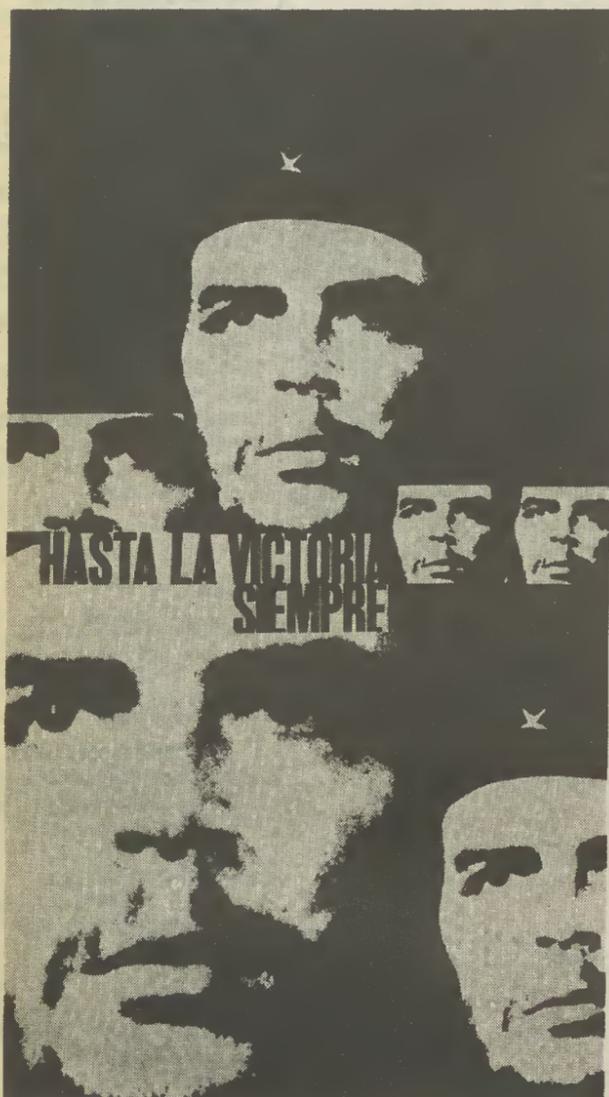
Assinalando o Dia Mundial do Habitat, que se comemorou na segunda-feira, as Nações Unidas apelaram a todos os Estados membros que contribuam para a aplicação de um programa de acção global destinado a criar «aglomerados humanos sustentáveis no século XXI». Actualmente, quase metade da população mundial vive em zonas urbanas e as projecções mostram que em 2025 dois terços da população residirão em cidades. De acordo com dados da ONU, as taxas de pobreza urbana chegam a atingir os 60 por cento e cerca de 40 por cento dos residentes em centros urbanos não têm acesso a água potável ou saneamento adequado. Muitos dos problemas com que as populações têm de lidar diariamente prendem-se com a poluição, o crime, a decadência das infra-estruturas e os congestionamentos.

EM FOCO

30 anos após a sua morte

A grandeza do Che e o despojar dos mitos

Algumas personagens de excepção, que deixaram marcas profundas na história, projectam uma imagem que, se não houvessem desaparecido ainda jovens, seria talvez diferente da que deles ficou, pois não tiveram a oportunidade de cumprir o ciclo normal da vida. Cito, como exemplo quatro homens diferentíssimos, sobredotados: Alexandre, Saint Just, Martí e Mariategui.



Seria entrar no terreno movediço da especulação sugerir que uma existência mais prolongada os teria colocado mais alto ou mais abaixo no panteão da humanidade. Não se trata disso. Pretendo somente sublinhar que o tempo de vida roubado pela morte prematura teria necessariamente contribuído para acentuar evoluções, ou melhor, distanciamento da imagem que permaneceu na memória colectiva. Todo o homem de excepção caminha sempre. Porventura vemos hoje Fidel como o víamos ao desembarcar do Granma?

O Che aparece-me como uma parcela profunda da história de duas décadas do nosso século nas quais a ideia e a praxis da revolução influíram fortemente no rumo de muitos povos do Terceiro Mundo, sobretudo na América Latina. Com a peculiaridade de que o significado do seu pensamento e da sua acção, o exemplo humanista, a ambição do projecto e a exigência e tenacidade postas no combate – com armas e sem elas – erigiram o Che não apenas em paradigma da ética revolucionária mas também em modelo do homem novo.

Acontece que sendo o **homem novo** uma meta, quase uma abstracção e um conceito de fronteiras difusas, o Che foi, era inevitável, mitificado.

Sabemos o que o Che fez: aquilo em que acreditava, o que imaginava possível. Não sabemos o que teria acrescentado à sua herança se o crime de La Higuera não lhe houvesse encurtado a vida.

Mas sabemos também que a mitificação do Che o deforma. Transcorridos 30 anos sobre a sua morte, um sistema mediático triturador criou, através de uma engrenagem planetária, não somente um Che irreal mas muitos Che fantasmáticos.

Um dos processos utilizados para deformar a imagem e pensamento do herói consiste em atribuir-lhe ideias e projectos que ele não defendeu. É significativo, por exemplo, que alguns dos actuais detractores do Che insistam em apresentá-lo como fanático apologista da teoria do foco guerrilheiro como núcleo de uma estratégia revolucionária na qual a luta armada seria praticamente suficiente para a tomada do poder, reduzindo a luta de massas a um papel subalterno, dispensável.

O ridículo manual de guerrilhas publicado pelo francês Régis Debray – **Revolução na Revolução** – que nos anos 60 obteve grande divulgação na América Latina, contribuiu então para gerar confusão. Milhares de jovens foram levados a crer que o Che havia perfilhado uma concepção estratégica da luta armada que nunca foi, afinal, a sua.

Por muitos motivos é, portanto, natural e útil que, neste trigésimo aniversário da queda em combate do grande revolucionário, Cuba tenha dedicado uma grande atenção a tudo o que lhe recorda a vida e obra. Nos últimos meses, foram publicados em Havana trabalhos de valor que contribuem para clarificar aspectos importantes do pensamento do Che e funcionam simultaneamente como instrumentos de desmontagem de mentiras e calúnias que pretendem atingi-lo. Um número especial da Revista Tricontinental agora lançado em Havana (?) reúne, por exemplo, alguns textos merecedores de leitura e estudo. Num deles, o comandante Manu-



Revolução triunfante. O mesmo sorriso anima as faces de dois heróis. O Che e Camilo Cienfuegos



O cadáver do Che, assassinado, é mostrado à imprensa internacional. Era preciso convencer o mundo de que o comandante fora aniquilado

el Piñero, o famoso **Barbaroja** da Sierra Maestra, torna públicos factos inéditos de grande interesse histórico ligados à preparação da guerrilha boliviana. Situando-se noutra perspectiva, o sociólogo German Sanchez, actual embaixador de Cuba na Venezuela, analisa, num ensaio brilhante e profundo, facetas pouco conhecidas do ideário do Che como revolucionário marxista e, em resposta indirecta a pseudo-intérpretes – a expressão é sua – das suas concepções estratégicas e refuta e desmonta esquemas caricaturais daqueles que em simplificações grosseiras insistem em reduzir o autor de **La Lucha de Guerrillas** à condição de mero divulgador da teoria do foco.

Sanchez recorda que o Che sempre condenou a teorização mecanicista dos exportadores de revoluções. Recomendava que se evitasse a tendência para **copiar Cuba**. Respeitava, «como válidas, no caminho da luta pelo poder revolucionário e pela conquista de uma nova situação para levar adiante a nova sociedade, **diferentes formas de acção**, de todo o tipo».

Entre dezenas de iniciativas de partidos e organizações progressistas estão a promover fora de Cuba em homenagem ao Che permito-me chamar aqui a atenção para um texto importante incluído no número 21 da Revista teórica do Partido Comunista da

Bolívia: «A experiência de Nancahuazú». O autor é Marcos Domich, primeiro secretário do PC da Bolívia (?).

O tema da guerrilha do Che é aí abordado de maneira inédita, vista do cenário boliviano, com ênfase para a problemática política e ideológica na sua relação com o governo ditatorial de René Barrientos e o exército, o Estado e a sociedade daquele país andino. Domich analisa com serenidade e lucidez questões que na época foram muito polémicas e recorda situações e factos que para muitos leitores conservam ainda, fora da Bolívia, força de revelação.

Manifestando sempre enorme respeito e admiração pelo Che, procura iluminar o quadro social, político e militar, extremamente complexo e contraditório, do seu país após a Revolução de 52, quando o Che ali esteve pela primeira vez. A visão – escreve – «de operários e camponeses armados parece ter sido algo que permaneceu muito profundamente gravado na mente do futuro e eterno guerrilheiro».

Domich nunca acreditou na viabilidade da continentalização da luta revolucionária nos anos que se seguiram à vitória em Cuba da geração do 26 de Julho.

Admirador, como ele, do Che, eu – então exilado no Brasil –

AUTÁRQUICAS



No distrito de Setúbal podemos dizer com propriedade que construímos o futuro. Este distrito, composto por 13 concelhos e 82 freguesias, é um exemplo, no todo nacional, do levar à prática as ideias e objectivos que estiveram na génese do Poder Local Democrático.

Com o 25 de Abril, iniciou-se o caminho de desbravar a pesada herança legada pelas autarquias fascistas que remeteram para o distrito de Setúbal o papel de região periférica, subdesenvolvida, dormitório da Capital, onde imperava o caos urbanístico, onde os índices de qualidade de vida eram dos mais baixos, onde o saneamento era insuficiente, onde as infra-estruturas a todos os níveis não existiam ou não chegavam para as necessidades.

Os homens, mulheres e jovens que então lançaram mãos à obra nesta grande tarefa autárquica fizeram-no assumindo-a de forma progressista. Quebraram procedimentos e hábitos arcaicos e anquilosados. O presidente da Câmara, o vereador, o membro da Junta de Freguesia já não eram o Doutor fulano, caixa de ressonância do Poder. Era o operário, era o estudante, era o médico, era o advogado, era a doméstica, era o povo eleito pelo povo. Era gente que até então pouco ou nada sabia de códigos

administrativos, finanças locais e outras que tais.

Era gente que para a tarefa só tinha uma qualificação, a mais importante de todas - uma enorme vontade de construir, de criar, de mudar.

A população do distrito de Setúbal reconhece nos comunistas e seus aliados no

poder local aqueles que ajudaram a construir o futuro que aqui se vive já hoje. Assim, 12 das 13 Câmaras Municipais são geridas pela CDU. E apresentam uma obra notável a todos os níveis. Hoje os índices de qualidade de vida são dos melhores ao nível nacional: a cobertura de saneamento é invejável, andando nalguns casos muito próximo dos 100%, os equipamentos culturais e desportivos são dos melhores do País, os espaços verdes são na generalidade cuidados e tratados, as preocupações ambientais são uma constante, o trabalho, a honestidade, a competência e a experiência são mais-valias assumidas como um «ex libris» da gestão da CDU no dia-a-dia.

Hoje, desafios novos são-nos colocados a criação de equipamentos intermunicipais é um deles. Grandes projectos como o metropolitano Sul do Tejo, meio de transporte rápido, e de qualidade, sobre carris que irá, no futuro, ligar os concelhos de Almada, Seixal, Barreiro e Moita à outra margem do Tejo. A Circular Regional Interna da Península de Setúbal que fará a ligação de Almada a Alcochete, ligando as duas pontes. As Estações de Tratamento de Águas Residuais que irão permitir um melhor ambiente para todos. Os aterros intermunicipais de resíduos sólidos urbanos, alguns já em funcionamento.

Esta capacidade de realização conjunta de grandes projectos só é possível, em grande parte, pela unidade política da gestão da CDU, pela definição regional de um desenvolvimento obrigatoriamente integrado e sustentado para fazer face aos desafios de um novo milénio que se aproxima.

A CDU é um garante de que esta grande obra se continue a cumprir, por isso é com confiança que enfrentamos esta batalha eleitoral que se aproxima, é com a convicção de mantermos e reforçarmos as nossas actuais posições, é com a certeza de que a vitória da CDU em todos os concelhos do distrito de Setúbal é a vitória das populações, é a vitória da competência e da honestidade, é a vitória do futuro.

Distrito de Setúbal

Aqui construímos o futuro



Moita Um dever que cumprimos

A CDU deu continuidade, neste mandato, às grandes linhas de modernização e desenvolvimento do concelho, aprofundando o vasto trabalho dos mandatos anteriores.

Foram concluídas, prosseguidas e iniciadas obras de carácter estruturante que, antecipando-se ao futuro, preparam o concelho para as grandes transformações que as novas acessibilidades irão provocar na nossa sub-região.

O trabalho desenvolvido pelas autarquias de presidência CDU é visível. A actividade está patente na requalificação urbana, na melhoria do ambiente, no diálogo e apoio ao Movimento Associativo, na procura de novos recursos financeiros, na modernização, racionalização e inovação dos serviços, no diálogo com as estruturas locais, regionais e centrais. Em suma, na transformação que tem vindo a operar no concelho, com o contributo de todos os que querem ajudar a criar um concelho melhor.

As propostas do Programa Eleitoral da CDU, para o mandato de 1993/1997, estão praticamente cumpridas, tendo sido feitos, para além disso, investimentos que não estavam anunciados mas que se impuseram em função da oportunidade e de novas condições criadas.

Sectores e áreas abrangidos

Pode-se afirmar que a CDU prosseguiu no concelho da Moita uma vasta obra que abrangeu todos os sectores e áreas de actividade.

Na modernização dos serviços - descentralizando verbas e competências para as Juntas de Freguesia, descentralizando e desburocratizando serviços municipais.

Na segurança e estabilidade das populações - apoiando com meios e verbas as forças de segurança e de protecção civil e dando meios para apoio à recuperação de toxicodépendentes, protecção de menores, defesa do consumidor, entre outros.

No desenvolvimento - reforçando as verbas para o turismo, criando meios para a fixação de empresas no concelho, construindo zonas verdes, repavimentando estradas, participando em importantes projectos intermunicipais como o Plano de Ordenamento de Coima, que engloba as zonas da Barra Cheia e Brejos da Moita, e o Metropolitano Sul do Tejo.

Na melhoria do ambiente e qualidade de vida - construindo habitação social, novas redes de esgotos, novas redes de captação e abastecimento de água, aterro sanitário, projectando novas estações de tratamento de águas residuais, remodelando parques, melhorando a

iluminação pública e arranjando os espaços exteriores em todas as zonas urbanas.

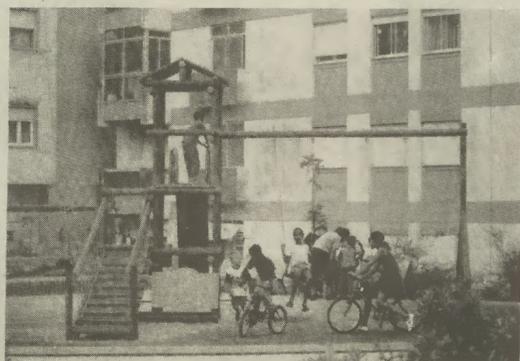
Na animação cultural e desportiva - apoiando associações e agentes culturais, adquirindo instalações, dinamizando iniciativas culturais e desportivas por todo o concelho, apoiando projectos educativos, nomeadamente com a abertura de novas salas para o Pré-Escolar e elaborando a Carta Escolar do Município da Moita, criando a Feira de Artes e Ofícios, inaugurando a Biblioteca Central do concelho e dinamizando e melhorando o funcionamento da biblioteca, assinando protocolos de cooperação com várias cidades de diferentes países, apoiando as festas tradicionais do concelho.

No diálogo com a Administração Central - exigindo que esta cumpra as suas obrigações nas diversas áreas, nomeadamente construção e conservação de Escolas, criação de um Estabelecimento de Ensino Superior, arranjos exteriores da responsabilidade do IGAPHE, construção e conservação de estradas e eixos viários de importância fundamental para o concelho e descentralização de serviços públicos.

A CDU cumpriu e vai continuar a cumprir, prosseguindo empenhadamente nos caminhos de um cada vez maior desenvolvimento do concelho da Moita.



Biblioteca Municipal Bento de Jesus Caraça



Os espaços exteriores surgiram em todo o concelho



João Almeida é o candidato da CDU à Câmara Municipal da Moita



O parque de Aghos Vedros



Por todo o concelho foram criados novos espaços exteriores

Montijo Rumo ao progresso

Montijo hoje está diferente. E para melhor. Muito tem mudado e com a marca CDU bem inscrita nas grandes e pequenas realizações.

No campo das acessibilidades, as grandes obras são claramente marcadas pela Ponte Vasco da Gama, porém e numa menor escala, muitos e muitos quilómetros de pavimentos degradados foram e continuam sendo requalificados.

Também se respira melhor. Descansa-se melhor e alinda-se a cidade com a construção de espaços verdes.

Montijo tem vida cultural. Dispõe da biblioteca Manuel Galdes da Silva, funcional, bem equipada e muito frequentada. Tem patente no Museu Municipal uma exposição permanente sobre a vida e obra do compositor Jorge Peixinho, seu filho dilecto. Discute com a Secretaria de Estado da Cultura a recuperação do Cine-Teatro Joaquim de Almeida. Organiza e promove o prémio de pintura Vespereira.

Na actividade desportiva, a par da Escola Municipal de Natação em funcionamento permanente a tónica é de cooperação com os clubes da Cidade. Destacam-se os torneios de futebol de 5 "Cidade de Montijo" e de andebol "Cidade de Montijo 97" a realizar no Pavilhão Gimnodesportivo Municipal. Ainda no campo dos equipamentos, foi aberto concurso para a construção do Pavilhão Desportivo do Esteval.

Preservando as nossas raízes, inaugurámos o Museu Agrícola da Atalaia que comporta dois núcleos - vinho e azeite - mostrando instrumentos e técnicas recuperadas ao pó do tempo.

Preparando o futuro, com o PDM finalmente aprovado e publicado trabalha-se no Plano Estratégico da Cidade, que integrará um Gabinete específico. Preparam-se o Plano de Salvaguarda de Montijo e vários Planos de Pormenor, destacando, o da Zona Industrial, da Zona Ribeirinha, da Mundet e da Zona Norte da Circular.

Especificamente, no abastecimento de água, temos como instrumentos directores os Planos Directores de Água e Saneamento.

Fazer mais

As metas que a CDU tem como horizonte estratégico da autarquia e como guia orientador da actividade são:

- virar a população para o seu rio;
- requalificar e valorizar a frente ribeirinha;
- preservar o Ambiente e os valores locais, agora no quadro do próximo surto de crescimento;
- combater os impactos negativos da nova Ponte e aproveitar ao máximo as suas vantagens;
- garantir as acessibilidades locais e regionais.



A zona ribeirinha foi alvo de grandes melhoramentos



Jacinta Ricardo é a candidata da CDU para mais um mandato

Maré, um Museu dos Transportes e Comunicações e o Museu Agrícola e Parque Biológico da Quinta da Atalaia.

- acertar o projecto comum para a área do estacionamento (com a Transtejo) e vias de ligação (com a JAE);
- garantir a utilização municipal do Cine-Teatro Joaquim de Almeida, e recuperação da Galeria Municipal, agora em início;
- criar o Gabinete de Apoio ao Empresário, para apoio às actividades económicas;
- consolidar as zonas urbanas de expansão da Cidade;
- requalificar os pátios.

Força dinâmica

Apesar de no Montijo a CDU ter 3 eleitos na Câmara Municipal, contra 2 do PS e 2 do PSD, e de estes partidos não terem pelouros por os terem recuado, as propostas apresentadas para o futuro do concelho neste órgão têm sido quase em exclusivo da CDU, já que o PS apresentou somente 5, o PSD 1 e estes dois em conjunto 2. A CDU apresentou ao longo do mandato 7 mil propostas na Câmara Municipal de Montijo.

São números que falam por si e que nos dão a certeza de partirmos para as eleições autárquicas com um grande trabalho realizado e reconhecido pela população.

Tanto na Câmara Municipal, como na Assembleia Municipal, como nas Juntas de Freguesia a CDU tem cumprido e vai continuar a cumprir. A CDU tem obra feita, a CDU vai continuar.

Sesimbra Sempre melhor

Em 20 anos, a gestão autárquica da CDU transformou radicalmente a face deste concelho. O abastecimento de água ao domicílio abrange mais de 90% da população. A energia eléctrica e a recolha de lixo abrange 100% da população. A recolha e tratamento de esgotos deram um salto significativo, tendo sido totalmente erradicado o esgoto "a céu aberto".

A imensa obra realizada fala por si: construímos duas escolas secundárias e três escolas básicas, para além da melhoria e ampliação da rede do ensino primário. Construíram-se por iniciativa municipal e das IPSS várias Creches, Jardins de Infância, Lares e Centros de Dia. Adquirimos o Cinema Municipal. Pavimentámos dezenas de quilómetros de estradas e caminhos municipais e até mesmo nacionais. Cedemos terrenos, projectos e meios financeiros para Centros de Saúde, Centros Comunitários, Colectividades e Associações. Lutámos com sucesso pela concretização do Porto de Pesca



Augusto Pólvora é candidato da CDU à Câmara de Sesimbra



A ETAR da Quinta do Conde e o projecto de saneamento da bacia de Sesimbra são duas importantes obras que melhoram a qualidade ambiental do concelho

de Sesimbra. Iniciámos a recuperação urbanística da Quinta do Conde e Lagoa de Albufeira. Construímos centenas de fogos de habitação social e cooperativa. Oferecemos centenas ou milhares de projectos tipo-Câmara. Reactivámos algumas das tradições culturais do concelho quase perdidas como os Santos Populares ou o Carnaval e mantivemos vivas Festas de grande importância como a Festa das Chagas, Festa do Cabo ou Festa da Luz. Criámos o Festival do Mar e a Feira Festa da Quinta do Conde. Modernizámos e descentralizámos serviços criando por exemplo o Projecto Municipal da Quinta do Conde.

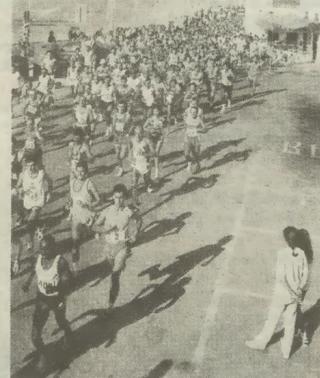
Antes e depois

Há 23 anos quando a Comissão Administrativa assumiu os destinos da Câmara, a situação herdada do fascismo no concelho deixou-nos um cenário desolador. Abastecimento de água ao domicílio só havia praticamente na sede do concelho. No resto do território, proliferavam os poços e fontanários e era preciso andar centenas de metros para o auto-abastecimento. Recolha de esgotos só havia na vila, e o efluente era lançado na praia sem qualquer tratamento. O lixo era recolhido episodicamente na vila por um carro de caixa aberta. Fora dela cada um tratava de si. Energia eléctrica só havia na vila. Escolas só a Primária, quando muito complementada pela Telescola e por um Liceu Privado frequentado em mais de 60% por "filhinhos de papá", exteriores ao concelho. Creches, Jardins de Infância, Lares e Centros de Dia não havia. A pesca e a agricultura em crise forneciam hordas de operários à Lisnave, Siderurgia, Arsenal e Setenave. O turismo estava estagnado. A especulação imobiliária grassava. Os bairros clandestinos na Lagoa de Albufeira e Quinta do Conde floresciam.

Hoje temos pela frente novos desafios. A viragem do século coincide também com a renovação das equipas que irão disputar e vencer as eleições para os diversos órgãos autárquicos do concelho de Sesimbra. Apesar do enorme esforço e de passos já dados no passado, continuam por concretizar ou concluir alguns grandes investimentos, como são exemplo a rede de infra-estruturas do concelho, com destaque para o saneamento da Bacia de Sesimbra (já iniciado) e para a infra-estruturação global das áreas abrangidas pelos planos de urbanização da Quinta do Conde e Lagoa de Albufeira. Estes são antes de mais os grandes desafios que se colocam no próximo mandato.



O VIII Espadarte de Prata é uma das importantes corridas populares do distrito



Desafios de hoje

O emprego é também uma grande preocupação e aposta no curto prazo. No momento em que as actividades tradicionais do concelho atravessam situações difíceis, praticamente irreversível no caso da agricultura e bastante preocupante no caso das pescas, é necessário que o município tenha uma especial atenção às questões queaju-



dem a fomentar o desenvolvimento económico. O enorme potencial paisagístico e ambiental do concelho e a sua inserção na Área Metropolitana de Lisboa permitem encarar com optimismo a aposta no desenvolvimento turístico. Para isso é também fundamental que a construção das grandes redes de infra-estruturas, quer viárias quer de ambiente, prossiga conforme previsto. Mas, como todos sabemos a sazonalidade típica da actividade turística, bem como a sua grande dependência dos circuitos internacionais dominados pelos operadores turísticos aconselha a que haja especiais cuidados em relação a uma exclusiva dependência desta actividade em termos de emprego. É por isso fundamental que se continue a apostar, por um lado, num turismo com uma forte componente cultural virado para o mercado interno, e por outro, noutras actividades industriais menos dependentes de conjunturas externas ao concelho.

Tão importante como criar as condições para o crescimento do emprego é a melhoria contínua das condições de vida das populações. Mais e melhor espaço público, mais espaços verdes, mais praças, mais espaços de lazer, melhores condições de circulação e estacionamento nos principais aglomerados urbanos, melhor conservação dos edifícios, mais creches e jardins de infância, mais e melhores escolas, mais lares e centros de dia, mais e melhores estradas, melhores transportes, melhor ambiente para a juventude, menos droga, marginalidade e insegurança - Sesimbra, sempre melhor é o que sinceramente ambicionamos.

Também a habitação continuará a ser uma grande aposta da gestão CDU. A construção de habitação social é fundamental à fixação de determinadas

camadas da população e à manutenção da identidade cultural do concelho. Cultura e desporto serão também bandeiras dos próximos mandatos. Recuperar e potenciar o património natural e construído existente no concelho e dotá-lo de alguns equipamentos culturais e desportivos de que ainda carece, será também um objectivo estratégico.

Intensificaremos ainda a política de modernização e reestruturação dos serviços municipais, fundamental quer à melhoria do serviço prestado à população quer à melhoria das condições de trabalho e à valorização profissional dos trabalhadores da autarquia.

Para atingir todos estes objectivos, fundamentais à contínua melhoria da qualidade de vida da população do concelho de Sesimbra, confiamos na decisão dos eleitores que, certamente mais uma vez, tal como sempre aconteceu nos últimos 20 anos, vão renovar a sua confiança nos candidatos da CDU.



A habitação social continua a ser uma das prioridades da autarquia

Barreiro

Futuro presente

O Barreiro reflecte o dinamismo, a criatividade e o empenho com que os eleitos da CDU conseguiram ajudar a ultrapassar uma grave crise económica e social do concelho, que foi resultado directo das políticas de direita desenvolvidas por sucessivos governos ao longo dos últimos anos.

Esta política de direita traduziu-se, no essencial, na destruição do aparelho produtivo, visível no desmembramento e desmantelamento das principais empresas do concelho e no encerramento de outras, na destruição de mais de 10 mil postos de trabalho, através de despedimentos, rescisões de contratos e reformas antecipadas, tendo por linha de força um constante ataque aos direitos e regalias dos trabalhadores, legalmente consagrados.

As autarquias do concelho conseguiram inverter uma tendência de degradação do ambiente social e económico. Aumentou-se a capacidade económica e financeira da autarquia, lançaram-se obras e iniciativas, recuperaram-se zonas degradadas, apostou-se no ambiente, na cultura, no património. Criou-se confiança nos agentes económicos e sociais.

Nas últimas eleições autárquicas, mais uma vez a população deu a sua confiança à CDU, que continuou à frente dos destinos autárquicos com a eleição das presidências da Câmara, Assembleia Municipal e das oito freguesias. Globalmente, a CDU obteve um total de 99 mandatos, enquanto as restantes forças partidárias, no seu conjunto, apenas obtiveram 69.



Pedro Canário, presidente e candidato da CDU à Câmara do Barreiro

Obra notável

As autarquias do Barreiro demonstram uma apreciável dinâmica, como resultado do muito trabalho que a CDU há muito vem realizando, de onde ressalta a conclusão de um vasto conjunto de obras - Parque Catarina Eufémia, passeio pedonal e arranjos na Av. Bento Gonçalves, Rotunda do Lavradio e Rua Mártires da Guerra Colonial, asfaltamento da Quinta da Areia, polidesportivo e passeio pedonal de Palhais, estrada Cabeço Verde/Fonte do Feto e passeios da Penalva, cruzamento da Rua Jornal Herald e asfaltamento da Rua Capitães de Abril, semaforização em Stº André, Verderena, Alto Seixalinho e Rua da Recosta, Convento da Verderena - bem como outras em fase de acabamento ou já lançadas, tais como o Parque da Cidade (15 hectares), Ginno-desportivo e Pavilhão da Cidade Sol, mercado do Lavradio e asfaltamento da Av. dos Fuzileiros Navais, entre muitas outras.

A Câmara subsidiou ainda os Transportes Colectivos do Barreiro que já cobrem todo o concelho, havendo ainda a registar o grande investimento na aquisição de novos autocarros.

Na vertente da qualidade ambiental também se assinala a construção de novos espaços verdes, recolha e tratamento de lixo domésticos, limpeza urbana e recolha e tratamento de resíduos clínicos, projecto este inédito no país.

O abastecimento de água foi melhorado e ampliado, cobrindo todo o concelho até ao fim do próximo mês.

Também se prosseguiu com a reconversão dos bairros de génese ilegal, com o envolvimento das respectivas associações de proprietá-

rios, tendo-se assim avançado significativamente na melhoria da qualidade de vida das populações residentes.

Simultaneamente, foram os serviços equipados com novos meios aumentando-se a produtividade e capacidade de resposta, por conseguinte, as condições de trabalho.



A Rua da Recosta (em cima) e o Parque dos Casquilhos são obras deste mandato

Paralelamente, desenvolveu-se uma intensa actividade cultural, desportiva e recreativa, havendo a destacar as comemorações do 25 de Abril e a aquisição pela CMB de uma sala para teatro cujas obras de adaptação estão praticamente concluídas. Não podemos deixar de assinalar a realização, na cidade do Barreiro, da ANIMAIO, Feira de Educação da Península de Setúbal e as comemorações dos 500 anos dos Descobrimientos, nas quais participam milhares de crianças, jovens e professores que constituem a comunidade educativa regional, vivendo assim o Barreiro uma enorme e profícua actividade cultural, educativa, recreativa e desportiva.

Os programas para a Câmara e Juntas de Freguesia que constituíram os compromissos da CDU para com as populações do Barreiro em finais de 1993, estão praticamente cumpridos.



A Câmara fez grandes investimentos nos transportes públicos que cobrem todo o concelho

estritamente ligada aos sentimentos, problemas e aspirações mais profundas da população do Barreiro, tem, por isso, ideias e projectos concretos e realistas para o desenvolvimento do concelho, conducentes a uma vida melhor para todos os cidadãos.

A CDU no Barreiro proclama como objectivos eleitorais a obtenção da maioria absoluta de mandatos para a Câmara, Assembleia Municipal e Assembleias de Freguesia do concelho.

As principais direcções de trabalho futuro que a CDU preconiza assentam no aprofundamento de cinco vectores principais:

- Modernização e renovação do tecido urbano e das infra-estruturas ambientais.

com especial ênfase na redinamização do parque de Empresas do Barreiro (Quimiparque).

Estas opções estratégicas fundamentam-se numa análise prove-niente, quer de uma discussão a nível técnico, quer da auscultação a muitos barreirenses empenhados no futuro da sua terra. Por isso, são opções que a CDU integra nas suas Linhas Programáticas, certa de que constituem o rumo certo para o Barreiro do Novo Século.

Desenvolvimento integrado

O PCP e a CDU defendem para o concelho do Barreiro um desenvolvimento harmonioso e integrado que articule, de forma equilibrada, o crescimento económico, o ordenamento do território, a defesa do ambiente, do património cultural e da qualidade de vida.

Defendemos uma estratégia de desenvolvimento que potencie as capacidades do concelho, dinamize a sua especialização e diversificação produtiva, rentabilize a sua centralidade regional quer no contexto da península de Setúbal, quer no âmbito da Área Metropolitana de Lisboa. A criação da futura região onde estamos inseridos será um passo fundamental para a concretização destes objectivos.

Defendemos para o nosso concelho um desenvolvimento humanizado, que contribua para a resolução dos problemas do desemprego, que dinamize a criação de postos de trabalho e que motive a participação empenhada dos trabalhadores, população e agentes locais.

Defendemos a necessidade urgente do Governo assumir as suas responsabilidades por forma a viabilizar as soluções apontadas para as mais graves carências sentidas pela população do nosso concelho - na habitação, na saúde, na educação, nos transportes e acessibilidades, na segurança social, na segurança dos cidadãos.

Defendemos a preservação da nossa identidade cultural, a criação de espaços de lazer, de promoção de cultura e desporto, que valorizem as nossas tradições, levando cada cidadão a sentir que a sua participação é indispensável para a construção do futuro.

Defendemos uma política de diálogo para a resolução dos grandes problemas do nosso concelho, com a intervenção dos agentes locais e do governo, com uma descentralização que contribua para que os órgãos autárquicos sejam devidamente reconhecidos como parceiros capazes de resolver problemas, com meios e competências e em estreita cooperação com os trabalhadores, as populações e todos os agentes locais empenhados no desenvolvimento do Barreiro.

Projectos realistas

Assumindo com legítimo orgulho a sua intervenção e a obra realizada nestes mais de 20 anos de poder local democrático, a CDU é a força política que, por estar



CDU
para fazer
o que é preciso

PCP-PEV



EM FOCO



■ Miguel Urbano Rodrigues

Guevara dirigiu as forças guerrilheiras na decisiva batalha de Santa Clara

também me distanciava dos que julgavam possível o êxito da guerrilha rural na Bolívia. Os Andes não iriam transformar-se na Sierra Maestra da América do Sul. Na Bolívia faltavam as condições mínimas para que esse belo sonho pudesse concretizar-se.

Mas é muito importante que um dirigente comunista boliviano, com a autoridade moral e a envergadura intelectual de Marcos Domich venha a público lembrar que o Che encarou «a continentalização da luta» numa perspectiva de longa duração muito diferente da que lhe atribuem alguns biógrafos mais empenhados em atacar a revolução cubana do que em fazer história. O Che jamais admitiu – sublinha – que «o foco de Ñancahuazú estivesse destinado a libertar a Bolívia».

Ñancahuazú aparecia-lhe – afirma Domich – como um teste de choque «para o prolongado treino de colunas e colunas guerrilheiras que irradiariam da Bolívia, do foco matriz e dirigente, uma após outra, ou, pela força do exemplo e do entusiasmo, brotariam noutros pontos da ampla e verde geografia latino-americana».

A continentalização da luta previa a intervenção das massas no processo de desagregação do poder.

A tese condensada na fórmula «um, dois, três Vietnams» – faça-se justiça ao Che – não era imediatista.

O general Gary Prado, o oficial (então jovem) que aprisionou o Che na Quebrada de Yuro, ferido e com a arma encravada, sublinha no seu livro sobre a Guerrilha que Ernesto Guevara se propunha a libertar a América Latina não antes de cinco anos. O processo seria molecular.

O próprio Mário Monje – a equívoca personagem que era ao tempo primeiro secretário do Partido Comunista da Bolívia – diz que o Che lhe falou de um prazo de 10 a 15 anos.

A convicção de que na Bolívia paupérrima e oprimida por um ditador de opereta – René Barrientos – uma guerrilha poderia sobreviver indefinidamente assentava, porém, em hipóteses ilusórias.

O tipo de intervenção provável do imperialismo norte-americano foi subestimado, tal como as dificuldades da implantação do núcleo guerrilheiro numa região hostil, quase desabitada, estéril, de fraca cobertura florestal, isolada. Não houve adesões de camponeses à guerrilha; a base social indispensável não se concretizou.

Os antecedentes não eram também favoráveis. As guerrilhas peruanas de Mesa Pelada e a do ELN foram destruídas. A guerri-

lha argentina de Jorge Massetti – a Operação Sombra em que o Che tinha grandes esperanças – terminou logo em desastre com a eliminação de todos os seus elementos.

Em Ñancahuazú, o pequeno grupo de combatentes do Che preparou-se de Novembro a Março para uma guerra, imaginada com um destino continental. De Março a Outubro a sua gesta ficou imortalizada numa heróica mas inelutável caminhada para um desfecho trágico que teve o seu epílogo em Higuera.

O ensaio de Marcos Domich, elaborado numa época em que o distanciamento permite já superar as paixões desencadeadas pela guerrilha de Ñancahuazú, tem o mérito de iluminar o lado boliviano que tem permanecido numa semiescuridão. Presta comovida homenagem ao Che e ao seu «final glorioso», sem que o respeito e a admiração pelo herói envolvam deturpações da história. A tendência para mitificar o revolucionário não vem dos seus companheiros de ideal. Acabará um dia. A própria grandeza do homem contribui, aliás, para lhe despojar a imagem de deformações.

O Che não foi santo, nem asceta, nem Quixote. Foi, sim, um grande revolucionário, coerente na fidelidade ao seu ideário. Dizia com razão, presentindo futuros terremotos sociais na URSS, que o socialismo sem a moral comunista perdia significado. Internacionalista exemplar, entendia que «não pode haver socialismo se na consciência não se processa uma mudança que conduza a uma nova atitude fraternal perante a humanidade».

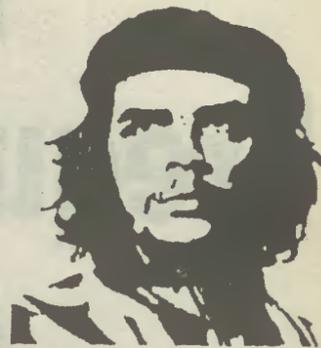
A ponte harmoniosa que nele havia entre o discurso e a acção ajuda a compreender a tenaz permanência do seu exemplo no coração da juventude, como agora se viu em Havana, no Festival.

Nesta época do horror neoliberal, nesta crise global da civilização que atinge o mundo, o combate e a obra do Che, como totalidade, constituem património de quantos perseguem a transformação revolucionária da Terra como meta suprema, infinito absoluto que confere significado e beleza à prodigiosa aventura da existência humana.

(1) Revista Tricontinental, nº 137, «Um Modesto Homenaje», Havana, Julho de 1997.

(2) in «Marxismo Militante», Julho de 1997, La Paz, Bolívia. O depoimento de Marcos Domich faz parte de uma tese universitária apresentada em 1992 na Universidad Mayor de San Andrés, em La Paz: «Militares Y Ejército en la Historia». Domich foi professor universitário e a sua obra teórica faz dele um dos ideólogos mais prestigiados da esquerda latino-americana. Um dos seus livros, «Técnica do Golpe de Estado», foi editado em Portugal pela «Seara Nova», em 1975.

Ernesto Guevara de la Serna



Marcos na vida do guerrilheiro

● Nasceu em Rosário, Argentina, em 14 de Junho de 1928, no seio de uma família progressista, da classe média.

Aprende a ler aos 5 anos, e lê muito. Aos 9 anos de idade já leu Júlio Verne, Alexandre Dumas, Salgari, Stevenson, Cervantes. Acompanha com grande interesse o desenvolvimento da guerra civil de Espanha. Numa mesa vai colocando bandeiras e, nas traseiras da casa, constrói com os amigos uma reprodução do cerco de Madrid.

Aos 15 anos já leu Neruda, London, Baudelaire, Bocaccio, Jung, Adler, Freud, Steinbeck, Zola, Faulkner, Mallarmé, Engels, Marx, Lorca, Verlaine, Antonio Machado.

● Estuda Medicina em Buenos Aires.

Em 1950 faz uma viagem pela Argentina, percorrendo de motorizada 4500 quilómetros. Logo a seguir, com um amigo (Alberto Gravado), viaja por toda a América Latina.

Licenciatura em Medicina, em Buenos Aires, em 1953.

● Visita a Guatemala no momento em que um governo de esquerda (Arbenz) desafiava o poder dos monopólios norte-americanos. Trabalha como médico. Quando o governo dos EUA deixa clara a iminência de uma invasão, Guevara integra as Brigadas de Vigilância da Juventude. Defende que o governo da Guatemala distribua armas ao povo. Este resolve apoiar-se apenas no exército regular. Após a renúncia de Arbenz, Guevara foge para o México. Escreve: «Estou convencido de que, se Arbenz se apoiasse no povo, fornecendo-lhe armas, poderia retirar para as montanhas e combater durante anos com o apoio popular.» A experiência na Guatemala é decisiva para a consolidação da ideia de que o imperialismo norte-americano é o inimigo principal da humanidade.

● Em 1955 conhece, no México, os revolucionários cubanos (Nico Lopes, Raul Castro e Fidel). A primeira conversa do Che com Fidel dura cerca de 10 horas.

● 1957 - Embarca, em 25 de Novembro, no Granma, rumo a Cuba, sob o comando de Fidel. O desembarque é um fracasso. A sua morte chega a ser anunciada.

● 1958 - Passa a comandar uma das colunas do Exército Revolucionário. Dirige a batalha de Santa Clara (28/12/58), cujo êxito foi decisivo para a vitória da Revolução.

● 1959 - Chega a Havana em 15 de Janeiro, assumindo o comando da fortaleza de La Cabaña, onde serão julgados e condenados os torturadores da polícia fascista. Nesse ano é-lhe atribuída a cidadania cubana.

● 1960 - É nomeado chefe do Departamento de Industrialização do Instituto Nacional para a Reforma Agrária. É nomeado Presidente do Banco Nacional de Cuba.

● 1962 - Crise dos mísseis. Guevara é nomeado Chefe do Exército Ocidental.

● 1964 - Intervém na Assembleia Geral da ONU. Parte para a Argélia, onde inicia uma longa viagem pelo continente africano. Encontra-se com Agostinho Neto, a quem transmite uma mensagem de solidariedade e apoio de Fidel. Oferece a Lúcio Lara um exemplar autografado de «A Guerra de Guerrilhas».

● 1965 - Segue para a China, que visita em Fevereiro. Passa por Paris e torna a África. Na Tanzânia encontra-se com vários congoleses, nomeadamente Kabila, a quem transmite o apoio de Cuba à guerrilha congolesa. No Cairo, encontra-se com Nasser, a quem revela pensar juntar-se à luta libertadora no Congo.

Regressa a Havana em 14 de Março e, a 22 do mesmo mês, anuncia no Ministério que decidiu ir cortar cana para Caraguey, durante algum tempo. Em 28 de Março, na realidade, junta-se ao grupo de guerrilheiros cubanos - todos negros - que se treinam para ir «para outro lugar».

Fidel visita o acampamento em 31 de Março. Guevara entrega-lhe a célebre carta: «Fidel, neste momento recordo-me de muitas coisas, de quando te conheci em casa de Maria Antonia»...

Parte de Havana em 2 de Abril e chega a Dar-Es-Salam em 19. No dia 24, pelas 6 da manhã, entra no Congo.

Mas a experiência congolesa fracassa. Em 20 de Novembro, Guevara parte do Congo e, depois de uma estada de alguns meses em Praga, segue, via Havana, para a Bolívia.

● 1966 - Tem início, em Novembro, a guerrilha boliviana, que regista alguns êxitos militares.

● 1967 - Em 26 de Setembro, o grupo do Che cai numa emboscada. Em 8 de Outubro, na Quebrada del Yuro, Guevara é ferido nas pernas e, com a arma destruída, feito prisioneiro. É levado para as instalações de uma escola, em La Higuera, onde os seus captores aguardam a chegada de um agente da CIA, Felix Rodriguez, que vem para interrogá-lo. As ordens para matar o guerrilheiro chegam entretanto. O Che é assassinado no dia seguinte, 10 de Outubro. Tem 39 anos.



RECOMPENSA
Se ofrece la suma de 50.000.-
Pesos bolivianos (Cincuenta millones de bolivianos), a quien entregue vivo o muerto, (Preferiblemente vivo), al guerrillero Ernesto "Che" Guevara, de quien se sabe con certeza de que se encuentra en territorio boliviano.



1967. O Che entra, disfarçado, na Bolívia. O Exército oferece um prémio pela sua captura. Mais tarde, será feito prisioneiro e assassinado

Eles são "muitos, muitos mil"

LUÍSA ARAÚJO
Membro da Comissão Política

Frequentam o Ensino Básico e o Ensino Secundário

INTERVIR com os jovens na resolução dos seus problemas e necessidades, na construção do futuro desejado, contribuir para a sua formação e procurar concretizar os seus anseios de participação é objectivo da JCP, que tem contado com o apoio do PCP.

A área de intervenção da JCP denominada por "Secundário" engloba os estudantes do 3º Ciclo do Ensino Básico e os do Ensino Secundário. A acção junto destes estudantes assume grande importância porque procura a resolução de problemas resultantes da política do ensino e da educação, procura uma escola de qualidade ao serviço de todos, que contribua para a formação escolar e para a felicidade, procura valorizar e potenciar características dos jovens desta idade com todo o significado que isto poderá ter para a sua vivência e para a sua formação humana, social e política.

Mais à frente abordarei problemas ligados à política do ensino e outros que afectam estes jovens. Opto por começar a aprofundar características gerais destas idades, que vivem anos que são marcantes nas expectativas, na formação, no carácter e nas atitudes futuras perante a vida e o mundo.

O Secundário entre prioridades

Não constituem uma massa homogénea, em que todos pensam e desejam o mesmo, mais que não fosse até por razões temperamentais, não têm comportamentos lineares, mas no geral têm motivações, gostos, tendências e apetências muito comuns, apesar de fazerem parte de classes e camadas sociais diferentes. Não pretendo fazer um "tratado da psicologia do jovem aluno do ensino secundário" (nem teria condições para isso, bem entendido...), só coloco à reflexão alguns traços que fundamentam razões do interesse e da importância do trabalho junto desta camada juvenil.

Uma enorme capacidade de aprendizagem, combinando o estudo das matérias escolares com a curiosidade pelo conhecimento dos mais variados aspectos da vida e do mundo. Uma enorme alegria, espontaneidade, entusiasmo, generosidade e vitalidade. Uma enorme vontade de emoção e de experimentação. Uma disponibilidade para a actividade em grupo e para convívio. Uma necessidade inerente de opinar, participar e intervir sobre o que lhes suscita interesse. Uma preocupação com quase tudo. A vontade de assumir responsabilidades.

É sabedoria saber intervir para o desenvolvimento das potencialidades destes jovens colocando-as ao serviço do seu próprio bem estar, da sua vida pessoal e do colectivo onde se integram e do reforço das suas oportunidades. É sabedoria saber motivar nos jovens a auto-estima, a segurança e a confiança. Levá-los à consciencialização de que são necessários e importantes para as mudanças que desejam e para a compreensão do seu mundo, den-

tro e fora da escola, identificando as causas do descontentamento e o que é necessário para alcançar objectivos.

As maiores preocupações destes estudantes serão em torno das questões da educação, da qualidade do ensino, das condições nas escolas, quer para as aulas quer para as mais

diversas actividades, nomeadamente desportivas e culturais, e o acesso ao ensino superior. Muitos já se preocupam com a entrada no mundo do trabalho, porque frequentam cursos de índole profissional, ou porque a sua situação familiar e financeira não permite a continuação dos estudos, ou porque fazem parte do universo do insucesso escolar, ou porque não têm a perspectiva de alcançar médias para o ensino superior, ou alguns só lhes é dada a oportunidade da escolaridade obrigatória.

Outras causas, tais como a paz, a solidariedade e a tolerância, têm motivado o seu interesse e a sua participação. As acções contra fenómenos de racismo e xenofobia e a luta pelo direito à autodeterminação e independência de Timor-Leste são a maior demonstração de que estes ideais são vividos entre a juventude.

Nos jovens reflectem-se vários problemas e aspectos das políticas de direita. Não só são afectados pelo insuficiente investimento na educação pública e de qualidade, como os afecta o desemprego e o trabalho precário, a falta de condições dos serviços de saúde, a falta de habitação, a falta de transportes e muito mais.

O alcoolismo e a droga têm aumentado assustadoramente entre a juventude. Dependências que destroem o físico e o interesse pela vida. Problemas que se agravam e que, por serem vividos tão de perto e sem se verem medidas para os ultrapassar, podem ser banalizados e passar-se a "lidar com eles no dia-a-dia" sem interesse pela análise das causas, pela necessidade de exigir a sua resolução. É preciso que os jovens conheçam mais aprofundadamente estes problemas e objectivem o seu significado e exijam medidas efectivas para acabar com estes flagelos.

A realidade objectiva e subjectiva dos jovens do Secundário abre à JCP, um amplo e variado espaço de intervenção e de acção onde, em íntima ligação com as massas juvenis, tem a oportunidade de intervir na resolução de problemas concretos e de contribuir com a sua experiên-

cia e consciência para a mudança na escola. Pode incentivar amplos movimentos unitários por objectivos imediatos, associando esta acção à transmissão e afirmação do ideal comunista.

Objectivamente estão contra a política de direita

Nos últimos anos, o país tem sido surpreendido com importantíssimas vagas de luta. Uma luta irregular com hiatos e fases de grande intensidade, participação, criativi-

dade e alegria, num movimento que reflecte, simultaneamente, problemas, inquietações, protestos, aspirações e esperanças, e tem a marca de uma forma de estar própria da juventude deste nível etário. Um movimento com um enorme impacto e força que pressionou a resolução de muitos problemas concretos das escolas, do dia-a-dia estudantil e foi decisivo para acabar com a PGA. Teve como consequência a demissão de ministros e contribuiu para o desgaste de governos.

No ano passado, verificaram-se acções, com expressão em vários pontos do país, atingindo em muitas situações a greve às aulas como forma de luta pela resolução de problemas concretos existentes em escolas. Destacaram-se, também, as manifestações de Évora, de Aveiro, de Setúbal, do Laranjeiro, de Corroios e do Barreiro reivindicando a avaliação contínua, contra as provas globais e os exames nacionais e contra o regime de "numerus clausus".

As áreas juvenis são caracterizadas por uma renovação permanente. Nesta faixa etária isto acentua-se pela própria mobilidade entre escolas e situações específicas. A acção a desenvolver deve ter isto em conta. É necessária uma preocupação com o aprofundamento do trabalho, de forma a permitir continuidade e solidez da ligação e influência da JCP junto destes jovens.

Aprender a democracia participando

No início do ano lectivo, muito começa de novo. Por vezes a mudança de escola, turmas diferentes, colegas e amigos novos, experiências já vividas e que se quer transmitir, problemas que não foram resolvidos, reivindicações não satisfeitas. Iniciar ou retomar processos de intervenção.

A eleição e o papel dos delegados de turma e o que os envolve no âmbito dos seus deveres e direitos, a eleição e a acção das Associações de Estudantes, a constituição de núcleos de actividade, são algumas das formas de intervenção que favorecem a atenção dos estudantes para a vida em colectivo, para o exercício dos direitos de cada um e de todos.

É de extraordinária importância o apoio ao movimento associativo, ele deve ser incentivado, também por parte do corpo docente e em particular pelos Conselhos Directivos. O movimento associativo estudantil contribui para a formação social dos jovens. A par do movimento associativo formal deve valorizar-se o movimento associativo informal, pelas possibilidades de envolvimento de muitos e muitos jovens em núcleos de interesse, nomeadamente em áreas culturais, recreativas e desportivas.

Conhecer oportunidades de intervenção e direitos, serão passos fundamentais para a vontade efectiva de participação. Esta reforça-se pela experiência, que por sua vez abre outros caminhos para o hábito de participar em colectivo e de discutir, no respeito pela opinião de cada um, de assumir a responsabilidade do papel individual e da representação, conhecer o espaço onde se movimenta, o que se conquistou e como se conquistou. Aprender a relação da lei com a vida. Aprender a democracia participada.

Os estudantes do Ensino Secundário constituem uma força que existe, que tem sentimentos e aspirações. Uma força que tem potencialidades para intervir na resolução dos seus problemas, pelos seus objectivos e concretização das suas esperanças.

Eles terão oportunidades diferentes e seguirão caminhos diversos. Muitos irão debater-se com discriminações e desigualdades. A sua capacidade de enfrentar a vida dependerá também da sua aprendizagem, das suas vivências e experiências, das suas influências sociais, políticas e ideológicas.

A acção junto destes jovens reflecte-se na sua filosofia da vida e do mundo, reflecte-se na JCP e no Partido.

A JCP tem um papel decisivo e insubstituível nesta área e para isso deve contar, também, com a colaboração e a cooperação do PCP.



Como um adepto das ideias liberais se desilude com o liberalismo na economia...



■ Lino de Carvalho

A cabe de ler um interessante livro, recentemente editado em França. Chama-se «*Le Retour de Terre de Djid Andrew – Critique de la Raison Capitaliste*» (O Retorno à Terra de Djid Andrew – Crítica da Razão Capitalista), escrito por Jean-François Kalin. É um romance histórico, uma ficção baseada na realidade económica e social do planeta, com uma imensidão de dados concretos sobre as consequências das políticas capitalistas neoliberais.

1. A história-ficção tem um enredo curioso. Em 1996, no planeta Saturno, onde os sociais-democratas austríacos, fugindo do nazismo, construíram uma sociedade fundada numa economia mista, o famoso romancista Djid Andrew foi incumbido, face aos pedidos e pressões do partido liberal da oposição de que ele é simpatizante, visitar o planeta Terra, inteiramente entregue à lógica capitalista, para testemunhar as virtudes da economia neoliberal. Djid consagra um ano inteiro à descoberta do velho mundo percorrendo todos os continentes. Face ao desastre com que depara e que põe em causa a lógica capitalista neoliberal, e os seus sonhos de igualdade e justiça social Djid decide, no retorno a Saturno, escrever um relatório recheado de informações concretas que ferem de morte as apregoadas virtudes do capitalismo.

2. Começou, como não podia deixar de ser, pelos EUA para onde partiu com a ilusão de uma sociedade de bem-estar lida (como no Portugal de Guterres) através dos indicadores macro-económicos: somente 5,2% de taxa de desemprego, défice orçamental reduzido a 1,4% do PIB; uma inflação baixa, um crescimento sereno, índices da Bolsa que em dois anos (1995-1996) aumentaram de 71%, permitindo encaixes suplementares de lucros na ordem dos 2300 mil milhões de dólares, traduzindo o que os porta-vozes oficiais chamavam uma boa saúde ou um êxito excepcional da economia americana.

Mas o que foi encontrar Djid mergulhando na realidade? Um desemprego quatro vezes maior (mais de 20%) do que proclamavam os dados oficiais; que 40 milhões de trabalhadores, em 1996, não tinham qualquer cobertura social, que o número de crianças pobres saídas dos meios operários tinham aumentado, em vinte anos, 64% enquanto que o número de crianças dependentes da ajuda social só tinham aumentado em 25%; que o poder de compra dos trabalhadores pagos com salário mínimo tinha baixado, entre 1979 e 1996, 30% estando ao nível dos anos 1950 apesar dos incrementos da produtividade; que nos últimos anos o rendimen-

to médio dos 20% mais pobres tinha diminuído 12%.

Nenhum dos especialistas neoliberais consultados por Djid tinha sequer sonhado em interligar a relativamente fraca taxa oficial de desemprego americana (explicada com base em manipulações estatísticas, em reduções reais de salários, numa «criação de empregos precários» em áreas de serviço social e outros sectores não produtivos extremamente mal remunerados e numa política laboral de extrema mobilidade dos trabalhadores, obrigando-os a percorrer o país à busca de emprego, longe da família e da sua residência), a baixa absoluta do poder de compra dos salários e a taxa recorde de criminalidade. Foi então que percebeu como estava a ser liquidado o valor económico e social do trabalho com os salários reduzidos ao mínimo e os sindicatos sem natureza de classe. Como as actividades criminosas estavam a tomar o lugar deixado pela ausência de trabalho dotado de um real conteúdo socioeconómico. Como a taxa de criminalidade tinha atingido níveis gigantescos com 1 milhão de pessoas na prisão e 500 000 crianças lançadas na prostituição. Como o debate político estava reduzido a um espectáculo, com o Presidente Clinton a ser eleito unicamente por 20% dos sufrágios dos cidadãos em idade de votar e os grandes interesses financeiros das multinacionais a ditarem a política económica e comercial.

3. Perturbado, o nosso Djid rumou para o Reino Unido onde, em Saturno, o partido liberal que tinha garantido que o «modelo liberal» tinha assegurado «o crescimento para todos» como o confirmavam as médias abstractas do salário médio, do crescimento, da taxa de inflação, do desemprego.

Mas, também aqui, novo murro no estômago de Djid. Afinal, as médias dissimulavam que os rendimentos dos 10% de ingleses mais pobres tinham diminuído 13% em 13 anos enquanto os mais ricos tinham aumentado 62%. Ausência de salário mínimo. Nenhum limite do tempo de trabalho. Os direitos à protecção social, à representação sindical ou a férias pagas sem garantia legal. Contratos a prazo renováveis infinitamente. Aumento do número de ingleses a viverem abaixo do nível de pobreza de 5 milhões em 1979 para 13 milhões em 1996. Eram as próprias estatísticas oficiais a afirmarem que 3,8 milhões de assalariados trabalhavam mais de 48 horas por semana, que 2,5 milhões não tinham férias pagas e 4,1 milhões só beneficiavam de três semanas de férias por ano. Eis a razão, descobre Djid, do «milagre» inglês baseado neste tipo de vantagem comparativa fazendo do Reino Unido terra de eleição dos capitais americanos e asiáticos.

4. Djid rumou então ao encontro dos «dragões» asiáticos onde de 1960 a 1993 o seu peso na economia mundial com base na relação entre a produção desses países e a produção mundial, medida através dos res-

pectivos PIB's, tinha passado de 18% para 34%.

A primeira constatação do nosso Djid foi que, contrariamente ao que ele e o partido liberal de Saturno pensavam, o enorme crescimento dos países asiáticos não foi conseguido através do funcionamento dos chamados mecanismos de mercado livre, mas através de uma fortíssima intervenção do Estado «violando» as tão apregoadas regras da livre concorrência por razões político-ideológicas. Isto é, «porque a China tinha, desde 1949, um regime comunista e a teoria dos dominós fazia temer – aos EUA e a todo o sistema capitalista – que o marxismo-leninismo se estendesse a toda a Ásia sendo, por isso, necessário, a todo o preço, uma montra atraente que mostrasse ao conjunto do Continente que a economia de mercado era superior à economia centralmente planificada».

Apesar deste entorse ao seu sonho liberal, certas estatísticas punham Djid a sonhar, por exemplo, a produção real por habitante em Singapura era maior que nos EUA e a de Hong-Kong maior que a da França.

Mas o que ele, afinal, constatou também aqui foi que esta «riqueza teórica por cabeça, não tinha nenhuma relação, mesmo longínqua, com o rendimento real da população».

Porque, neste como noutros países do Sudeste Asiático, os aumentos enormes do produto global desses países era feito «à custa de uma mão-de-obra eficiente, com trabalho duro, barato e sem cobertura social», só possível devido, entre outros aspectos» a «regimes políticos autoritários e coloniais». A Coreia do Sul parecia ser uma excepção – essencialmente por razões políticas tendo em conta os vizinhos do Norte e, desde logo, se verificava que a Coreia do Sul em vez de ser um espaço de deslocalização estava ela própria a deslocalizar empresas para a Grã-Bretanha por causa do custo da mão-de-obra.

Mas mais. As enormes mais-valias geradas nos países asiáticos afinal vão, no essencial, para uma oligarquia local de tal modo que dos 11 empresários mais ricos do mundo em 1995, havia um coreano, um outro de Taiwan e dois de Hong-Kong. Na Coreia do Sul, por exemplo, a economia tinha caído nas mãos de trinta grandes companhias e conglomerados, dirigidos pelas respectivas famílias fundadoras, que decidem a chuva e o bom tempo e dominam o poder político, enquanto 14 000 pequenas e médias empresas, só em 1995, tinham declarado falência.

5. Djid não veio a Portugal. Mas se viesse poderia, seguramente, surpreender-se com o mesmo tipo de constatações.

E aqui talvez lhe bastasse ler algumas entrevistas dos patrões da indústria. Por exemplo, o presidente da filial portuguesa da Siemens. Perguntado sobre quais as vantagens de Portugal como receptor de inves-

timento não hesitou. Resposta: Portugal «tem a mão-de-obra mais barata da União Europeia, com preço atractivo e facilmente adaptável a todas as tecnologias e métodos modernos de gestão...».

Ou o Presidente da Bayer que referindo-se à falta de criação de empregos na Alemanha – e noutros países da União Europeia – afirmava numa entrevista divulgada por um quotidiano português que «a situação melhoraria consideravelmente os que têm emprego renunciariam voluntariamente a uma parte das regalias sociais. Seria uma questão de solidariedade».

E quando o jornalista lhe perguntou por que não deveria ser a Bayer a renunciar às tão elevadas taxas de lucro obtidas, contentando-se, por exemplo, em conseguir taxas de 10% respondeu que era impossível porque os seus concorrentes, como a Hoffman La Roche na Suíça, têm taxas de lucros, após impostos, da ordem dos 20% e que num mundo em globalização «só os grandes podem sobreviver. O elemento social fica para trás».

E seguramente também não lhe seria difícil encontrar em Portugal defensores das mesmas teses que ouviu de um economista americano, Gary Becker, Prémio Nobel da Economia, porta-voz dos neoliberais que, perguntado por Djid sobre qual a política económica ideal, respondeu de imediato: «É preciso desregular rapidamente o mercado de trabalho e diminuir fortemente o salário mínimo. É preciso reduzir o sector público através de um programa massivo de privatizações incluindo a Segurança Social que é preciso substituir por «fundos de pensões» de modo a aumentar a acumulação do capital...» Teses que seguramente também lhe seria possível ouvir em Portugal, no PS de Guterres, porventura embrulhadas num discurso mais social-cristão, com algumas inclusivamente a serem postas em prática ou com fortes tendências para isso: política de privatizações, livro verde da Segurança Social, pressões para a alteração da legislação laboral são alguns dos exemplos concretos.

6. O livro, pelo qual acabo de fazer uma breve e superficial viagem (ele tem quase 600 páginas e aborda muitas outras questões) não é isento de contradições. Mas é um livro que vale a pena ler, porque é necessário lutar, como afinal constatou Djid contra as suas próprias ideias iniciais, contra um sistema cuja lógica põe em causa «o trabalho enquanto valor central e fundador da sociedade», «a felicidade colectiva dos cidadãos enquanto finalidade de vida», «a pessoa, avaliada agora somente em termos de custos e reduzida a não valer mais que a sua produtividade marginal», e promove um «individualismo radicalmente despersonalizado». Afinal, como desiludido, conclui Djid: «a lei do mercado não é mais do que uma lei que o capital impõe ao mercado».

■ Anabela
Fino
Texto e Fotos

Campos de Refugiados Saharais

Viver no inferno a sonhar com a liberdade (1)

Viver no deserto de Tinduf (Argélia) é, antes do mais, uma prova da imensa capacidade humana para sobreviver.

Poderíamos chamar-lhe um hino à vida, se não fosse um absurdo chamar vida a tão desumana forma de existência. Situada a 2.000 Km a sudoeste de Argel, esta zona desértica conhecida por Hamada nada tem para oferecer aos homens para além de um solo salino e pedregoso, temperaturas que chegam a oscilar entre 0 e 50 graus centígrados no mesmo dia, ventos fortes que provocam amiúde fortes tempestades de areia. A água é um bem escasso, e a que existe nos raros poços regista altas concentrações de iodo e nitratos, bem como elevada salinidade que torna quase impossível a criação de produtos hortícolas frescos.

Viver no deserto de Tinduf é um inferno. Até onde a vista alcança, e mais para além ainda, só há deserto, sem a benção de um oásis que seja para apagar dos olhos a desolação da areia.

É no deserto de Tinduf que vivem os mais de 160.000 refugiados saharais. Sonham com o regresso a casa que muitos abandonaram há vinte anos e que os mais novos nem sequer conhecem. São a retaguarda de um povo que um dia pegou em armas para lutar pelo seu direito à autodeterminação.

Aterramos em Tinduf às primeiras horas da madrugada de 25 de Setembro. No aeroporto militar não se dispensam as burocracias do preenchimento de impressos que repetem os dados constantes nos passaportes e na lista de convidados à Conferência Internacional de Apoio ao Plano de Paz para o Sahara Ocidental na posse das autoridades argelinas e já antes confirmados em Madrid.

Sufoca-se nas acanhadas instalações da sala de desembarque, onde cerca de duas centenas de pessoas se acotovelam rabiscando nomes, sobrenomes, idades, nacionalidades, moradas, destino... ante o olhar impassível dos guardas de serviço. Franqueada a passagem, desembocamos a conta-gotas na noite quente de Tinduf, no meio de uma confusão de malas e dos autocarros que nos hão-de levar aos campos de refugiados. Aterramos no passeio para uma espera que há-de ser longa, os olhos de sono acordando com espanto para os militares passeando displicentes de arma à tiracolo.

Quando finalmente os autocarros se põem a caminho a excitação cede ao cansaço. Há ainda tempo para admirar o negrume do firmamento onde um quarto de lua brilha como nunca se viu, esboçar o espanto pela estrada alcatroada em que seguimos, antes de finalmente o sono levar a melhor. É a mudança de piso que nos recorda. Viajamos agora por uma pista de areia, aos solavancos, no meio de coisa nenhuma.

Chegamos ao campo. Num espaço iluminado de construções muito brancas pontificam três tendas gigantes forradas de tapetes acolhedores. É para aí que nos dirigimos, arrastando a bagagem, prontos a partilhar o que ainda resta da noite estendidos ao acaso no aconchego dos tapetes. Já quase toda a gente se descalçara quando chega a informação: há que formar grupos de seis e ir para as tendas das famílias que nos vão acolher. Quando nos pomos a cami-

Até onde a vista alcança, e mais para além ainda, só há deserto



nho reencontramos a mais completa escuridão e não falta quem se perca no emaranhado de tendas que constituem verdadeiramente o campo de refugiados.

Chegamos finalmente a «casa» quando os relógios já marcam as cinco da manhã. Antes de cair num dos colchões que servem de cama há ainda quem não resista ao prazer de um banho: numa construção de adobe, iluminada por um candeeiro a gás, um bidon com água e um púcaro parecem quase um luxo; a água conserva o calor do dia, e nem as baratas que se passeiam pelas paredes conseguem estragar a satisfação de libertar o corpo da poeira e do suor.

Escassas horas depois, quando o sol já entra a rodos pela jaima, descobrimos o espaço em que nos será dado viver por alguns dias.

As wilayas do deserto

Os refugiados saharais vivem em quatro grandes acampamentos que, do ponto de vista administrativo e político, correspondem a províncias. São as **wilayas**, baptizadas com o mesmo nome das quatro grandes cidades do Sahara Ocidental: El Aaiún, Auserd, Smara e Dajhla. Para além destes acampamentos, cujo número de habitantes ronda as 40.000 pessoas cada um, existem ainda outros campos, mais pequenos, que funcionam como escolas de formação destinadas sobretudo a mulheres e crianças. As **wilayas** dividem-se em distritos (**dairas**), administrados por um governador com o apoio de comités populares. A população é maioritariamente constituída por velhos, mulheres, crianças e jovens. Os homens adultos são guerrilheiros e estão na «frente», vindo aos acampamentos ape-

nas de três em três meses. Não é pois de surpreender que, neste contexto, as mulheres ocupem um papel muito activo na gestão dos interesses comuns.

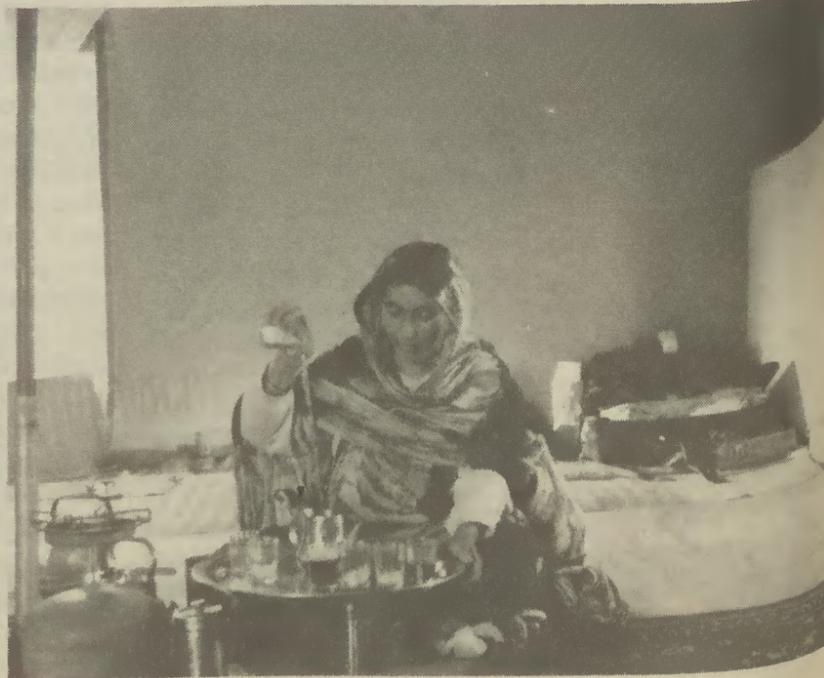
À excepção de um ou outro edifício destinado a actividades comunitárias (escola, hospital, etc.), quase não há construções. A população vive em amplas tendas de lona (**jaimas**), em frente das quais duas toscas divisões de adobe servem cozinha e casa de banho.

As **jaimas** são despojadas de quase tudo. Tapetes forram o chão de areia; ao longo de três lados da tenda alinham-se colchões de espuma individuais que servem de cama e de assento; um suporte de madeira de um qualquer caixote serve de poiso ao candeeiro a gás, um outro aos cobertores usados durante a noite e enrolados todos os dias de manhã. No centro da tenda, a única mesa - se assim se pode chamar ao pedaço de tábua forrado de plástico que se equilibra sobre um suporte qualquer a poucos centímetros do chão - tem uma função meramente decorativa. Um plástico no chão e o chão está posto, é aí que se come e se cumpre o ritual do chá, a única coisa que parece ser verdadeiramente indispensável.

Das quatro aberturas da tenda, rigorosamente iguais, uma serve de entrada e as restantes de janela. Entra-se por onde uma esteira permite sacudir a areia dos sapatos, se for caso disso, ou dos pés. O calçado fica alinhado à entrada. É a higiene possível num local onde a primeira regra de sobrevivência é aprender a coexistir com muita areia e pouca água. As janelas, essenciais para a circulação do ar, são protegidas por panos coloridos, surpreendente obstáculo ao vento forte que sopra muitas vezes arrastando consigo a areia fina que tudo invade.



Tenda colectiva para acolher os visitantes



Ritual do chá, uma cerimónia ancestral sempre renovada



Campo 27 de Fevereiro, uma escola de formação de mulheres onde se prepara a futura intervenção num Sahara Ocidental livre

A vida possível

Uma salada de alface e uns ovos estrelados são, para qualquer um de nós, o que de mais frugal se pode conceber para uma refeição. E que há de mais natural do que um copo de leite, de um pão com manteiga ou de um simples copo de água?

No deserto de Tinduf as coisas não são assim tão simples. Criar alfaces ou outros produtos agrícolas frescos onde a água é salina chega a ser uma proeza. Implementar um aviário é quase um milagre. E no entanto existe desde 1995 o **Complexo Produtivo da Granja Avícola Hussein Tamek**, co-financiado pelo «Solidariedade Internacional, Fundação Espanhola para a Cooperação». Garantir que todas as famílias têm o leite de que as crianças precisam exige um complexo processo de gestão. E no entanto isso é possível graças ao **Crescente Vermelho Saharaui**, que mensalmente distribui a ajuda alimentar em função dos stocks disponíveis.

Cabe ao **Crescente Vermelho Saharaui** organizar, através do levantamento regular das necessidades das famílias nos diferentes domínios, os projectos de intervenção e os pedidos de auxílio às organizações internacionais. Conjugado com a implementação de algumas infra-estruturas - nas **wilayas** de Tinduf há, para além do referido Complexo Produtivo, um hospital, um centro de assistência à população com graves carências alimentares associado à criação de camelos para a produção de carne e leite - o trabalho do **Crescente Vermelho** permitiu melhorar significativamente as condições de vida dos refugiados. No entanto, a realidade está longe de ser satisfatória. De acordo com os dados disponíveis, os refugiados consomem apenas 49 por cento do ferro necessário, 8 por cento da vitamina C, 36 por cento da vitamina A e 56 por cento de cálcio.

A dieta alimentar, em que a carne e o peixe em conserva só entram esporadicamente, não vai além dos produtos de primeira necessidade: farinha, azeite, açúcar, arroz, massa, legumes secos, leite em pó, e o inevitável chá por razões culturais. Vinte anos de uma tal dieta faz com que grande parte da população sofra de anemia, situando-se os casos de desnutrição aguda das crianças entre os 0 e 10 anos nos 16,6 por cento, e os casos de desnutrição crónica na mesma faixa nos 77,1 por cento. Uma tal realidade, agravada pela má qualidade da água, leva a que nos campos se registre um elevado número de doenças intestinais, gastrites, febres, etc.

Impossibilitados pelas condições em que vivem de se tornarem auto-suficientes, os refugiados saharauis dependem da ajuda internacional. Isso não impede,

* Selma tem 9 anos e é a filha do meio de Mineto, a dona da casa que nos acolhe. Fala castelhano com desenvoltura e ri-se do nosso «portunhol», a única forma que temos de contactar. Graças à Conferência, tem feriado na escola, o que aliado ao dia de descanso (sexta-feira) representa uma folga prolongada que a deixa feliz, como a qualquer criança. O pai é guerrilheiro e só vem

a casa de três em três meses. Não conhece o Sahara Ocidental nem a família que os pais deixaram para trás há vinte anos, mas já esteve na Galiza a passar férias em casa de «pais» de acolhimento, num programa de solidariedade que permite às crianças saharauis descobrir que há um mundo para lá do deserto. Se for boa aluna - das primeiras da classe - poderá repetir a experiência. Mostra-nos as

fotografias das férias e os olhos iluminam-se com as lembranças. Há-de voltar, um dia. Olha para a máquina fotográfica e sai a correr a buscar um véu com que se enfeita. Dança para nós ao som de uma música imaginária. Está pronta para a posteridade.

* Caminhar num campo de refugiados, à noite, é uma aventura. De pouco servem as coordenadas cuidadosamente tiradas durante o dia, os pontos de referência. De noite todas as tendas são pardas. Ou seja, perdemos-nos. Entre tropeções em espigas e cordas de roupa, uma descoberta surpreendente: uma televisão. Sem o ruído de gerador ou de qualquer coisa no género a explicar o fenómeno, fica-nos a perplexidade. Desvendamos o mistério quando finalmente uma alma caridosa nos encaminha para a «nossa» tenda: energia solar. É caro, explicam-nos, mas alguns ex-servidores do exército espanhol conseguem fazer a instalação graças à reforma que recebem. Mineto não tem televisão nem lhe sente a falta. Nós também não.

* As crianças da Escola brindam-nos com um sarau cultural. Cantam canções à paz, à solidariedade, dançam danças tradicionais, dizem poemas. A terminar, uma surpresa. Às primeiras notas do órgão nem queremos acreditar, mas é mesmo verdade: no palco improvisado, dezenas de crianças dançam uma versão infantil de «Macarena»! A Aldeia Global afinal existe.

* Com a «Macarena» ainda a soar nos ouvidos, decidimos fazer uma experiência. Será que alguém, naquele fim do mundo, tinha alguma vez ouvido falar da morte de Diana, a Princesa de Gales? Pois claro, no próprio dia, ouviu-se a notícia à noite, no rádio. Ia casar com um árabe, não é verdade? Não há dúvida. Esta Aldeia Global existe mesmo.

* Viajar no deserto, sem bússola a orientar, é um mistério. Como é que não se perdem? - perguntamos, e a resposta é um riso com gosto. A verdade é que chegamos ao destino, umas dezenas de quilómetros à frente (?), traseiros massacrados pelos saltos dos «todo-o-terreno», uns quantos altos na cabeça e outras tantas nódoas negras, e muita, muita poeira em todos os poros a atestar a odisseia. Houve mesmo quem tivesse enjoado - ou será arenado? À espera dos visitantes os responsáveis por uma criação de camelos, água fresca em arcas térmicas e cerca de centena e meia de dromedários. É verdade que ainda era preciso regressar e a viagem não prometia ser mais pacífica, mas quem é que podia resistir a uma voltinha de camelo? Não certamente a jornalista em plena reportagem. Ossos (ou ócios?) do ofício...

Notas ao acaso



Caminhar no deserto é uma aventura... pelo menos para quem não faz ideia onde levam os caminhos traçados na areia



Na Escola 9 de Junho, os alunos, em regime de internato, não aprendem só coisas sérias



Selma e a irmã, ou a juventude que nunca conheceu a pátria

Manoel
de Lencastre

Fragmentação à vista

Escócia e País de Gales no caminho da independência?

O modernizador em chefe, Tony Blair, chegou ao poder em nome do Partido Trabalhista com um programa de renovação social, política e constitucional que parecia de enorme peso. Mas, chegado o momento de submeter as suas alterações de fundo à prova da realidade, começou a recuar. O povo britânico está para saber quais serão as tão propagandeadas medidas de longo alcance que afectarão os sectores básicos da educação, da saúde, da habitação, das pensões de reforma, das relações com os sindicatos. Começa a ganhar-se a impressão de que Tony Blair e os seus modernizadores preferem deixar as coisas tal como as herdaram dos conservadores. Como é estranho vê-los abandonarem-se, felizes, nas amenidades do Verão indiano que temos estado a viver, pensando que a lua-de-mel com o povo destas Ilhas não terá fim...

O regresso da história

Entretanto, o programa de devolução de certos poderes ao Parlamento de Edimburgo e a uma Assembleia do País de Gales ganhou momento. Os povos daquelas duas nações foram chamados a votar a sua concordância a esse princípio com vista a que dentro de vinte meses se realizem eleições para deputados àquelas duas instituições parlamentares. Ao primeiro-ministro e a todos os que supõem ser possível realizar transformações para que tudo, afinal, fique na mesma, estava reservada uma surpresa. Na Escócia, o «Sim!» à reabertura do Parlamento, que está fechado desde 1707 (quando os escoceses entraram para a União), resultou de um amplo movimento patriótico cuja finalidade é a independência total em regime republicano. E a partir do momento em que se verificou que o país de William Wallace, Robert Burns, Robert Louis Stevenson, Sir Walter Scott, votava em massa pela restituição do seu Parlamento, Tony Blair ficou a saber que o seu demagógico projecto de modernização das instituições conduzirá à desagregação do Reino Unido e a da própria Grã-Bretanha.

Quanto ao voto dos galeses, o «Sim!» foi exíguo. Muitas cidades e regiões do País de Gales preferiram pronunciar-se contra a devolução de poderes a Cardiff. Os votos contados a favor da Assembleia galesa foram 559 419 e os que se registaram a favor da manutenção do poder actual de Westminster subiram a 552 698 – uma pequena diferença de 6721 votos e de 0,6% em relação à percentagem de votantes. A abstenção foi enorme. Em certas áreas chegou a 46% dos eleitores inscritos. Mas esta apatia do povo galês tem raízes profundas. Na verdade, há mais de 500 anos que os galeses não dispõem de qualquer instituição parlamentar própria. O País de Gales foi conquistado pela Inglaterra em 1284 e absorvido na União, em 1536, de maneira completa. O caso da Escócia é diferente. Trata-se de uma nação que não esqueceu a trajectória histórica percorrida desde que Robert Bruce, o vencedor de Bannockburn (1314) lhe garantiu a independência – mais tarde reconhecida pelo Papa e pelos próprios ingleses. A ideia da liberdade está fresca, portanto, na consciência dos escoceses. Por isso, correram às urnas para, com a arma do voto, dizerem, quase revolucionariamente, aquilo que pensam e desejam.

Não é difícil concluir que estas novas instituições, uma vez

em funcionamento, criarão condições para que a voz dos dois povos adquira mais autoridade. Os problemas de ambos os países ganharão actualidade e serão debatidos com outra ressonância. Mais perto do povo, o Parlamento de Edimburgo e a Assembleia de Cardiff darão a conhecer ao mundo a realidade na vida das duas nações.

Será muito difícil à Inglaterra travar as novas esperanças que surgem com a ideia aliciante da reconquista da soberania nacional. Os povos, sempre que aspiram o perfume da liberdade, agarram-se-lhe profundamente, inebriam-se nele. Pode dizer-se, assim, que a corrida para a reconquista da independência já começou. Tony Blair vai, finalmente, assistir a algumas modernizações de enorme alcance. Porém, não serão aquelas que propôs. Está perto aquilo que muita gente pensava não ser possível – a desunião do Reino Unido.

Tempos difíceis para a monarquia

Surgiu, todavia, uma outra situação. Esta, inesperada, trágica, dolorosa, sintomática do estado de espírito dos povos britânicos. A atitude da família real perante a lamentável morte da Princesa de Gales, Diana Spencer, provocou uma inesperada reacção popular. Desde há anos que certos acontecimentos vinham crian-

ambiguidades que a Escócia é mais republicana do que monárquica e que a República chegará com a independência. No fim do debate, o Congresso, mostrando-se generoso, decidiu deixar a questão para um referendo popular logo que o Tratado de União seja anulado. Os nacionalistas sabem, evidentemente, que o povo escocês, se e quando confrontado com a pergunta: «República ou Monarquia?» responderá de forma esmagadora: «A Escócia será uma República!».

Os problemas dos Windsor continuam a avolumar-se. Não se pense que a hostilidade dos escoceses à família real, ao Partido Conservador, aos herdeiros de Margaret Thatcher e, em muito, a tudo o que vem de Inglaterra, é original. O próprio povo inglês sabe que o seu destino o impele para uma campanha histórica de novas conquistas e de irreversíveis viragens. Tony Blair ficará pelo caminho. De momento, procura adiar a crise fatal que o vai devorar, finge posições serenas, «de Estado». E posto que a oposição conservadora é tão débil, surge uma outra oposição, mais nova, radical, disposta a fazer do país algo diferente daquilo que existia antes das eleições de 1 de Maio. Essa nova oposição vive na alma do povo e está nas ruas, nas fábricas, nos escritórios, nas Universidades, em todas as cidades e regiões do País. O momento é de viragem, em Inglaterra. Tony Blair, o evangelista supremo, o oportunista por educação e princípios recebidos da maneira de ser e de estar dos «tories», confrontar-se-á, cedo ou tarde, com meia dúzia de problemas fatais que deixarão a Inglaterra e a Grã-Bretanha em revolta aberta. Contra quem? Contra que situação? Contra as circunstâncias do sistema socioeconómico, contra a falta de perspectivas, de garantias, de segurança, contra a enganadora democracia capitalista, os monopólios transnacionais e contra os Windsor.

Então, teremos atingido o tempo das transformações reais. A separação da Escócia e do País de Gales, a crise terminal do Partido Conservador, autorizam-nos a perguntar: «Para onde vais tu, Britannia?».

Os Windsor

O trono de Inglaterra tem sido ocupado por diversas dinastias, actualmente, está na posse da Casa de Windsor, mas tudo começou com os Saxões e Dinamarqueses (Vikings) e prosseguiu com os Plantagenetas, a Casa de Lancaster, a Casa de York, os Tudors, os Stuart. Em 1649, Oliver Cromwell inaugurou um regime semi-republicano do qual se tornou «Protector». Mas os Stuarts regressaram pretendendo a restauração do poder e da influência do catolicismo. Isso deu lugar à chamada «Magnífica Revolução» que Guilherme de Orange (III) e a filha do rei James II (Mary) encabeçaram. Em 1714, o trono passou para a Casa de Hanover e, em 1901, por morte da rainha Victoria, Edward VII, da Casa de Saxe-Coburg, ocupou o trono. Em 1910, no ano da implantação da República em Portugal, foi coroado rei o primeiro (George V) membro da Casa de Windsor. Depois da abdicação de Edward VIII, que preferiu uma divorciada americana, Wallis Warfield, à coroa, o trono passou a ser ocupado por George VI, irmão daquele. Presentemente, o poder real está entregue a Isabel II.

Elizabeth II (ou Isabel) nasceu a 21 de Abril de 1926 em 17, Bruton Street, Londres. É filha do rei George VI e da rainha-mãe, Elizabeth Angela Marguerite, que ainda está viva. Foi coroada na Abadia de Westminster a 2 de Junho de 1953 tendo subido ao trono a 6 de Fevereiro de 1952. Casou a 20 de Novembro de 1947 com Philip, Duque de Edimburgo, Senhor de Marioneth e barão Greenwich.

Do casamento real nasceram os seguintes filhos: Charles Philip Arthur George (Príncipe de Gales); Anne Elizabeth Alice Louise (Princesa Real); Andrew Albert Christian Edward (Duque de York); Edward Anthony Richard Louis.

As residências oficiais da rainha de Inglaterra são: Buckingham Palace, London, SW1; Windsor Castle, Berks.; Palace of Holyroodhouse, Edinburgh. As residências privadas, são: Sandringham, Norfolk; Balmoral Castle, Aberdeenshire, Scotland.

O que estará reservado aos Windsor pelo destino? Melhor: que destino lhes reservam os povos das ilhas britânicas?



do uma clara animosidade para com os Windsor. O povo das Ilhas britânicas, apesar de haver contemplado com paciência e magnanimidade a exploração, os sofrimentos e os enganos a que o sujeitaram ao longo dos séculos, raramente deixou de considerar que o sistema social evoluíra para uma clara divisão de classes – o nós e o eles, estão sempre presentes. Desta vez, como em múltiplos outros momentos que a História de Inglaterra nos mostra, o povo colocou-se contra a postura arrogante, autoritária, distante, desactualizada dos Windsor. Fez-lhes lembrar, por exemplo, que a subida ao trono do príncipe Carlos, o ex-marido da Princesa de Gales, não será bem recebida. Quanto à Camila Parker Bowles, não tem quaisquer hipóteses de, mesmo casando com Carlos, vir a ser rainha. A posição de Isabel II começa a tornar-se precária.

A este respeito, a política do SNP (Scottish National Party) cujo Congresso acaba de realizar-se em Rothesay, na Ilha de Bute, parece esclarecedora. Em plena tribuna, alguns oradores não pouparam a críticas a família real. Outros, declararam sem

EM FOCO



O peso dos anunciantes – I

«TV pimba / Franceses varrem telelixo». Esta era a grande manchete da 1ª página com que o *Público* (17.9.97) noticiava que as cadeias de televisão francesas tinham sido obrigadas a eliminar das suas grelhas os programas tipo Big Show SIC. Não porque eles ofendessem o gosto do público ou envergonhassem os responsáveis da programação, mas porque os anunciantes tinham chegado à conclusão de que tais programas, pela sua vulgaridade e baixo nível, tiravam dignidade aos seus produtos e dificultavam a sua promoção.

As coisas, factualmente, não serão exactamente assim, mas a notícia chama a atenção para uma realidade pouco conhecida, apesar da sua centralidade no mundo da comunicação social: as relações íntimas entre a publicidade e os *media* e o papel decisivo desempenhado pelos anunciantes na comunicação social.

Deve dizer-se desde já que os *media* (com excepção de casos pontuais, como o dos que pertencem ao Estado e se assumem claramente como serviço público, por exemplo a RDP) dependem fundamentalmente, sob o ponto de vista económico, dos dinheiros que arrecadam com a publicidade. É esta que financia os *media*, o que, à partida, estabelece uma forte relação de dependência relativamente aos anunciantes.

O peso dos anunciantes – II

Como se traduz esta dependência? Que tipo de influência exerce a publicidade sobre a imprensa, o rádio e a TV?

Existem formas directas, ainda que mais sofisticadas ou mais brutais, de os anunciantes exercerem influência e condicionarem o conteúdo jornalístico. As pressões ou mesmo as ameaças, os cortes de contratos, a recusa de publicidade a certos órgãos, pondo em causa a sua sobrevivência, ou a manutenção artificial de outros, graças a injeções de dinheiro através da concessão de publicidade, são alguns dos métodos utilizados. Tendo em conta a natureza de classe do poder proprietário (ao nível dos *media* e ao nível dos anunciantes), adivinham-se para quem vão os favores e os desfavores... (A história da imprensa pós-25 de Abril encerra exemplos esclarecedores.)

Estes métodos podem assumir o cariz de censura implícita, ou de estímulo à autocensura. Um caso recente, ocorrido nos EUA, mostra onde o grande patronato pode chegar, no sentido de garantir a necessária *compreensão* por parte dos *media* e de lhes fazer lembrar quem realmente manda.

A poderosa Chrysler enviou a mais de uma centena de publicações, através da sua agência de publicidade Pentacom, uma carta em que se dizia: «A fim de evitar qualquer potencial conflito, exige-se que a Chrysler seja alertada de todo o artigo com conteúdo sexual, político, social ou de todo o editorial que possa ser julgado como provocatório ou chocante. Para qualquer número futuro no qual esteja prevista a inclusão de anúncios da Chrysler, dever-se-á apresentar um resumo escrito de cada um dos artigos principais. Estes resumos deverão ser enviados à Pentacom antes do fecho da edição de modo a que a Chrysler tenha tempo de pôr em causa ou diferir a publicação dos seus anúncios» (*Le Monde Diplomatique*, Junho 1997). Dispensam-se comentários.

InterMEDIações

■ Fernando Correia

Claro que se trata de um caso extremo. Geralmente, chantagens descaradas como esta não se tornam necessárias. O peso dos anunciantes, nomeadamente dos mais poderosos, como, por exemplo, os produtores e distribuidores cinematográficos, é tão significativo que, com contrapartidas visíveis ou mesmo sem elas, é política dos *media* tratá-los com o maior respeito, por vezes recorrendo a práticas que alimentam uma lamentável e condenável confusão entre o que é ou não é publicidade. E o prejudicado, para não dizer enganado, é o público.

Referindo-se aos dois únicos programas sobre cinema actualmente existentes na nossa TV – Lanterna Mágica, na TVI, e Magacine, na RTP 2 –, um crítico de televisão verberava o completo acriticismo de ambos, comentando: «Os dois programas poderiam ser quase considerados como publicidade institucional, tipo TV-shop, ou poderiam ser patrocinados pelos distribuidores do cinema mundial. Não se notaria qualquer diferença» (Eduardo Cintra Torres, *Público*, 31.8.97).

Outra forma visível de influência reside, naturalmente, no próprio conteúdo dos anúncios, cuja *leitura* e assimilação por parte do público se confunde, mistura e integra na mensagem global do *media*.

E esse conteúdo, geralmente, caracteriza-se (com motivações e consequências ideológicas óbvias) pelo estímulo ao consumismo, pelo predomínio da emoção sobre a razão, pelo recurso à sedução e à manipulação em vez da informação, pela exploração do sexo e a mercantilização do corpo, pela difusão de estereótipos (o homem másculo e superior, a mulher caseira e subalterna, etc.), ou seja, pela promoção de determinados estilos de vida e formas de organização, consciência e prática sociais.

O peso dos anunciantes – III

Mas existem ainda outras maneiras de a publicidade interferir nos *media*, menos ostensivas, ainda que assumindo uma função estruturante no funcionamento das redacções e na elaboração e apresentação dos materiais jornalísticos. Falemos de três.

A primeira refere-se à organização dos espaços (na imprensa) e dos tempos (na TV). São a quantidade, tamanho e local dos anúncios que comandam a organização das páginas e das programações. Muitas vezes, são os anúncios angariados para uma edição ou um suplemento, são os patrocínios conseguidos para uma reportagem ou uma emissão, que determinam os contornos da iniciativa jornalística, ou mesmo a sua concretização.

A segunda forma de a publicidade interferir reflecte-se nas estratégias e critérios que os *media* são «obrigados» a adoptar a fim de satisfazerem e conquistarem os anunciantes. A necessidade de aumentar as receitas da publicidade impõe o aumento das audiências, na medida em que é a quantidade destas que faz decidir um anunciante. Isto leva o *media* a procurar atrair e agradar ao maior número possível de leitores, ouvintes e telespectadores, empenhando-se na produção de *mercadorias mediáticas* que vão ao encontro dos interesses das grandes maiorias, cedendo perante a facilidade do nivelamento por baixo. O resultado é o que sabemos, nomeadamente em termos de TV e de revistas «populares».

Um terceiro tipo de influência, relacionado com o anterior, tem a ver com as formas e estilos da linguagem mediática. A rendição da comunicação social de massas ao mercantilismo e o primado absoluto posto na conquista das audiências fizeram com que certas características próprias do anúncio publicitário, como a superficialidade, o ligeirismo, o emocional, o pequeno e o rápido, fossem adoptadas pelos *media* e começassem a impregnar as suas mensagens. Existe a visível tendência para se diluírem as diferenças de géneros, com a progressiva contaminação da linguagem mediática, incluindo os textos e programas jornalísticos, pela linguagem própria dos *clips* musicais e dos *spots* publicitários.

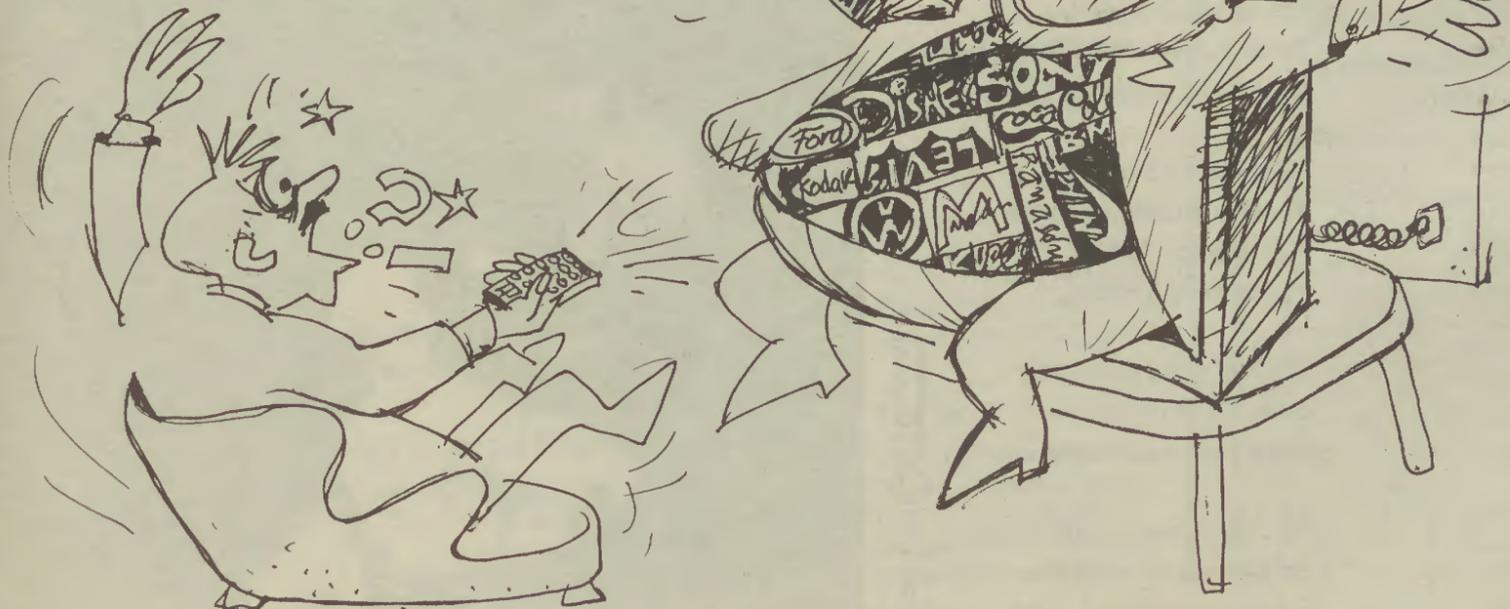
O peso dos anunciantes – IV

O peso dos anunciantes é grande. É mesmo preponderante, nesta sociedade submetida aos ditames de sua excelência que tudo manda – o mercado. O mercado, essa entidade abstracta e de contornos fluidos, por detrás da qual, porém, se perfilam homens concretos de carne e osso. Mais aquela do que este, presume-se...

Reunidos em Washington, duas centenas de directores e proprietários de jornais de todo o mundo manifestaram-se (não obstante, faça-se justiça, algumas vozes discordantes) a favor do mercado como supremo garante da «liberdade», da «independência» e da «sobrevivência da imprensa» na sua competição com o audiovisual (*El País*, 22.5.96).

Liberdade e independência de quem e para quê, sobrevivência de que imprensa? Os senhores da Chrysler, no concreto, explicam como é. E o patrão de um grupo mediático britânico presente na reunião de Washington explicitou a lógica das coisas: «no mundo da realidade» é inconcebível um jornal que não tenha em conta os desejos do mercado e, conseqüentemente, da publicidade. «Os anunciantes ordenam e nós obedecemos. O que temos de fazer é apenas levar leitores aos anunciantes» (idem).

Em entrevista ao *Diário de Notícias* (17.9.97), um publicitário português, director de uma central de compras, revela-se contido nas palavras mas eloquente nas ideias. À pergunta: «Quando está numa negociação com uma TV sente que eles dependem de si?», responde: «Dependem todos da publicidade, mesmo a pública...»



Damáσιο «pobre» e pobre País...

A última edição do semanário *Tal & Qual* tinha por mancha uma coisa inacreditável: o empresário Manuel Damásio, actual presidente do Sport Lisboa e Benfica, declarou o ano passado às Finanças um rendimento anual de **647 contos**, ao mesmo tempo que ostenta bens onde pontificam moradias de 300 mil contos e automóveis de 25 mil contos, a par de um estilo de vida de gastos alucinantes, onde só uma caixa dos charutos com que Damásio se exhibe custa mais que o «ordenado» de 46 contos/mês que ele declara às Finanças. O absurdo vai ao ponto de, na mesma declaração de rendimentos de 647 contos/ano, Damásio apresentar na rubrica «despesas escolares» com os três filhos (para efeitos de

abatimento) qualquer coisa como 5.190 contos, o que dá a bonita média de 500 contos/mês. O extraordinário está nas repartições de finanças e no sistema fiscal que aceitam delarações deste jaez sem um pestanejar de incredulidade, quando é conhecida a sua minúcia e vigilância sobre a generalidade dos contribuintes que, na sua qualidade de trabalhadores por conta de outrem, cumprem integralmente as suas obrigações fiscais. Quanto a Manuel Damásio, é evidente que está em condições de pedir ao Ministro da Solidariedade Social, Ferro Rodrigues, a obtenção do Rendimento Mínimo Garantido. O homem vive, oficial e declaradamente, abaixo do limiar da pobreza... Pobre País, que

PONTOS CARDEAIS

tem de encher tantos Damásios «pobres».

Caviar «a aviar»

Neste entretentes - e nem de propósito -, o suplemento «Olha!» de *A Capital* dedicava três coloridíssimas páginas a Margarida Prieto. Toda a gente sabe quem é Margarida Prieto: é mulher de Manuel Damásio, mãe dos três rebentos cuja educação custa 500 contos/mês e co-sofredora, na declaração de rendimentos do marido, do miserável rendimento anual de 647 contos. Vale a pena observar como se exprime esta senhora que, declaradamente, sobrevive

com 46 contos/mês para um agregado familiar de cinco pessoas. A reportagem relata um jantar oferecido à pobre senhora pelo Café-Café, o que se compreende, face às dificuldades económicas com que se debate. Mostrando ser uma mãos-largas com os convites dos outros, Margarida convidou «um divertido grupo de amigos» e escolheu uma ementa onde pontificava «perdiz à moda do Herman» e soufflé de baunilha, o que mostra como uma vida frugal aguça o engenho. E, às tantas, Margarida Prieto desatou a dizer coisas para a reportagem. Por exemplo, que «até aos 30 anos não gostava de caviar», acrescentando,

com montes de ironia: «Mal sabia o que estava a perder.» Posto isto, «de repente lembrou-se de uma história passada em Miami» onde - deduz-se -, cheirou o caviar pela primeira vez. «Estava num restaurante - conta ela - e vi um inglês de meias até aos joelhos que pediu o melhor caviar que

existe, depois, imaginem, para acompanhar escolheu café com leite.» Diz o «Olha!» que «a indignação e a risota eram notórias, ninguém queria acreditar». Realmente. Um inglês, de meias até aos joelhos, a comer caviar empurrado a café com leite num restaurante de Miami?!... Há com cada indignidade, neste mundo de risota...

O fiasco de Amaral e a «isenção» do Expresso

O primeiro comício da candidatura de Ferreira do Amaral à Câmara Municipal de Lisboa, realizado a semana passada no Coliseu dos Recreios, em Lisboa, foi um fiasco tão completo, que a SIC e a RTP se sentiram forçadas a iludir o desastre com planos apertados mostrando uma dúzia de rostos para encher o ecrã, enquanto alguns jornais, pura e simplesmente, arrumavam o assunto em meia dúzia de burocráticas linhas, onde não despontava a mínima nota de reportagem que desse conta do que verdadeiramente contava: o rotundo fracasso desta mobilização da direita para a conquista da mais importante autarquia do País - fracasso tanto mais significativo, em termos

noticiosos, quanto as expectativas geradas pela própria candidatura de Ferreira do Amaral, que prometia um «comício de arrasar».

Curiosa, entretanto, foi a forma como o *Expresso* torneou o embaraço: pegou numa foto do candidato (igualmente de enquadramento apertado, mostrando Ferreira do Amaral afogado numa «multidão» de 20 pessoas) e escreveu ao lado o seguinte: «Perto de 2500 pessoas (números oficiais da candidatura) assistiram na quinta-feira, no Coliseu dos Recreios, ao comício que marcou o início da pré-campanha de Ferreira do Amaral para a Câmara de Lisboa».

Com este desarrincango, o *Expresso* demonstrou mais uma vez a quadratura do círculo: não apenas transformou algumas dezenas de pessoas em 2500, como se desresponsabilizou ao atribuir tão grosseira mentira aos «números oficiais da candidatura».

Só deixou um rabo de fora: se tinha lá uma equipa de reportagem para fazer do evento uma cobertura directa (como o prova a fotografia de redacção), não se percebe por que recorreu o jornalista de serviço aos «números oficiais da candidatura» para avaliar a multidão presente. Seria invisível?!...

PONTOS NATURAIS

Mini-sonetos

A nuvem

Subi a escada do portaló da nuvem breve que ia a passar. Tirei sapatos, limpei o pó «Ó nuvem breve, deixa-me entrar!»

A nuvem breve que ia a passar pelos atalhos do seu além disse «não sei se vou chegar...» «Ó nuvem breve, isso que tem?»

«Ó nuvem breve, deixa-me entrar!» «Não vês a noite sobre o mar?» «Ó nuvem breve, minha irmã!»

Abre-se a porta, sem fragor. De lá, lá onde e quando for não sei, mas já era manhã.

Actualidade

Foram ouvi-lo e ele disse o que tinha pra dizer disse com as palavras certas com as palavras serenas.

Disse, com a cara na sombra. Foi a condição que pôs por medo - disse - por medo - por medo das represálias.

O medo que está de volta. Senhores, vós que escreveis nos jornais, se não cuidais

do medo, é por medo, ou (muito pior que ter medo) por não ter medo do medo?

Deuses, mas na Terra

Tu sonhas com um argumento forte, que resista ao vento? Tu, se o dia-a-dia mói, andas em busca de um herói?

Tu queres ter a raiz da alma deste país? E queres uma aventura com acção e com ternura?

Tu que trabalhas de operário nas obras do imaginário, queres deuses, mas na Terra?

Pois aceita a sugestão: procura e lê com atenção o livro de Jaime Serra.

O remorso

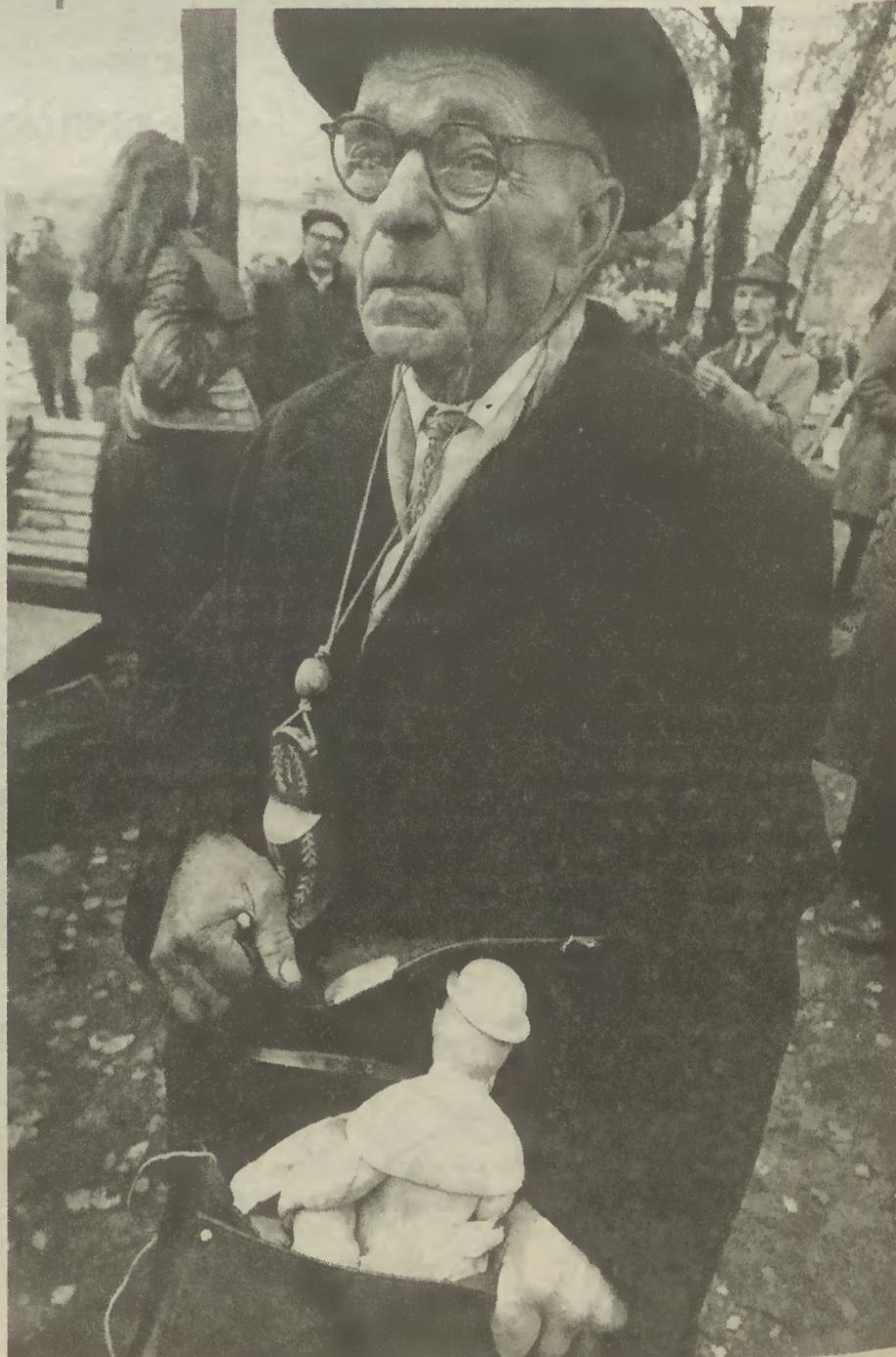
Saber que o saco do pão fica no trinco da porta. Saber quanto me conforta ter um livro sempre à mão.

Saborear a luz discreta que vem através do estore e ter a graça maior no riso doce da neta.

Uma serpente escondida cá do fundo da alma vem matar todo o sortilégio.

Meu Deus, que merda de vida em que até um beijo tem o sabor a privilégio!

Mário Castro



AGENDA



HOJE, quinta-feira, às 20h
Convívio de candidatos e apoiantes do PCP
na Coligação Mais Lisboa – Voz do Operário - 20h
 Com a participação do Secretário-geral do PCP
Carlos Carvalhas

Mértola
Festa CDU nos Celeiros da EPAC
 com a presença dos candidatos aos órgãos autárquicos do concelho
 e de **Carlos Carvalhas**
 Sábado, 11, a partir das 14h30

ALCOUTIM

Apresentação pública dos candidatos da CDU à Câmara, Assembleia Municipal e Juntas de Freguesia do concelho, com jantar-convívio de apoiantes: no restaurante "Alcatia", sábado, 11, às 20h.

ALENQUER

● **Plenário de candidatos:** sábado, 11, às 15h, na Romeira, com a participação de **Jorge Cordeiro**.
 ● **Cardosas - Apresentação dos candidatos CDU** à freguesia, com a participação de **Rogério Correia**, candidato à presidência da CM de Alenquer: domingo, 12, às 17h, na sede da Junta de Freguesia.

ALCABIDECHE

Apresentação pública dos candidatos da CDU à Freguesia: sábado, 11, às 15h30, na Sala do GIPA, na Amoreira, com a participação de **Carlos Rabaçal**, candidato à presidência da CM de Cascais e de **Victor Silva**, vereador e candidato à presidência da Assembleia Municipal.

AMADORA

● **Falagueira - Plenário CDU:** sexta-feira, 10, às 21h, na Junta de Freguesia de Falagueira/Venda Nova.
 ● **Mina - Plenário da lista CDU:** sexta-feira, 10, às 21h, no CT do PCP da Amadora.
 ● **Damaia - Reuniões** dos candidatos locais com o Sport Futebol Damaense (sábado, 11, às 17h.), com e com o Ginásio Damaia Clube (domingo, 12, às 17h). **Reunião da lista:** dia 10, às 21h, no CT do PCP da Damaia.
 ● **Jornada de propaganda CDU:** visita ao Bairro Novo de Alforneiros, com a presença de candidatos aos órgãos municipais e da freguesia - sábado, 11, a partir das 10h; acções de propaganda em todos os mercados do concelho da Amadora - sábado, 11, a partir das 10h.

ARRUDA DOS VINHOS

Apresentação pública dos candidatos da CDU à Câmara, Assembleia Municipal e Assembleias de Freguesia do concelho: domingo, 19, às 15h, no Espaço CDU em Arruda dos Vinhos.

BEJA

● **Ourique - Apresentação dos candidatos CDU** à Freguesia de Panóias (Ourique): dia 11 às 12h30, no CT de Panóias, com a presença de **Bernardina Sebastião**. Visita de candidatos ao Mercado de **Santana da Serra**: domingo às 13h.
 ● **Castro Verde - Apresentação** dos candidatos à Freguesia de Entradas: na Casa do Povo, dia 11 às 16h.

CALDAS DA RAINHA

Almoço de apresentação dos candidatos: sábado, 11, às 13h, no restaurante "Cortiço", em Tornada (Inscrições: tels. 23095123000/23974)

LOURES

● **Odivelas - Inauguração do Qiosque CDU** no Parque Maria Lamas, com a presença de **Eduardo Batista**, cabeça de lista da CDU à JF: hoje, dia 9, às 18h. Também com **Eduardo Batista**, visita e contactos com a população no **Bairro Codivel** (sábado, 11, a partir das 10h) e com a da **Quinta Nova** (sábado a partir das 11h). **Acção de jovens candidatos** junto ao MacDonald's: dia 16 às 18h
 ● **Famões - Apresentação da lista CDU** à AF: sexta-feira, 10, às 21h30, na Sala da Assembleia de Freguesia, com a presença de **Manuel Veiga**, presidente e candidato à presidência da AM de Loures.
 ● **Apelação - Debate com a população** sobre o Programa Eleitoral da CDU: sexta-feira, 10, às 21h30, no Clube Recreativo Apeloense.
 ● **Camarate - Reunião com Idosos** sobre o Programa Eleitoral: sábado, 11, às 15h, na Junta de Freguesia; **convívio com animação musical** promovido pela **Juventude CDU** no CT do PCP de Camarate: sábado a partir das 21h30. **Reunião de jovens candidatos** com Grupo de Escuteiros de Camarate: segunda-feira, 13, às 21h30.
 ● **Sta. Iria de Azóia - Café concerto da Juventude CDU:** sábado, 11, a partir das 22h, no CT do PCP de Sta. Iria.
 ● **Sacavém - Forum CDU sobre Requalificação Urbana**, com a participação de **Arq. Mário Moreira**, **Eng. Adão Barata**, **António Pombinho**: sábado, 11, às 15h, na Quinta de S. José.
 ● **Olival Basto - Jantar-convívio da CDU** no restaurante "A Marisqueira do Bairro" (R. Angola), com a presença do vereador e candidato **Francisco Pereira**.
 ● **Pontinha - Almoço na Serra da Luz**, com a participação dos candidatos **Adão Barata** e **Fátima Amaral**: domingo, 12, às 13h. **Visita de jovens candidatos à Azinheira dos Besouros**, com a participação de **Manuel Correia**, presidente da Frente Anti-Racista e candidato da CDU: sábado, 11, a partir das 10h.
 ● **Bobadela - Plenário CDU** para discussão do Programa Eleitoral: dia 16 às 21h, no Clube Recreativo Bobadelense.

MATOSINHOS

Debate sobre os problemas da habitação no concelho, com a participação de **José Cavalheiro**, candidato da CDU à presidência da CM: sexta-feira, 10, às 21h30, na Junta de Freguesia de Perafita.

Juventude CDU Sintra

Inauguração da Sede

Rio de Mouro - Rua Vasco da Gama, 11
 na passagem de sábado para domingo
 (11 para 12) às 00h15
 com a presença de **Paula Borge** e **Lino Paulo**

Concerto

junto ao Mercado de Rio de Mouro
Dia 11 às 21h
 com os **Hoak Hey - Lunar Caustic - Kry Wall**

NAZARÉ

Apresentação dos candidatos CDU: sábado, 11, às 21h30, no "Mar Alto" (Círculo Cultural da Nazaré). Animação musical com **Manuel Freire** e **Kiki Lima**.

SINTRA

Expo CDU Sintra de 10 a 12 de Outubro na Tapada das Mercês (junto ao Floresta Center). **Inauguração** com a presença de **Lino Paulo** e de **José Casanova**: sexta-feira, 10, às 21h.

Jornadas Parlamentares do PCP

Dias 10 e 11 de Outubro - Faro

(Instituto Nacional de Juventude)

Sessão de abertura:

dia 10 às 11h

com a participação do camarada

Carlos Carvalhas

Secretário-geral do PCP

REUNIÕES DE CÉLULAS DO PCP**S. Domingos de Benfica**

Plenário da célula, com a participação dos candidatos da CDU à Assembleia de Freguesia e do camarada **Alexandre Teixeira**, sobre o trabalho eleitoral: sexta-feira, 11, às 21h30, na Biblioteca da Junta de Freguesia (R. Raul Carapinha).

Sintra

Plenário de Quadros do concelho, com a participação de **José Casanova**: sexta-feira, 10, às 21h30, no Auditório da Igreja Paroquial de Rio de Mouro.

Almada

Plenário da célula dos Trabalhadores da Autarquia:
 no CT concelhio, hoje, dia 9, a partir das 18h.

III Encontro Nacional do PCP

sobre os Problemas dos Reformados e as eleições autárquicas de 1997

18 de Outubro

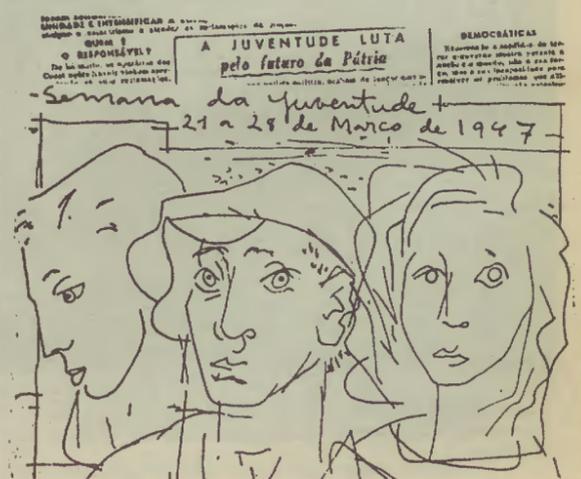
Sociedade Filarmónica Democrática Timbre Seixalense

Searas do Porvir

Exposição no Palácio Galveias

comemorativa do 50.º aniversário da fundação do MUD Juvenil

Até 9 de de Novembro



TELEVISÃO

Quinta, 9

RTP 1

08.00 Um, Dó, Li, Tá
10.10 Uma Estranha Dama
11.00 Praça da Alegria
11.30 Culinária
13.00 Jornal da Tarde
13.45 Consultório
14.30 Isto Só Vídeo
15.05 Força de Mulher
16.00 Na Paz dos Anjos
16.40 Carmen
17.30 Antenas no Ar
19.00 País País
19.40 País Regiões
20.00 Telejornal
20.50 As Lições do Tonecas
21.25 A Grande Aposta
22.25 Maria Elisa
00.15 24 Horas
01.05 Musical
01.40 Motores

RTP 2

15.00 Informação Gestual
15.55 Falatório
16.45 O Polvo
18.00 Informação Religiosa
18.30 Euronews
19.10 Um, Dó, Li, Tá
20.40 Remate
21.00 Acontece
21.30 Olho Vivo
22.00 Jornal 2
22.35 Plano 9 dos Vampiros -
Zombie
(de Ed Wood, EUA/1956, com
Gregory Walcott, Mona McKinnon,
Duke Moore, Bela Lugosi. Ficção
Científica)
00.45 Falatório
01.40 Magacine

SIC

09.10 Buêré
11.00 Receitas do Dia
11.30 Tocaia Grande
12.30 Imagens Reais
13.00 Primeiro Jornal
13.40 O Juiz Decide
14.40 Um Homem de Sorte
15.45 Buêré
17.30 Mulheres de Areia
19.00 O Amor Está no Ar
20.00 Jornal da Noite
21.00 A Indomada
22.00 Agora ou Nunca
23.00 Esta Semana
24.00 Último Jornal
00.25 No Fim do Mundo
01.45 Vibrações

TVI

10.05 Animação
11.30 Vamos ao Circo
12.40 Cassandra
13.30 TVI Jornal
14.20 Mulher Perigosa
14.50 Caprichos
15.40 O Jogo da Vida
16.30 O Barco do Amor
17.30 O Xerife do Espaço
18.00 Animação
18.25 Em Nome da Justiça
19.15 Primeira Mão
20.00 Xica da Silva
21.00 Directo XXI
22.00 Ficheiros Secretos
23.00 D.A.R.Y.L.
(de Simon Wincer, EUA/1995, com
Mary Beth Hurt, Michael McKean,
Kathryn Walker, Colleen Camp,
Josef Sommer. Ver Destaque)
00.55 Doido por Ti
01.30 Fora de Jogo
01.50 A Balada de Hill Street

No final da noite de domingo, a RTP2 recorda, primeiro, algumas das 'Glórias do Bolshoi', e depois a vida de Muhammad Ali - o lendário boxeur Cassius Clay - e o seu papel na luta anti-segregacionista nos anos 60



Nota: A Redacção não se responsabiliza por alterações de horários ou conteúdos da programação realizados pelos operadores de televisão após o fecho desta edição.

Sexta, 10

RTP 1

08.00 Um, Dó, Li, Tá
10.10 Uma Estranha Dama
11.00 Praça da Alegria
11.30 Culinária
13.00 Jornal da Tarde
13.45 Consultório
14.30 Reformado e Mal Pago
15.05 Força de Mulher
16.00 Na Paz dos Anjos
16.40 Carmen
17.45 Casa de Artistas
19.00 País País
19.40 País Regiões
20.00 Telejornal
20.50 A Grande Aposta
22.40 Cinco Dias, Cinco Noites
(de José Fonseca e Costa, Port./1996, com Vítor Norte, Paulo Pires, Ana Padrão, Canto e Castro, Teresa Roby. Ver Destaque)
00.35 24 Horas
01.25 Guerreiro Virtual
(de Andrew Stevens, EUA/1995, com Don Wilson, Michael Bernardo, Ken McCloud. «Thriller»)
03.20 Polícias em Acção
04.55 Fórmula 1 - GP do Japão

RTP 2

15.00 Informação Gestual
15.50 Falatório
17.00 O Polvo
18.00 Informação Religiosa
18.30 Euronews
19.10 Um, Dó, Li, Tá
20.40 Remate
21.00 Acontece
21.25 Sonhos Perdidos
22.00 Jornal 2
22.35 Escândalo Real
23.25 A Noite dos Espíritos
(de Ed Wood, EUA/1959, com Duke Moore, Kenne Duncan, Paul Marco, Tor Johnson. Terror)
00.35 Falatório
01.30 Estranhas Circunstâncias
02.20 Música Maestro - «Mozart - Sinfonia nº 40»

SIC

09.10 Buêré
11.00 Receitas do Dia
11.30 Tocaia Grande
12.30 Imagens Reais
13.00 Primeiro Jornal
13.40 O Juiz Decide
14.40 Um Homem de Sorte
15.45 Buêré
17.30 Mulheres de Areia
19.00 O Amor Está no Ar
20.00 Jornal da Noite
21.00 Srs. Doutores
21.30 A Indomada
22.30 All You Need Is Love
23.30 Os Donos da Bola
02.30 Último Jornal
02.55 Os Astronautas

TVI

10.05 Animação
11.30 Vamos ao Circo
12.40 Cassandra
13.30 TVI Jornal
14.20 Mulher Perigosa
14.50 Caprichos
15.40 O Jogo da Vida
16.30 O Barco do Amor
17.30 O Xerife do Espaço
18.00 Animação
18.25 Em Nome da Justiça
19.15 Primeira Mão
20.00 Xica da Silva
21.00 Directo XXI
22.00 Pretender
23.00 Gene Mortal
(de Larry Shaw, EUA/1994, com Joanna Kerns, Gregory Harrison, Robert Englund, Max Gail. «Thriller»)
00.45 Doido por Ti
01.15 Lanterna Mágica
02.00 Fora de Jogo
02.15 A Balada de Hill Street

Sábado, 11

RTP 1

08.00 Espaço Infantil
12.20 Isto Só Vídeo
13.00 Jornal da Tarde
13.40 Top +
15.00 Elton John
15.45 Alta Voltagem
16.30 Jet 7
17.10 Futebol: Portugal-Irlanda
19.20 Riscos
20.00 Telejornal
20.50 Há Horas Felizes
22.20 O Vison Voador
00.15 O Caminho das Estrelas
01.15 24 Horas
01.55 O Pianista
(de Desmond Davis, EUA/1994, com Elliot Gould, Geraldine James, Alum Armstrong, Ewan McGregor. Ver Destaque)
03.45 A Toca de Robin
04.50 Fórmula 1 - GP do Japão

RTP 2

09.00 Universidade Aberta
12.05 Vida por Vida
12.20 Maravilhas do Mundo Moderno
13.00 Ellen III
13.30 Dinheiro Vivo
14.00 Parlamento
15.00 Desporto 2
17.20 Arquivos do Entendimento
17.45 Sinais do Tempo
18.45 Ed Wood
(de Tim Burton, EUA/1994, com Johnny Depp, Martin Landau, Patricia Arquette, Sarah Jessica Parker, Jeffrey Jones. Ver Destaque)
21.00 Semana ao Sábado
21.55 O Lugar da História
22.55 Providence
(de Alain Resnais, Fr./Suíça/1977, com Dirk Bogard, Ellen Burstyn, David Warner, John Gielgud, Dennis Lawson. Ver Destaque)
00.55 O Guia do Sexo
01.25 Musical

SIC

08.00 Buêré
11.55 O Nosso Mundo
13.00 Primeiro Jornal
13.40 Dragon Ball Z
14.50 A Sentinela
16.00 Marshall
17.00 Futebol
18.50 Sonho Meu
20.00 Jornal da Noite
20.50 Mundo VIP
21.50 Salsa e Merengue
22.45 Big Show Sic
01.40 Último Jornal
01.55 O Caloiro da Mafia
(de Andrew Bergman, EUA/1990, com Marlon Brando, Mathew Broderick, Maximilian Schell. Ver Destaque)

TVI

09.30 Animação
13.00 Caloiros
13.30 Contra-Ataque
15.15 Uma Família às Direitas
15.45 Competente e Descarada
16.35 Gettysburg: Os Anjos da Morte
18.30 FX: Efeitos Mortais
19.30 Futebol (Liga Espanhola)
21.20 Directo XXI
22.25 Edição Especial
23.20 Picket Fences
00.20 A Torre da Morte
(de Ng See-Yuan, Hong-Kong/1982, com Bruce Lee, Tong Lung, Huang Cheng-Li. Artes Marciais)

Domingo, 12

RTP 1

08.00 Infantil
11.20 Último Nivel
11.55 Superbébés
12.30 Fórmula 1 - GP do Japão
13.00 Jornal da Tarde
13.40 Made in Portugal
15.00 Os Andrades
15.35 Kung Fu
17.00 Nós Somos Anjos - 6
(de Reggero Deodato, It., com Bud Spencer, Philip Michael Thomas. Acção)
18.45 Casa Cheia
19.20 Riscos
20.00 Telejornal
21.05 Reis do Estúdio
22.25 Domingo Desportivo
00.15 24 Horas
00.55 Polícias em Acção

RTP 2

09.00 Caminhos
09.30 Novos Horizontes
10.00 70 x 7
10.30 Missa
11.20 Moon Shot
12.05 Máquinas
12.30 Jornal Jovem
13.00 Sem Limites
13.30 Jornal d'África
14.00 Desporto 2
18.05 Ao Fim da Noite
(de Joaquim Leitão, Port./Ale./Fr./1991, com Laura Morante, Simon de la Brosse, Peter Settmann, João Grosso, Canto e Castro. Ver Destaque)
19.35 Bom Bordo
20.05 Artes e Letras - «Grandes Escritores do Séc. XX - William Golding»
21.05 Horizontes da Memória
21.35 Procição das Velas
22.50 Bailado: «Glórias do Ballet Bolshoi»
00.20 Vidas do Século - Muhammad Ali

SIC

08.30 Buêré
11.55 BBC - Vida Selvagem
13.00 Primeiro Jornal
13.40 Dragon Ball Z
14.40 Hércules
16.00 Cidade Escaldante
16.00 Os Reis do Mambo
(de Arne Glimcher, EUA/1992, com Armand Assante, Antonio Banderas, Cathy Moriarty, Maruchka Detmers. Drama)
19.00 Sonho Meu
20.00 Jornal da Noite
20.45 Chuva de Estrelas
21.45 Salsa e Merengue
22.45 Inferno em Saigão
(de Christopher Crowe, EUA/1987, com Willem Dafoe, Gregory Wines, Fred Ward, Scott Glenn. Guerra)
00.45 Último Jornal
01.15 Jô Soares

TVI

09.30 Animação
10.00 Novos Ventos
11.00 Angelus
11.10 Missa
13.00 Portugal Português
14.10 Cousteau: As Novas Descobertas
15.05 Adultos à Força
16.00 Ladrão que Rouba a Ladrão
(de Mark Rydell, EUA/1976, com James Caan, Michael Caine, Elliot Gould, Diane Keaton, Charles Durning. Comédia)
18.00 Feed Back
19.05 Desafios
19.20 Com Jeito Vai... Colombo
21.25 Directo XXI
22.00 Procição das Velas
22.35 Africando
23.30 Fiorile
(de Paolo e Vittorio Taviani, It./1993, com Claudio Bigagli, Galatea Ranzi, Michael Vartan, Lino Capolicchio. Ver Destaque)



Sinfonias de Mozart anunciadas para as noites de sexta-feira: será desta?

Segunda, 13

RTP 1

08.00 Um, Dó, Li, Tá
10.10 Uma Estranha Dama
11.00 Praça da Alegria
11.30 Culinária
13.00 Jornal da Tarde
13.45 Consultório
14.30 Nico d'Obra
15.05 Força de Mulher
16.00 Na Paz dos Anjos
16.40 Carmen
17.15 Jogos sem Fronteiras
19.00 País País
19.40 País Regiões
20.00 Telejornal
21.35 Grande Aposta
22.35 Concurso 1, 2, 3
00.15 24 Horas
00.50 A Toca de Robin
01.35 Horizontes de Memória

RTP 2

10.00 Cerimónias Religiosas de Fátima
13.00 O Marinheiro Fantástico
(de John Frankenheimer, EUA, com David Niven, Faye Dunaway, Alan Alda, Mickey Rooney)
14.30 Ellen
15.00 Informação Gestual
16.00 Falatório
17.00 O Polvo
17.50 Informação Religiosa
18.20 Universidade Aberta
19.10 Um, Dó, Li, Tá
20.40 Remate
21.00 Acontece
21.15 Remate
21.30 Murphy Brown
22.00 Jornal 2
22.35 Mistérios de Lisboa
23.35 Desde que Tu Partiste
(de John Cromwell, EUA/1944, com Claudette Colbert, Jennifer Jones, Shirley Temple, Joseph Cotten, Lionel Barrymore, Agnes Moorehead. Ver Destaque)
01.30 Falatório

SIC

09.10 Buêré
11.00 As Receitas do Dia
11.30 Tocaia Grande
12.30 Imagens Reais
13.00 Primeiro Jornal
13.40 O Juiz Decide
14.40 Um Homem de Sorte
15.45 Buêré
17.30 Mulheres de Areia
19.00 O Amor Está no Ar
20.00 Jornal da Noite
21.00 A Indomada
22.00 Ponto de Encontro
23.00 Tripla Infernal
(de David A. Prior, EUA/1993, com Robert Hays, David Keith, Pamela Anderson. Acção)
00.55 Último Jornal
01.20 Conversas Secretas

TVI

10.10 Animação
11.30 Vamos ao Circo
12.40 Cassandra
13.30 TVI Jornal
14.20 Mulher Perigosa
14.50 Caprichos
15.40 O Jogo da Vida
16.30 O Barco do Amor
17.30 O Xerife do Espaço
18.00 Animação
18.20 Em Nome da Justiça
19.15 Primeira Mão
20.00 Xica da Silva
21.00 Directo XXI
22.00 Um Homem Sem Passado
23.00 Linha de Fundo
00.05 Doido por Ti
00.40 A Balada de Hill Street

Terça, 14

RTP 1

08.00 Um, Dó, Li, Tá
10.10 Uma Estranha Dama
11.00 Praça da Alegria
11.30 Culinária
13.00 Jornal da Tarde
13.45 Consultório
14.30 Lições do Tonecas
15.05 Força de Mulher
16.00 Na Paz dos Anjos
16.40 Carmen
17.15 Made in Portugal
19.00 País País
19.40 País Regiões
20.00 Telejornal
20.45 Não Há Duas sem Três
21.30 A Grande Aposta
22.50 Riso, Mentiras e Vídeo
24.00 86-60-86
00.30 24 Horas
01.15 Magacine
01.50 Polícias em Acção

RTP 2

15.00 Informação Gestual
16.00 Falatório
17.05 O Polvo
18.05 Informação Religiosa
18.35 Rotações
19.10 Um, Dó, Li, Tá
20.40 Remate
21.00 Acontece
21.25 A Grande Barraca
22.00 Jornal 2
22.35 Mistérios em Lisboa
23.35 A Fúria do Desejo
(de King Vidor, EUA/1952, com Jennifer Jones, Charlton Heston, Karl Malden, Tom Tully. Drama)
00.50 Falatório

SIC

09.10 Buêré
11.00 As Receitas do Dia
11.30 Tocaia Grande
12.30 Imagens Reais
13.00 Primeiro Jornal
13.40 O Juiz Decide
14.40 Um Homem de Sorte
15.45 Buêré
17.30 Mulheres de Areia
19.00 O Amor Está no Ar
20.00 Jornal da Noite
21.00 Imagens Reais
21.30 A Indomada
22.30 Paródia Nacional
24.00 Filhos da Nação
01.00 Último Jornal
00.25 Testemunha Silenciosa
01.45 Vibrações

TVI

10.10 Animação
11.30 Vamos ao Circo
12.40 Cassandra
13.30 TVI Jornal
14.20 Mulher Perigosa
14.50 Caprichos
15.40 O Jogo da Vida
16.30 O Barco do Amor
17.30 O Xerife do Espaço
18.00 Animação
18.20 Em Nome da Justiça
19.15 Primeira Mão
20.00 Xica da Silva
21.00 Directo XXI
22.00 Savannah
23.00 Doce Tentação
(de Ron Lagomarsino, EUA/1996, com Beverly D'Angelo, Rob Estes, Jenny Lewis. Drama)
00.55 Doido por Ti
01.50 A Balada de Hill Street

Na senda da recuperação de séries de sucesso do passado, a RTP propõe agora o velhinho 'Get Smart', que revelou Mel Brooks



'Riscos', onde (se diz que) se retrata a juventude de hoje...

TELEVISÃO

Por isto e por aquilo...

D.A.R.Y.L.

(Quinta, 23.00, SIC)

Trata-se de uma história de ficção científica sem grandes pretensões e cujo enquadramento cinematográfico não é por aí além, debruçando-se sobre um caso de um casal sem filhos que adopta uma criança encontrada à beira de uma estrada, a qual é, nada mais nada menos, um *robot* - melhor, um protótipo de um plano secreto do governo para fazer combinar o «cérebro» de um computador com um clone genético - e que, investido de uma invulgar inteligência, sente imensas dificuldades em conviver com o seu corpo de rapazinho. O que é deveras intrigante, mas não mais do que isso. Nos principais papéis, Mary Beth Hurt, Michael McKean e Kathryn Walker.

Cinco Dias, Cinco Noites

(Sexta, 22.40, RTP1)

O realizador Fonseca e Costa adaptou ao cinema, com recatado brilhantismo e eficácia, o romance homónimo de Manuel Tiago (Álvaro Cunhal) que tão bem retrata um período negro da nossa História, o da clandestinidade forçada e da partida em direcção ao exílio (para continuar a luta no exterior) de militantes revolucionários em meio de uma ditadura que condenava o povo português à opressão e à miséria. É essa atmosfera tão particular, em finais dos anos 40, que o filme soube interpretar ao acompanhar (por vezes em estilo de quase-reportagem) as incidências da preparação e do «salto» para a margem espanhola, algures na região de Trás-os-Montes, de um jovem militante político que escapa à prisão fascista. Com a confirmação de um actor excelente, como é Vítor Norte, e a revelação de um promotor Paulo Pires - ambos nos papéis principais.

Ed Wood

(Sábado, 18.45, RTP2)

Culminando com a propósito uma semana dedicada ao cinema daquele que foi considerado «o pior realizador de todos os tempos» - Edward D. Wood, Jr. - a RTP2



Paulo Pires (à direita), numa sequência de «Cinco Dias, Cinco Noites», de Manuel Tiago Fonseca e Costa

projecta em «Sessão Especial» o filme que, sob o título *Ed Wood*, o cineasta Tim Burton realizou recentemente, inspirado na carreira desse tão insólito quanto lunático homem de cinema. Filmada num adequado preto-e-branco, esta obra é dedicada sobretudo aos cinéfilos que não podem deixar de se espantar perante a paixão de um homem que julgava ser um artista e que sempre apostou numa carreira à qual nunca conseguiu corresponder. Com Johnny Depp e Martin Landau nos principais papéis, este último numa brilhante composição da figura do actor Bela Lugosi, que lhe valeu um Oscar.

Providence

(Sábado, 22.55, RTP2)

Um escritor célebre, durante uma noite de pesadelos na véspera da sua morte, imagina as diversas personagens do seu último romance. Interessante é que essas personagens tomam a figura e aparência dos membros da sua família. Na manhã seguinte, um belo dia cheio de sol, o nosso escritor encontra-se na maior das felicidades rodeado de todos os seus. Mas sabe que o seu fim está próximo... Neste admirável filme de Alain Resnais, é a morte que está presente, nos seus mais variados aspectos: a morte física mas também a morte da civilização, com os seus resquícios de guerra, de fascismo, de ruínas, de tortura, e o seu retorno à idade selvagem, tudo isto tratado pelo realizador num conjunto de cenários irreais e banhados de uma

luz crepuscular. Um filme que, segundo o cineasta, é «um grande jogo do imaginário (...) uma espécie de comédia, um pouco macabra certamente, com momentos angustiantes». Com John Gielgud, Dirk Bogarde e Ellen Burstyn nos principais papéis.

O Caloiro da Máfia

(Sábado, 01.55, SIC)

Como que na esteira da revisão-em-estilo-de-comédia dos grandes «géneros clássicos», este filme de Andrew Bergman conta a história atribulada de um estudante de cinema que se vê envolvido no ambiente de uma «família» mafiosa, absolutamente suspeita... Uma comédia fora do vulgar, na qual surge (por indistigáveis necessidades de «facturar») Marlon Brando numa impagável caricatura da personagem de *O Padrinho*, de Coppola.

Ao Fim da Noite

(Domingo, 18.05, RTP2)

Cláudia acaba de cumprir uma pena de prisão em Genebra. Regressa a Portugal e reencontra o seu antigo amante, Queiroz, um homem sofisticado e misterioso que é dono de uma discoteca. Jorge, o jovem DJ da discoteca, deixa-se seduzir pelo charme e pela beleza de Cláudia. Mas a discoteca não é o único negócio de Queiroz que está igualmente envolvido em tráfico de diamantes. No meio de tudo isto Cláudia parece conseguir manipular tudo e todos a seu bel-prazer de forma a poder ficar no fim com os lucros do negócio obscuro de Queiroz. Serve-se do sexo, da sedução, da mentira, da inveja e dos ciúmes para conseguir alcançar os seus objectivos. Tal é a sinopse que a RTP nos apresenta do filme que veio confirmar a mestria de Joaquim Leitão no domínio profissional e competente dos mecanismos do cinema, com uma desenvoltura oficial invulgar no panorama português.

Fiorile

(Domingo, 23.30, TVI)

Durante uma viagem para Itália - a fim de que os dois membros mais novos da família Benedetti conheçam o seu avô - chegam a estes rumores de que a família está amaldiçoada e tentam averiguar da verdade junto do pai. E é então que este conta o trajecto de maldições que



Um fotograma de «Plano 9 dos Vampiros Zombi», um dos filmes do ciclo dedicado pela RTP 2 ao realizador Ed Wood

impedem sobre a família já desde a época das guerras napoleónicas. Um filme extremamente belo, realizado com o extremo bom gosto habitual pelos irmãos Paolo e Vittorio Taviani.

Desde Que Tu Partiste

(Segunda, 23.05, RTP2)

O marido de Anne Hilton parte para a guerra na Europa e o vazio que deixa pesa sobre a vida do quotidiano, preenchido com a leitura das cartas que ela lê aos filhos e são enviadas da frente de batalha. Um dia, um telegrama anuncia o desaparecimento do marido, mas tratava-se felizmente de uma notícia errada. Eis um *melodrama* de guerra, equivalente para os americanos ao que foi a *Família Miniver* para os ingleses, e cuja principal originalidade reside no facto de em nenhum momento surgir em cena o marido e pai de família, sustentáculo de todo o argumento. Com Claudette Colbert, Jennifer Jones, Joseph Cotten e Shirley Temple, entre outros.

Os Duros

(Quarta, 22.00, TVI)

Dois velhos «duros» do Oeste, Archie e Harry, libertados da prisão onde passaram os últimos anos da sua vida e recusando-se a entrar para a galeria dos «reformados» da profissão, tentam reconstruir as condições para repetir o acto falhado de trinta anos antes, um golpe que consistia em assaltar um comboio, hoje quase peça de museu. O destaque a este filme aqui fica, mais por causa do lado simpático que foi reunir num novo filme os grandes protagonistas do célebre *O.K. Corral* - Burt Lancaster e Kirk Douglas - do que devido à qualidade do filme, que deixa algo a desejar.

Os Cavalos Também se Abatem

(Quarta, 23.25, RTP2)

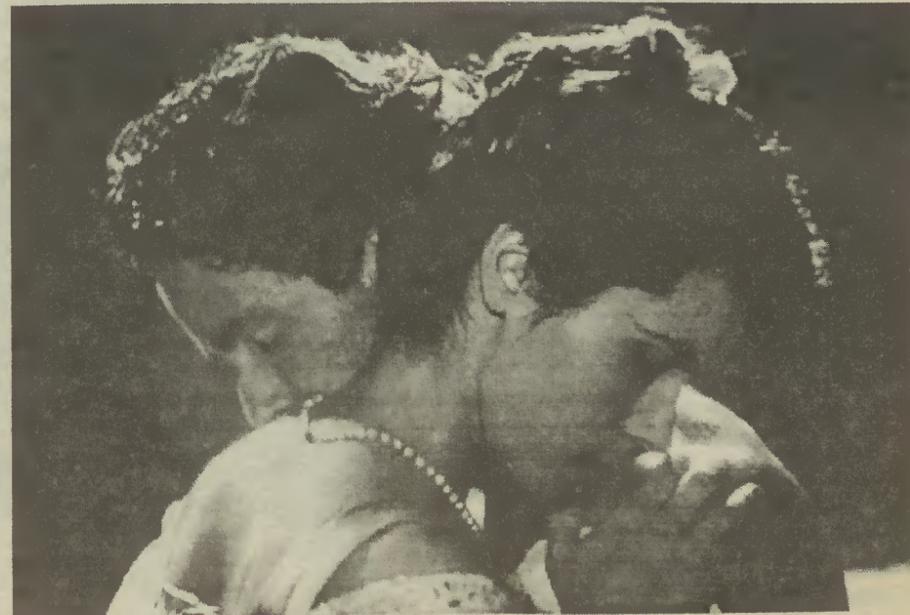
EUA, 1932. Durante a grande Depressão, homens e mulheres que procuram por todos os meios ultrapassar as terríveis dificuldades do quotidiano inscrevem-se em maratonas de dança organizadas por produtores de espectáculos sem escrúpulos e dirigidas a um público cruel e pagante! O par que aguentar mais tempo na pista receberá um prémio de 1.500 dólares. E o espectador é colocado perante o desfile de uma série de personagens e das suas histórias dramáticas pessoais. Um filme impressionante, realizado por Sidney Pollack a partir de um argumento adaptado do romance homónimo de Horace McCoy, ao qual o realizador acrescenta metáforas cinematográficas fortemente valorizativas do assunto filmado, e admiravelmente interpretado (entre outros) por Jane Fonda ou Susanah York.



Johnny Depp e Martin Landau (nos papéis de Ed Wood e Bela Lugosi), no filme «Ed Wood», realizado por Tim Burton



Uma galeria de actores e actrizes em «O Caloiro da Máfia», de Andrew Bergman



Claudio Bigagli e Galatea Ranzi, num belo plano de «Fiorile», filme dos irmãos Taviani

Um aniversário, dois sustos e alguns reparos

■ Francisco Costa

«Hoje, a SIC é um projecto sólido, que dá lucros aos seus accionistas, e constitui, decerto, motivo de orgulho para todos os portugueses, porque apresenta uma programação moderna e inventiva que não fica a dever nada a qualquer outra estação de televisão do mundo desenvolvido.»

(Emídio Rangel, SIC - 06.10.97)

Mais nada! Toma lá! Embrulha!

Assim falou e disse **Emídio Rangel** no «Jornal da Noite» de segunda-feira passada na SIC, com a pesporrência que já se lhe conhecia de inúmeras entrevistas na imprensa e também de editoriais da estação, como aquele outro em que ele se justificou, por exemplo, dos porquês em entender não dever a SIC cumprir as leis. No caso: a que regula a divulgação das chamadas «sondagens à boca das urnas» em dia de eleições, isto para apenas lembrar uma célebre ocorrência (entre muitas!) que trouxe à pequena pantalha a desconforme arrogância do sujeito.

Um susto! (1)

Foi no dia em que a SIC comemorou os seus cinco anos de existência, com programação especial e ligações à finíssima festa que abrilhantou a grande zona monumental de Belém - ou, desculpem se me enganei, terá sido por acaso o contrário?

Descansem que não vos vou falar das figuras que alguns dos artistas SIC fizeram em actuações de variedades ao sabor da casa; nem de outro tipo de situações, posturas e personalidades representantes da sociedade civil, da política, da televisão, do espectáculo (e da cassete pirata!) que os nossos olhos viam em grande e democrática confraternização quando às vezes passávamos os olhos pela reportagem da tal festarola e que constituiu, sem dúvida, mais um flagrante sintoma daquela grande misturada de classes e profissões que morrem de amores pela estação de Carnaxide e a que Rangel se referia no seu editorial quando disse ser a SIC, em Portugal, «a única (estação de televisão) que conseguiu o apoio e a dedicação dos portugueses, em todas as regiões do país, em todos os estratos socioeconómicos e em todos os estratos etários».

O certo é que Rangel demonstrava, assim, ter desde há longo tempo percebido muito bem aquilo que o fenómeno SIC e congéneres pretenderam trazer ao panorama audiovisual deste país de brandos costumes: a estratégia friamente programada pelo sistema (e a si encomendada) de fazer confluir para um mesmo ecrã, aproveitando o facto de as pessoas gostarem de se mostrar na televisão (e fazendo com que elas se entretendam e distraiam umas às outras, dizendo ao mesmo tempo que se está a «devolver a palavra ao povo») pessoas sozinhas ou abaladas pela desgraça cuja infelicidade e vulnerabilidade é explorada até ao tutano em programas de reality show, como «Ponto de Encontro» ou quejandos, ou, ainda, no outro prato da balança, representantes do jet set nas suas tiradas superficiais em emissões mais ou menos VIP, destinadas a embasbacar o «povo» e a reduzi-lo à sua verdadeira dimensão de «maioria silenciosa», sempre de preferência batendo a bola baixo...

Quem ouvisse naquela noite Rangel até poderia esquecer-se, por momentos, da verdadeira face da realidade: ter sido a sua estação a maior responsável pelo alastramento de fenómenos perniciosos como a ditadura do pensamento e gosto únicos, o mais desbragado sensacionalismo, a tendência para o excêntrico, o obscuro e o objecto, o ressurgimento do «nacional-cançonetismo» (agora travestido de tonalidades «pimba») ou, ainda, de outros e variados exemplos da alienação de valores e do «telelixo», estudadamente entremeados de muito positivos (mas apenas pontuais) desenvolvimentos no campo da informação televisiva.

Mas Rangel disse mais! Por exemplo: «a SIC e os seus profissionais têm assim fundadas razões para estarem satisfeitos com o seu trabalho. Todos podem hoje erguer, de consciência tranquila, as suas taças por este 5º aniversário que se vive em comunhão inteira com a população portuguesa de Norte a Sul do país.». E, por último, ameaçou: «Amanhã, começa outra etapa. Com o mesmo empenho, entusiasmo e ousadia, vamos tentar fazer ainda melhor!» Ou seja: avizinha-se uma escalada assustadora!

Outro susto (2)

«Em «Reis do Estúdio», Quatro Grupos (de preferência familiares) são recebidos num primeiro ambiente cenográfico de living, no Estúdio, passando depois à Sala de Ensaios para alguns treinos.

São mostradas (em gravação prévia in situ) os respectivos ambientes de vida.

Da Sala de Ensaios (e através de um túnel que os transforma em vedetas, com o seu novo guarda-roupa), passam para o grande Estúdio, no qual são recebidos.

Cada grupo apresenta sempre dois temas: um cantado ou tocado a solo e outro executado em Grupo.

Um Júri de cinco personalidades julgará - mediante classificação numeral - as oito actuações.

Deste Júri participa sempre um cantor convidado que, no final do programa, interpretará, ele próprio, um dos dois temas apresentados pelo Grupo Vencedor da Eliminatória.

Em cada Eliminatória, os elementos de cada Grupo assinam um Livro de Honra e recebem o Anel Real pela presença; cada Vencedor de Eliminatória recebe um Ceptro.



Em cada Semi Final todos os elementos se apresentam com Anel e Ceptro já ganhos e cada um dos quatro elementos do Grupo Vencedor recebe um Manto Real.

Na Final todos se apresentam com Anel, Ceptro e Manto e todos os quatro elementos do Grupo Vencedor recebem as respectivas quatro Coroas de Rei, além do prémio monetário.»

É assim, senhoras e senhores, que, no Boletim de Programas



da RTP, se dá conta do conteúdo de um novo programa-concurso, «Reis do Estúdio» de seu nome, que todos os domingos passará a abrilhantar a nova e imaginativa grelha com que a estação da 5 de Outubro certamente espera ir-se afirmando na sua guerra de audiências com a vizinha SIC...

Se é certo que a simples leitura da referida folha de promoção pode constituir um novo susto para o espectador, não se sabe, entretanto, que pensar ao lermos a redacção desse texto. Será possível que ele tenha saído da pena de um responsável do nosso «serviço público» de televisão? Ou será que, para não dar muito trabalho, apenas foi utilizado, para o efeito, tal e qual o texto da sinopse que o produtor (externo, pois claro!) apresentou à RTP para apresentação do projecto? E, se foi esse o caso, como é que esta se permite aceitar e transformar em forma de programa uma tal proposta? Qual das hipóteses é que o leitor-espectador prefere?

Notas soltas...

- Na passada 6ª feira, 3 de Outubro, segundo a programação que vinha nos jornais, previa-se que a emissão da RTP 2 pudesse vir a acabar cerca das quatro da manhã, ou seja quando terminasse o programa «Música Maestro» (com uma sinfonia de Mozart) previsto para começar às... 3,15 da manhã! Vai-se a ver e a emissão encerrou, afinal, por volta das 2 e meia da manhã, depois do último episódio da série «A Dor da Bélgica», tendo sido anulados, de uma penada, não só o tal programa musical como, também, a transmissão do 3º episódio da série «Estranhas Circunstâncias».

Ou seja: alguém de bom senso reparou em mais este dislate da programação e resolveu o assunto da melhor maneira que lhe veio à cabeça: encerrando as portas mais cedo! Simplesmente, uma pergunta fica no ar: por que é que esta emenda de mão foi tão tardia e sem aviso prévio? E outra: não seria devida uma explicação a quem eventualmente tivesse programado o videogravador para guardar o concerto numa cassete?

- No passado sábado, 4 de Outubro, fez 40 anos que foi lançado o primeiro «Sputnik» soviético, que constituiu o primeiro acto mais visível da exploração científica do espaço, uma importante conquista para os saberes da Humanidade. Alguém viu a efeméride recordada no «Telejornal» dessa noite?

- Na passada 4ª feira, 1 de Outubro, realizou-se no Grande Auditório da Culturgest o «Concerto dos Laureados» do Prémio Jovens Músicos organizado pela RDP - Antena 2 e que já vai na sua 11ª edição. A imprensa falava de quatro jovens solistas altamente esperançosos - um trompista, um percussionista, uma violinista e uma pianista - que seriam acompanhados pela Orquestra Sinfónica Portuguesa sob a direcção de Alvaro Cassuto. Ao contrário do que aconteceu com a própria Antena 2, que anunciou uma emissão em directo, não vimos (nem ouvimos) qualquer transmissão do evento por parte da RTP.

Será que o «serviço público» só está cometido à (e é para ser cumprido pela) RDP? Será que não poderia haver um acordo entre as duas empresas para a comparticipação nos encargos e na divulgação e projecção desta iniciativa cultural? Ou será que, estando a sua emissão ocupada com outros programas seguramente mais importantes, a RTP programou esta transmissão para uma outra ocasião, quiçá em diferido?

- A mesma questão se justifica colocar em relação a outra hipótese, a outro evento, realizado no mesmo dia mas no Centro Cultural de Belém. Esse era um concerto de apresentação e estreia de obras de quatro jovens compositores portugueses. A RTP terá lá estado? Iremos ver alguma coisa em gravação? Ou será que, para além do bónus quotidiano do «Acontece», a cultura viva portuguesa é algo que só serve de empecilho aos doutos programadores da RTP?

- Quem costuma ver televisões estrangeiras, já deve ter reparado numa inserção final, em alguns programas de natureza cultural ou científica com produção de especial relevo e qualidade, que nos informa terem sido eles produzidos ao abrigo de um programa de subsídios e incentivos da União Europeia para a televisão em 16:9, ou seja, para o futuro formato da televisão de alta definição. Estes subsídios estão à espera de quem, produtores privados ou instituições públicas, a eles se candidate. Já teve o telespectador português a oportunidade de enxergar algum programa produzido ao abrigo desta possibilidade, na nossa RTP? E, já agora, alguma vez esse mesmo espectador terá visto e ouvido perguntas como estas serem feitas, na nossa Assembleia da República, aos nossos governantes?

ESCAPARATE

FESTIVAIS

Chega ao fim o «Sete Sóis, Sete Luas»

Com espectáculos a realizar amanhã e nos próximos dois domingos, termina a edição deste ano do 5º Festival Luso-Italiano de Arte e Cultura...



O percussionista Peppe Consolmagno

Consolmagno, na sexta-feira 10, no Cine-Teatro Curvo Semedo, haverá um espectáculo de dança contemporânea por Julie Ann Anzillotti...



O actor brasileiro Caca Carvalho

«A Cidade e a Música», no Barreiro

Subordinado a este título, realiza-se desde o passado dia 4 e prolongar-se-á até 31 de Outubro, um ciclo de concertos abrangendo várias áreas musicais...

TEATRO

Teatro em português (1)

«Com «Haja Harmonia», de Mário de Carvalho, aproximamo-nos quase completamente do processo criativo que, pessoalmente, julgo poder ser o mais produtivo para o teatro português...



autor e encenador) resolveu agora, em boa hora, repô-la em cena. Com cenários e figurinos de Rita Lopes Alves e música de José Ediardo Rocha...

Teatro em português (2)

Também de um autor português é a peça «O Fim, ou Tende Misericórdia de Nós» que ainda poderá ser vista até ao próximo domingo...

LIVROS

LEONILDE LEAL EMENTAS DO DIA POÉTICO



Ementas do Dia Poético

Leonilde Leal volta a publicar na editorial Escritor. Poesia, desta vez e uma primeira vez, já que os anteriores livros da autora foram escritos no registo da prosa...

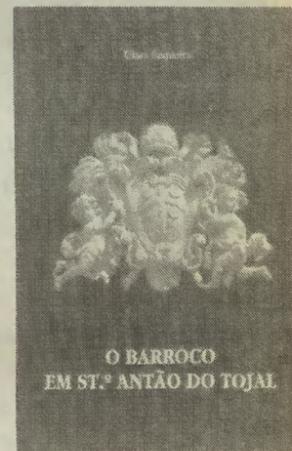
CLASSICA

Ainda a Música Antiga

Neste capítulo da arte dos sons, continuam em primeiro plano as «Jornadas de Música Antiga» integradas na Temporada de Música e Dança da Fundação Calouste Gulbenkian...



O maestro Jordi Savall



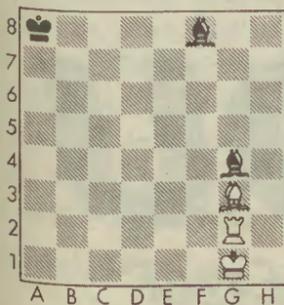
O Barroco em Santo Antão do Tojal

Já aqui temos recensado publicações editadas por autarquias. O poder local democrático tem vindo, neste âmbito, a contribuir amplamente...

XADREZ

DCXXVI - 9 DE OUTUBRO DE 1997 PROPOSIÇÃO Nº 1997X35 Por: MIROSLAV HAVEL

Pr.: [3] Bs, f8, g4 - Ra8 Br.: [3] Bg3 - Tg2 - Rg1



Branças jogam e ganham

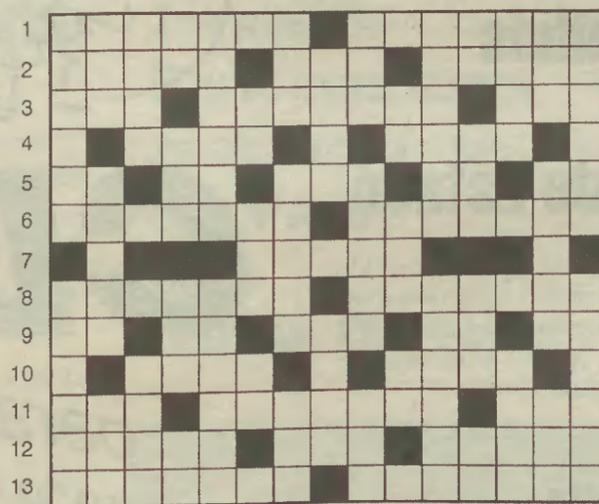
SOLUÇÃO DO Nº 1997X35 [M. H.]

1. Bf2, Bg6; 2. Tg6, Bd5; 3. Tg5, Bc4; 4. Tg4, Bb3; 5. Tg3, Ba2; 6. Tg3, Bb7; 7. Tg3, Bd6; 8. Td3, Bb4; 9. Td4 e g.

A. de M. M.

PALAVRAS CRUZADAS

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15



HORIZONTAIS: 1 - Peça de madeira ou metal para juntar ou segurar chapas; interrogatória especial aos alunos. 2 - Ferro puxado à feira; patrão; peça de vestuário feminino...

VERTICAIS: 1 - Invólucro filamentosos construído pela larva do bicho-da-seda e de outros insectos; diz-se do animal que só tem um ano (pl.). 2 - Sapo do Amazonas; instrumento com que se assobia; agora...

SOLUÇÃO DO Nº 1997D35 [N. R.] 1. 49-32; (33-39); 2. 32x35; (29-33*); 3. 9-27... + 1. ... (24-30); 2. 32x35; (33-39*); 3. 9-20 [Dual: 9-27] +

A. de M. M.

FILARMÓNICAS

Um Festival no Seixal

Constituindo um incentivo à manutenção em actividade das bandas e filarmónicas do concelho - formações musicais que, a par da formação académica nos estabelecimentos de ensino especializados...

JAZZ

Ser ou não ser?

Com a participação de dois conjuntos de formação instrumental diferente, realiza-se nas noites de 6ª feira e Sábado, pelas 22 horas, no Pequeno Auditório do Centro Cultural de Belém...



O Quarteto de João Paulo

ATALHE DE FOICE

Big Show Rosa

«Vamos embora, Agostinho! Até os comemos!» - a fazer fé no "Público" de domingo, foi com esta tirada, tão brilhante quanto profunda, que o ministro adjunto Jorge Coelho deu ordem de marcha ao motorista, no final da magna sessão com que no sábado o partido do Governo comemorou, no Coliseu dos Recreios de Lisboa, o 2º aniversário da vitória das legislativas.

Sem pretender trazer à colação as particularidades linguísticas dos nossos governantes, em particular dos que, como Jorge Coelho, são mais dados às canibais metáforas, cabe reconhecer que, no caso vertente, a frase se justifica com toda a propriedade. No Coliseu, os dirigentes do PS entregaram-se à prática colectiva de mirar o umbigo, acarinharam o ego até à exaustão, reeditaram em versão rosa as teorias do oásis e do caos, colocaram as cordas vocais em unísono para o auto-elogio. Em suma, fizeram a festa, deitaram os foguetes e ainda foram a correr apanhar as canas.

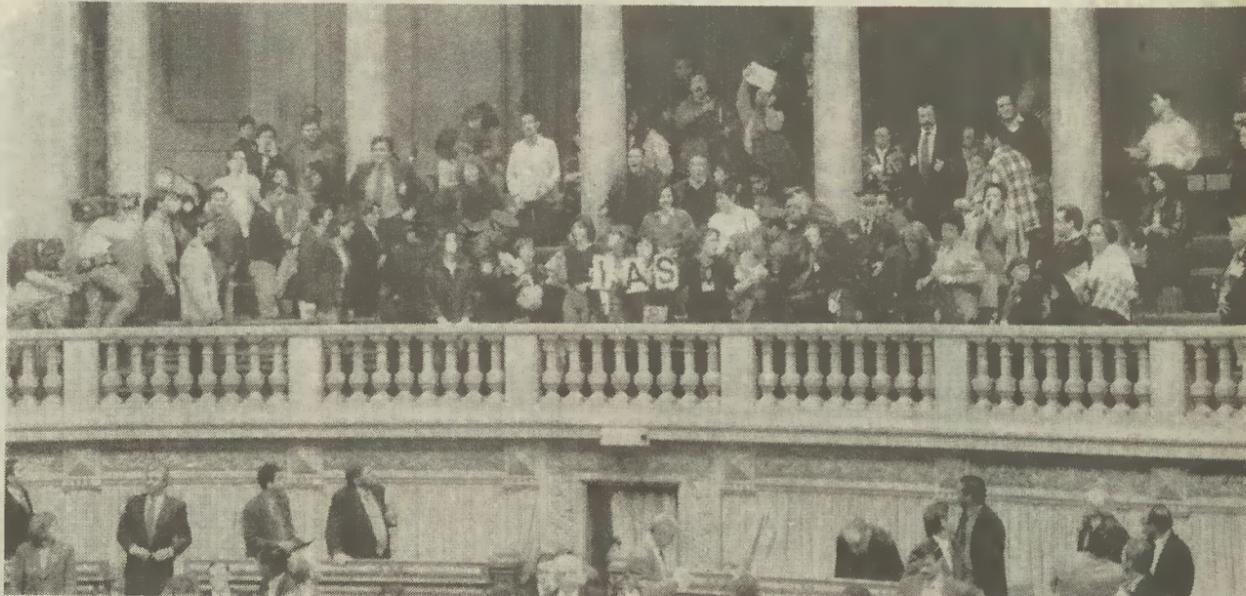
A menos que a família socialista esteja ainda pior do que se pensa - o que não sendo de todo de excluir é algo difícil de aceitar, tanto mais que só lá vão dois anos à mesa do orçamento e o banquete ainda não se esgotou-, a não ser nesse caso, repete-se, legítimo se torna concluir que tanto espalhafato foi menos para consumo interno e mais, muito mais, para consumo externo. Ou seja, o Big Show Rosa destinou-se a comer-nos por tolos ou, se se preferir, a comer-nos as papas na cabeça.

Excepção feita aos confettis na sempre impecável cabeleira de Fernando Gomes, a sessão do Coliseu não apresentou novidades. A bem dizer, não passou de uma reprise da prestação cavaquista. Por lá desfilaram os elogios dos estrangeiros aos bons alunos, os sucessivos êxitos da governação que a cegueira colectiva da oposição impede de ver, a sorte grande que foi a chegada do PS ao poder para salvar o país do caos, os malefícios terríveis que se anunciam com o renascer das forças de bloqueio, a necessidade imperiosa de estabilidade, os apelos apologeticos à maioria absoluta, etc., etc., etc. Cavaco, lá do seu retiro onde espreita o regresso, há-de ter gostado. Em particular daquela frase lapidar de Guterres: «De nós só a oposição diz mal», que é de rir até às lágrimas, sobretudo quando se recorda a bagunça reinante nas hostes do PS a propósito de casos como a revisão constitucional ou da regionalização, para já não falar do verdadeiro toma-lá-dá-cá a que se assiste na feitura das listas para as autárquicas, onde os ultimatums são mais do que as moscas. E isto, claro, dando de barato o fundo da questão na sentença guterrista, que é tão-só a constatação de que a «oposição», como lhe chamou, por acaso até representa a maioria do eleitorado. Mas já se sabe que o forte do engenheiro não são os números, são as pessoas, como de resto voltou a reafirmar, tão convencido que mais uma vez não conseguiu ser convincente.

A identificação do discurso PS ao discurso PSD de Cavaco foi tão grande que, se os comícios tivessem direito de autor, o professor de Boliqueime tinha motivos de sobra para mover um processo por plágio.

Do Big Show Rosa no Coliseu pouco ficará para a história. Parafrazeando o ministro Jorge Coelho, é caso para dizer que os Aníbal Guterres ou os Antónios Cavacos não-de acabar comidos pelo julgamento popular.

■ Anabela Fino



O anterior debate, na Assembleia da República, em torno da alteração da legislação sobre IVG, gerou um grande movimento de opinião

PCP apresenta Projecto de Lei sobre IVG

O Grupo Parlamentar do PCP apresentou, terça-feira passada, na Assembleia da República, um Projecto de Lei sobre a Interrupção Voluntária da Gravidez que contempla, nas suas linhas

gerais, as mesmas soluções do Projecto apresentado na anterior legislatura.

No documento agora apresentado lembra-se que "as propostas de legalização do aborto a pedido da mulher, nas pri-

meiras 12 semanas, designadamente com fundamento em razões de ordem social e económica, reuniram o maior apoio parlamentar de sempre".

O texto denuncia o aborto clandestino como um problema social e de saúde pública, constituindo no nosso país, como o indicam as estatísticas, a segunda causa de morte materna (a primeira, entre adolescentes).

O Projecto de Lei sublinha que "a Lei penal é claramente impotente para amparar e proteger a vida intra-uterina". São outros os caminhos a seguir - "São as medidas sociais, as medidas necessárias para proporcionar às mulheres a concretização do seu direito a uma maternidade feliz, que verdadeiramente protegem o embrião e o feto".



Carlos Carvalho participa no Conselho de Estado

O Secretário-geral do PCP participou na segunda-feira passada, na reunião do Conselho de Estado que aprovou - apenas com o voto contra de Alberto João Jardim -, o parecer favorável à nomeação dos ministros da República para os Açores e para a Madeira, respectivamente Monteiro Dinis e Alberto Sampaio da Nóvoa.

Álvaro Cunhal teve alta

O camarada Álvaro Cunhal teve alta na manhã da passada terça-feira, do Hospital dos Capuchos, onde tinha sido internado no sábado, na sequência de uma indisposição causada por uma gastro-enterite.

Este facto confirmou a evolução positiva do seu estado de saúde que já havia sido referida em informação do Gabinete de Imprensa do PCP que, no passado domingo, tinha anunciado que se considerava que o estado de saúde do camarada Álvaro Cunhal «não inspirava cuidados especiais», se encontrava em recuperação e se previa que tivesse alta brevemente.

Durante os três dias do seu internamento no Hospital dos Capuchos, o camarada Álvaro

Cunhal recebeu sempre visitas, designadamente de vários dirigentes do PCP, incluindo o Secretário-geral do PCP, camarada Carlos Carvalho.

Acompanharam também a evolução da situação de saúde de Álvaro Cunhal, o primeiro-ministro, engº António Guterres, que o visitou nos Capuchos, o Presidente da Assembleia da República, dr. Almeida Santos, que lhe telegrafou, e o Presidente da República, dr. Jorge Sampaio, que esteve em contacto com o Hospital. Muitas outras individualidades de diferentes sectores da vida nacional contactaram o próprio ou o PCP, transmitindo também os seus votos de pronto restabelecimento.



CDU

para fazer
o que é preciso.

PCP-PEV



Comício-festa da CDU no dia 25 de Outubro

Já está fixado para o próximo dia 25, sábado, no Coliseu dos Recreios de Lisboa, a partir das 18 horas, um grande comício-festa da Coligação Democrática Unitária.

O comício, que terá uma primeira parte de actuações musicais, contará com a presença de um grande número de candidatos da CDU às próximas eleições autárquicas. Estão previstas intervenções de alguns cabeças-de-lista e actuais presidentes de câmaras municipais, e de representantes das forças políticas que integram a coligação (PCP, PEV e ID). A encerrar o comício, intervirá Carlos Carvalho.

